

Forrest Gump



Winston Groom

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

WINSTON GROOM

FORREST GUMP
O contador de histórias

Tradução de
ANA LUÍSA DANTAS BORGES

The logo for the publisher Rocco, featuring the name in a stylized, handwritten-style font.

Rio de Janeiro — 1995

Titulo original
FORREST GUMP

Copyright © 1986 by Perch Creek Realty and Investments Corp.

Direitos mundiais para a língua portuguesa
reservados com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Rodrigo Silva, 26 — 5º andar
20011-040 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 507-2000 — Fax: 507-2244
Telex: 38462 EDRC BR

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

preparação de originais
ELISABETH LISSOVSKY

revisão
HENRIQUE TARNAPOLSKY
WALTER VERÍSSIMO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Groom, Winston, 1944 -
G914f Forrest Gump: o contador de histórias / Winston Groom;
tradução de Ana Luísa Dantas Borges. — Rio de Janeiro:
Rocco, 1995

Tradução de: Forrest Gump
1. Romance norte-americano. I. Borges, Ana Luísa Dantas.
II. Título.

95-0066

CDD - 813
CDU - 820 (73) - 3

Para Jimbo Meador e George
Radcliff, que sempre deram
importância a ser gentil com
Forrest e seus amigos.

Há um prazer indiscutível
em ser louco, como só os
loucos sabem. DRYDEN

1

Vou dizer uma coisa: ser idiota não é nenhuma caixa de chocolates. As pessoas riem, perdem a paciência, são mesquinhas com você. Dizem que se deve ser atencioso com os deficientes, mas vou dizer uma coisa: nem sempre é assim. Mas não me queixo, porque acho que levei uma vida muito interessante, por assim dizer.

Tenho sido um idiota desde que nasci. Meu QI está próximo de 70, o que me define, segundo eles. É provável que eu seja quase um imbecil ou, talvez, um retardado, mas, pessoalmente, prefiro pensar em mim mesmo como um *débil mental*, ou algo assim — e não um idiota —, porque quando as pessoas pensam em idiota, é certo pensarem num daqueles *idiotas mongolóides* — aqueles que têm os olhos juntinhos como chineses, e babam à beça, e brincam com eles mesmos.

Bem, eu sou lento, disso não há dúvida, mas provavelmente sou mais inteligente do que as pessoas imaginam, porque o que se passa na minha mente é uma visão diferente da que vêem. Por exemplo, posso pensar coisas muito bem, mas quando tento dizer ou escrever, elas saem como uma espécie de gelatina, ou coisa parecida. Vou mostrar o que quero dizer.

Outro dia, eu descia a rua e um homem trabalhava em seu quintal. Ele tinha um monte de arbustos para plantar e me disse “— Forrest, quer ganhar um dinheirinho?” — e eu disse — ã-hã —, e então ele me pôs para remover a sujeira. Foram uns dez ou doze carrinhos de sujeira, na hora mais quente do dia, transportando a torto e a direito. Quando acabei, ele tirou um dólar do bolso. Eu devia mesmo é ter ficado com muita raiva por causa do baixo

pagamento, mas em vez disso, peguei o maldito dólar e tudo que disse foi “obrigado”, ou algo pateta parecido e continuei a descer a rua, enrolando e desenrolando o dólar na mão, me sentindo um idiota.

Percebem o que quero dizer?

Mas eu sei alguma coisa sobre idiotas. Provavelmente é a única coisa que sei, mas li sobre eles — desde o idiota daquele cara Dochoévski, até o bobo do Rei Lear, o idiota de Faulkner, Benjie, e até mesmo o velho Boo Radley em *To kill a mockingbird* — ele era um idiota sério. No entanto, o que mais gosto é do velho Lennie, em *Ratos e homens*. A maioria desses caras escritores contam direito — porque seus idiotas são sempre mais espertos do que as pessoas reconhecem. Poxa, como concordo com isso. Qualquer idiota concordaria. Hi, hi.

Quando nasci, minha mãe me deu o nome de Forrest por causa do general Nathan Bedford Forrest, que lutou na Guerra Civil. Mamãe sempre dizia que, de alguma maneira, éramos um pouco parentes do general Forrest. E ele foi um grande homem, ela dizia, exceto quando fundou a Ku Klux Klan depois que a guerra acabou. Até minha avó dizia que era um bando de gente ruim. Com o que até posso concordar, porque aqui, o Grão-Mestre Bispo, ou seja lá como chama a si mesmo, tem uma loja de armas na cidade e, certa vez, quando eu tinha uns doze anos, passava por lá e olhei a vitrina, e ele tava pegando, lá dentro, uma corda grande usada por carrascos pra enforcar. Quando me viu, botou ela em volta do próprio pescoço, e puxou pra cima, como se estivesse se enforcando, e pôs a língua pra fora, tudo isso só pra me assustar. Eu saí correndo e me escondi atrás de uns carros no estacionamento, até alguém chamar a polícia, eles virem e me levarem pra casa, pra mamãe. Por isso, o que quer que o general Forrest tenha feito, fundar essa tal de Klan não foi uma boa idéia — qualquer idiota diria a mesma coisa. Apesar disso, foi assim que ganhei meu nome.

Minha mãe é uma pessoa boa de verdade. Todo mundo diz isso. Meu pai morreu logo depois que eu nasci, por isso nunca

conheci ele. Ele trabalhava no cais como estivador e, um dia, um guindaste levantava uma rede com um grande carregamento de bananas num dos

navios da United Fruit Company, e alguma coisa quebrou e as bananas despencaram e esmagaram ele, deixando ele chato como uma panqueca. Certa vez ouvi uns homens falando do acidente — diziam que foi uma confusão danada, meia tonelada de bananas e meu pai esborrachado embaixo. Não ligo muito pra bananas, a não ser pra pudim de bananas. Disso eu gosto mesmo.

Minha mãe recebeu uma pequena pensão do pessoal da United Fruit e aceitou hóspedes em nossa casa, o que deu pra gente se virar. Quando eu era pequeno, ela me mantinha quase sempre dentro de casa, pra que os outros meninos não me incomodassem. Nas tardes de verão, quando estava muito quente mesmo, ela costumava me colocar lá embaixo, na sala de visitas, e fechava as venezianas, de modo que ficava escuro e fresco, e me preparava um jarro de frescos de lima. Depois ficava ali conversando comigo, só conversando, sem falar sobre nada em particular, como alguém falaria com um cachorro ou um gato, mas eu me acostumei e gostava disso porque sua voz fazia eu me sentir seguro e bem.

No começo, quando eu tava crescendo, ela deixava eu sair e brincar com todo mundo, mas então ela descobriu que eles implicavam comigo, e um dia um dos garotos bateu em minhas costas com uma vara, enquanto eles me perseguiam, e a coisa foi aumentando e virou uma surra de dar medo. Depois disso, ela me disse pra nunca mais brincar com aqueles garotos. Tentei brincar com as garotas, mas não era muito melhor, porque elas corriam de mim.

Mamãe achou que seria bom eu ir pra escola pública porque talvez isso ajudasse a eu ser como todo mundo, mas depois de pouco tempo procuraram a mamãe e disseram que eu não devia

estar ali como todo mundo. Mas deixaram eu terminar o primeiro ano. Às vezes, enquanto a professora falava, não sei o que se passava na minha cabeça, mas eu começava a olhar pra fora da janela, pros passarinhos, esquilos, e coisas que subiam e ficavam num grande carvalho, e, então, a professora vinha e reclamava comigo. Às vezes, acontecia uma coisa estranha comigo e eu começava a berrar, e então ela mandava eu sair e sentar no banco do corredor. As outras crianças nunca brincavam comigo, a não ser para me enxotar ou fazer com que eu gritasse pra que pudessem rir de mim — todas, menos Jenny Curran, que pelo menos não corria de mim e às vezes deixava eu ficar do lado dela quando a gente ia pra casa depois das aulas.

Mas, no ano seguinte, me botaram num outro tipo de escola e vou dizer uma coisa: era esquisita. Era como se eles saíssem por aí recolhendo tudo que é pessoa estranha e juntassem todas elas, incluindo as de minha idade e mais novas até rapazes grandes de dezesseis ou dezessete anos. Tinha retardos e espasmos de todo tipo e meninos que não conseguiam nem comer, nem ir ao banheiro sozinhos. Provavelmente eu era o melhor do bando.

Tinha um garoto grande e gordo. Ele devia ter mais ou menos uns quatorze anos, e sofria de uma coisa que fazia ele tremer todo como se estivesse na cadeira elétrica, ou algo assim. A srta. Margaret, nossa professora, mandou eu ir ao banheiro com ele, quando ele precisava ir, pra que ele não fizesse nada esquisito. Mas, de qualquer jeito, ele fez. Eu não sabia como fazer ele parar, por isso me tranquei num dos compartimentos e fiquei ali até ele acabar e, daí, levei ele de volta pra sala.

Fiquei nessa escola por cinco ou seis anos. Não era ruim de todo. Deixavam que a gente pintasse com os dedos e fizesse pequenas coisas, mas em geral, só ensinavam coisas como amarrar os sapatos e não babar a comida, nem ficar furioso, nem gritar e berrar e espalhar cocô em tudo. Quase não usavam livros — a não ser pra mostrar como interpretar os sinais de rua, e coisas como a diferença entre banheiros de Cavalheiros e de Senhoras. De

qualquer modo, com todos aqueles malucos graves seria impossível transmitir qualquer coisa mais que isso. Além do mais, acho que a intenção era nos manter longe da raiva dos outros. Afinal, quem quer ver um bando de retardados andando à solta? Até eu podia entender isso.

Quando fiz treze anos, algumas coisas estranhas começaram a acontecer. Primeiro, comecei a crescer pra cima. Cresci quinze centímetros em seis meses, e minha mãe tinha de estar sempre encompridando minhas calças. Também comecei a crescer pro lado. Quando eu tinha dezesseis, media um metro e noventa e oito e pesava cento e vinte e um quilos. Eu sei por que me levaram e me pesaram. Eles disseram que simplesmente não conseguiam acreditar.

O que aconteceu depois causou uma mudança significativa em minha vida. Certo dia, eu voltava pra casa da escola de birutas e um carro parou ao meu lado. O cara me chamou e perguntou meu nome. Eu disse e, então, ele perguntou qual era minha escola e como nunca tinha me visto por ali. Quando falei da escola de birutas, ele perguntou se eu já tinha jogado futebol. Balancei a cabeça. Acho que devia dizer que já tinha visto meninos jogando, mas que eles nunca deixavam eu jogar. Mas como já disse, não sou muito bom em conversas longas, por isso fiz que não com a cabeça. Isso foi umas duas semanas depois das aulas recomeçarem.

Mais ou menos três dias depois, eles vieram e me tiraram da escola de birutas. Minha mãe estava lá, e também o cara do carro e mais duas pessoas que pareciam seus capangas — acho que pro caso de eu aprontar alguma coisa. Pegaram tudo que era meu e colocaram numa sacola de papel marrom e disseram pra eu me despedir da srta. Margaret, e de repente ela começou a chorar e me deu um grande abraço. Depois, eu disse adeus a todos os outros birutas, e eles estavam babando, tendo ataques, batendo nas carteiras com os punhos. E daí fui embora.

Mamãe foi na frente com o cara e eu fiquei no banco de trás, entre os capangas, igualzinho como a polícia faz naqueles filmes quando levam você pra “central”. Só que a gente não tava

indo pro centro. A gente ia pra nova escola secundária que tinham construído. Quando chegamos, eles me levaram pra sala do diretor, e mamãe, eu e o cara entramos, enquanto os dois gorilas esperavam no vestibulo. O diretor era um homem velho de cabelos grisalhos com uma mancha na gravata

e calças largas, e parecia que também tinha saído da escola de birutas. Todos nos sentamos e ele começou a explicar coisas e a me fazer perguntas, e eu só balançava a cabeça, mas o que eles queriam é que eu jogasse futebol. Isso eu entendi por mim mesmo.

Acontece que o cara no carro era um técnico de futebol chamado Fellers. Nesse dia eu não fui à aula nem nada, mas o técnico Fellers me levou ao vestiário, e um dos gorilas me pôs um daqueles uniformes de futebol, com todo aquele enchimento e um capacete de plástico realmente bonito com uma coisa na frente para não deixar meu rosto ser esmagado. O único problema foi que não conseguiram achar sapatos que coubessem nos meus pés, por isso tive de usar meu tênis até que encomendassem outros.

O técnico Fellers e os gorilas me vestiram com a roupa de jogador, depois me fizeram tirar a roupa, e depois me vestir de novo, umas vinte vezes, até que soubesse fazer sozinho. Durante algum tempo tive dificuldade em entender aquela coisa de atleta, porque não conseguia ver uma boa razão para estar vestindo aquilo. Bem, eles tentaram me explicar e, então, um dos gorilas disse pro outro que eu era um “palerma” ou coisa parecida, e acho que eles pensaram que eu não ia entender, mas entendi, porque presto uma atenção especial a esse tipo de merda. Não que fira meus sentimentos. Tenho sido chamado de coisas bem piores que essa. Mas percebi, apesar de tudo.

Depois de algum tempo, um bando de meninos começou a entrar no vestiário, e a tirar a roupa de futebol dos armários e a se vestir. Então fomos todos pra fora e o técnico Fellers reuniu todo

mundo, me pôs na frente e me apresentou. Ele dizia um monte de merda que eu não acompanhava direito porque eu tava morrendo de medo, pois ninguém nunca me tinha apresentado a um bando de estranhos. Depois, alguns se aproximaram e apertaram minha mão dizendo que tavam felizes por eu estar ali e esse tipo de coisa. Depois o técnico Fellers soprou um apito, e levei o maior susto, e todos começaram a pular em volta pra se exercitar.

É uma história longa o que aconteceu em seguida, mas, de qualquer modo, comecei a jogar futebol. O técnico Fellers e um dos gorilas me deram atenção especial já que eu não sabia jogar. Tinha aquela coisa de ter de bloquear as pessoas. Tentavam explicar tudo direitinho pra mim, mas depois da gente tentar um montão de vezes, ninguém ficou satisfeito, porque eu não conseguia lembrar o que tinha de fazer.

Então tentaram outra coisa, que chamam de defesa, em que colocam três caras na minha frente e tenho de passar por eles e agarrar o cara que leva a bola. A primeira parte era mais fácil, porque eu só tinha de empurrar e derrubar os outros caras, mas não estavam satisfeitos com a maneira como eu agarrava o cara com a bola, e finalmente me mandaram atacar um carvalho enorme umas quinze ou vinte vezes — acho que era pra eu me acostumar com aquilo. Depois de algum tempo, quando acharam que eu tinha aprendido alguma coisa com o carvalho, me colocaram de volta com os três caras e o que carregava a bola, e ficaram furiosos porque eu não fui pra cima dele de modo violento depois de ter tirado os outros do caminho. Ouvi muito desaforo naquela tarde, e quando paramos de treinar fui ver o técnico Fellers e disse pra ele que não tinha querido pular no cara que levava a bola para não machucar ele. Ele me disse que não machucaria porque o uniforme protegia ele. Na verdade eu não tava com tanto medo de ferir ele quanto de que ficasse com raiva de mim e recomeçassem a me perseguir se eu não fosse legal com todo mundo. Resumindo a história, levei algum tempo para pegar o jeito.

Nesse meio tempo tive de ir à aula. Na escola de birutas, a gente não tinha muito o que fazer, mas ali eles eram mais sérios. De alguma forma, organizaram tudo de modo que eu tivesse três aulas iniciais de familiarização com a escola, onde você apenas se senta e faz o que quiser, e mais três aulas com uma moça que me ensinava a ler. Só nós dois. Ela era muito simpática e bonita, e mais de uma vez tive pensamentos maldosos com ela. Seu nome era srta. Henderson.

A única aula de que eu gostava era o almoço, mas acho que não dá pra chamar aquilo de aula. Na escola de birutas, mamãe preparava um sanduíche, um pedaço de bolo e uma fruta — exceto bananas — pra eu levar. Mas nessa outra escola, havia uma lanchonete com nove ou dez coisas diferentes pra comer e eu tinha dificuldade em decidir o que queria. Acho que alguém deve ter dito alguma coisa, porque depois de uma semana mais ou menos, o técnico me procurou e disse que eu fosse fundo e comesse o que quisesse porque tinha sido “providenciado”. Que merda!

Adivinha quem era da minha turma de familiarização? Nada mais, nada menos que Jenny Curran. Ela me viu no vestíbulo e disse que se lembrava de mim do primeiro grau. Ela tinha crescido, tinha os cabelos pretos bonitos, pernas longas e um rosto atraente, e também outras coisas que não posso dizer.

O futebol não estava indo exatamente como o técnico Fellers gostaria. Ele parecia muito insatisfeito e estava sempre gritando com as pessoas. Gritava comigo também. Eles tentavam imaginar uma maneira de eu simplesmente ficar parado numa posição impedindo que os outros rapazes agarrassem o que levava a bola, mas não deu certo a não ser quando corria com a bola direto para o meio da linha. O treinador estava menos satisfeito ainda com o meu ataque, e vou confessar uma coisa: passei um tempão no carvalho. Simplesmente eu não conseguia me jogar em cima do

rapaz que levava a bola, como eles queriam que eu fizesse. Alguma coisa me impedia de fazer isso.

Então, um dia, um acontecimento mudou tudo isso também. Na lanchonete, eu peguei minha comida e fui sentar perto de Jenny Curran. Eu não dizia nada, mas ela era a única pessoa na escola que eu conhecia razoavelmente, e era bom sentar ali com ela. A maior parte do tempo ela não prestava atenção em mim, e falava com outras pessoas. No começo, eu me sentava com alguns jogadores, mas eles agiam como se eu fosse invisível ou coisa parecida. Pelo menos Jenny Curran agia como se eu estivesse lá. Mas pouco tempo depois disso, comecei a reparar num outro cara que também ta-va lá. Ele começou a soltar piadinhas a meu respeito. Dizia besteiras como “Como vai, pateta?” e coisas assim. E isso continuou por uma ou duas semanas e eu não respondia nada, até que finalmente eu disse — ainda agora, mal acredito que tenha dito isso — “não sou nenhum pateta”, e o cara simplesmente olhou pra mim e começou a rir. Jenny Curran disse pra ele ficar calado, mas ele pegou uma caixa de leite e entornou no meu colo. Eu dei um pulo e fugi porque me assustei.

Mais ou menos um dia depois, esse cara me encontrou no corredor e disse que ia me “pegar”. O dia todo eu senti um medo terrível, e à tarde, quando eu saí pra ir pro ginásio, lá estava ele, com a turma de seus amigos. Eu tentei ir pelo outro lado, mas ele me alcançou e começou a empurrar meus ombros. E ele dizia todo tipo de coisa ruim, me chamando de “imbecil” e coisas assim, e, então, me bateu no estômago. Não doeu muito, mas eu quase comecei a chorar, e então me virei e comecei a correr, e percebi que ele e os outros corriam atrás de mim. Corri o mais rápido que pude pro ginásio, atravessei o campo de treinamento de futebol e, de repente, vi o técnico Fellers, sentado na arquibancada me observando. Os caras que me perseguiam pararam e foram embora. O técnico Fellers — ele tava com uma cara realmente esquisita — mandou que eu fosse me vestir imediatamente. Um pouco mais tarde, ele foi ao vestiário com as jogadas desenhadas num pedaço

de papel — três delas — e disse que eu decorasse elas o máximo que eu pudesse.

A tarde, no treino, ele organizou dois times, e de repente, o zagueiro me deu a bola e era pra eu correr na linha do *touchdown* pelo lado. Quando começaram a me perseguir, corri o mais rápido que pude — foi preciso sete ou oito deles para me segurar. O técnico Fellers ficou muito feliz; pulava e gritava, dava tapinhas nas costas de todo mundo. Já tínhamos corrido muito antes, mas acho que sou muito mais rápido quando estão me perseguindo. Que idiota não seria?

De qualquer modo, fiquei muito mais popular depois disso, e os outros caras do time começaram a ser mais simpáticos comigo. Tivemos nosso primeiro jogo e eu tava morrendo de medo, mas eles me deram a bola e corri pra além da linha do gol, duas ou três vezes, e as pessoas nunca foram tão gentis comigo. Sem dúvida esse colégio começou a mudar minha vida. Até mesmo fez eu gostar de correr no futebol, exceto que em geral me faziam correr pelos lados porque eu ainda não conseguia fazer o que gostava que era atropelar as pessoas como se faz pelo meio. Um dos capangas comentou que eu era o meio de campo do segundo grau mais largo do mundo. Não acredito que tenha dito isso como elogio.

Por outro lado, eu aprendia a ler muito bem com a srta. Henderson. Ela me deu *Tom Sawyer* e mais dois outros livros de que não me lembro, e levei eles pra casa e li todos, mas depois ela me deu uma prova em que não fui tão bem. Mas gostei muito dos livros.

Depois de algum tempo, voltei a me sentar perto de Jenny Curran na lanchonete, e não houve problemas até que, um dia, na primavera, eu tava indo pra casa depois da escola e dei de cara com o garoto que entornou o leite no meu colo e me enxotou naquele dia. Ele segurava uma vara e começou a me chamar de coisas como “retardado” e “imbecil”.

Havia outras pessoas olhando e, então, chegou Jenny Curran, e eu quase fugi de novo. Mas, não sei por quê, não fugi. O cara cutucou meu estômago com a vara e eu disse pra mim mesmo:

que vá pro inferno. Agarrei seu braço e com a outra mão dei um soco na cabeça dele e foi o fim dessa história, mais ou menos.

Nessa noite, mamãe recebeu um telefonema dos pais do garoto que diziam que se eu encostasse a mão no filho deles de novo, iam se queixar às autoridades e fariam com que eu fosse “internado”. Expliquei pra mamãe e ela entendeu, mas ficou preocupada. Disse que como agora eu era muito grande, tinha de me controlar, pois podia machucar alguém. Concordei com a cabeça e prometi não machucar mais ninguém. A noite, quando eu tava deitado, escutei ela chorando baixinho no quarto.

Mas o que fiz naquele garoto — bater no topo da cabeça dele — trouxe uma nova luz à maneira de eu jogar o futebol. No dia seguinte, pedi ao técnico Fellers para levar a bola direto e ele concordou, e passei por quatro ou cinco caras até ter espaço e todos eles recomeçarem a correr atrás de mim. Nesse ano participei do campeonato no All State Football. Mal podia acreditar. Minha mãe me deu dois pares de meias e uma camisa nova no meu aniversário. E ela economizou e comprou um terno novo pra mim, que vesti para receber o prêmio do All State Football. Foi meu primeiro terno. Mamãe deu o laço na minha gravata e eu saí.

2

O banquete do All State Football ia ser numa pequena cidade chamada Flomaton, que o técnico Fellers descrevia como uma “agulha de ferrovia”. Botaram a gente num ônibus — tinha uns cinco ou seis da região que tinha ganhado o prêmio — e fomos levados pra lá. Faltavam uma ou duas horas pra chegar e o ônibus não tinha banheiro. Eu tinha bebido duas sodas antes de partir; por isso, quando chegamos a Flomaton, eu tava realmente apertado.

A coisa ia acontecer no auditório da Flomaton Highschool, e quando entramos, eu e alguns outros achamos o banheiro. Mas quando fui abrir a calça o zíper ficou preso na barra da camisa e não descia de jeito nenhum. Depois de tentar algum tempo, um cara legal da escola adversária saiu pra ir atrás do técnico Fellers que veio com seus dois gorilas e tentaram abrir minha calça. Um deles disse que a única maneira de baixar o fecho era rasgando ele ao meio. O técnico Fellers, quando ouviu isso, pôs as mãos na cintura e disse: — Vocês esperam que eu leve este garoto pra lá com a braguilha aberta e tudo de fora? O que acham que os outros vão pensar? — Daí ele virou pra mim e disse:

— Forrest, vai ter de botar uma rolha nisso até terminar tudo e, então, a gente abre sua calça, está bem? — Fiz que sim com a cabeça, porque não sabia que outra coisa fazer, mas pensei na longa noite que ia ter pela frente.

Quando chegamos no auditório, tinha uma porção de gente sentada em várias mesas, rindo e batendo palmas quando a gente apareceu. Fomos colocados numa mesa comprida, no palco, na

frente de todo mundo e o que eu mais temia, uma longa noite, se confirmou.

Foi como se toda aquela gente tivesse se levantado pra fazer um discurso — até mesmo os garçons e o porteiro. Queria que minha mãe estivesse lá comigo, porque ela teria me ajudado, mas ela tava em casa, na cama e com gripe. Finalmente, chegou a hora de receber os prêmios, que eram pequenas bolas de futebol douradas, e quando chamassem nossos nomes a gente tinha de ir até o microfone e dizer “obrigado”. Também disseram que se alguém fosse falar mais alguma coisa, que fosse breve se quisesse sair de lá antes da virada do século.

A maioria pegou o prêmio e disse “obrigado”, e então chegou minha vez. Alguém no microfone chamou Forrest Gump, o que, se ainda não disse, é meu nome, e me levantei, avancei e me entregaram o prêmio. Me inclinei no microfone e disse — obrigado —, e todos ficaram de pé aplaudindo e dando vivas. Acho que alguém tinha contado pra eles que eu era uma espécie de idiota e eles queriam ser simpáticos. Mas fiquei tão surpreso com tudo que não sabia o que fazer, por isso fiquei parado ali, de pé. Então, todo mundo se calou e o homem no microfone perguntou se eu não queria dizer alguma coisa. Aí, eu disse: preciso mijar.

Ninguém na platéia disse nada por alguns momentos, só olhavam um pro outro de um modo estranho e, então, deu pra ouvir uma espécie de cochicho baixinho e o técnico Fellers apareceu e me pegou pelo braço e me arrastou de volta ao meu lugar. Ele passou o resto da noite me lançando olhares ferozes, mas quando o banquete acabou, o técnico e seus gorilas me levaram ao banheiro e arrebutaram o fecho, abrindo minha calça, e fiz tanto xixi que dava pra encher um balde!

— Gump — o técnico disse depois que eu terminei —, sem dúvida, você leva jeito pra falar.

Bem, no ano seguinte não aconteceu tanta coisa, a não ser que alguém publicou que um idiota fazia sucesso no time All State Football e começou a chegar um monte de cartas de todas as partes do país. Mamãe juntava elas todas e fez um álbum com recortes de jornais e revistas. Um dia chegou um pacote de Nova York com a bola oficial de beisebol assinada pelo time todo dos Yankees. Foi a melhor coisa que já tinha me acontecido! Eu cuidava da bola como se fosse de ouro, até que um dia, no quintal, quando tava jogando, um cachorro grande veio e abocanhou no ar e mastigou ela toda. Essas coisas sempre acontecem comigo.

Um dia, o técnico Fellers me chamou e me levou à sala do diretor. Lá tinha um cara da Universidade que apertou minha mão e perguntou se eu já tinha pensado em jogar futebol no time de lá. Ele disse que tinha estado me “observando”. Balancei a cabeça, porque não tinha pensado.

Todos pareciam ter grande respeito por ele, cheios de dedos e chamando ele de “doutor Bryant”. Mas ele me disse pra chamar ele de “Urso”, nome que achei engraçado, se bem que, em alguns aspectos, ele se parecesse mesmo com um urso. O técnico Fellers avisou que eu não era das pessoas mais brilhantes, mas o Urso disse que quase todos seus jogadores eram assim e que queria me ajudar nos estudos. Uma semana depois me deram um teste com um monte de perguntas esquisitas com que não estou acostumado. Depois de algum tempo fiquei cheio e parei de fazer o teste.

Dois dias depois, o Urso voltou e fui levado à sala do diretor pelo técnico Fellers. O Urso parecia aflito, mas continuava um cara legal; me perguntou se eu tinha dado o máximo de mim no teste. Fiz que sim com a cabeça, mas o diretor revirou os olhos, e o Urso disse: — Bem, então é uma pena, porque o resultado parece indicar que este menino é um idiota.

O diretor, agora, concordava com a cabeça, e o técnico Fellers ali de pé, com as mãos nos bolsos, parecia de mau humor. Pelo visto, era o fim dos meus planos de futebol universitário.

O fato de eu ser muito bobo para jogar futebol na Universidade não pareceu impressionar o Exército dos Estados Unidos. Era meu último ano na escola secundária e, na primavera, todos os outros se formaram. Me deixaram ficar no palco e até me deram uma roupa preta para vestir, e quando chegou a hora, o diretor anunciou que iam me dar um diploma “especial”. Me levantei para ir ao microfone e os dois gorilas também se levantaram e foram comigo — acho que era pra não deixar que eu falasse coisas como no dia do All State Football. Minha mãe tava na primeira fila, chorando e torcendo as mãos, e eu me senti realmente bem, como se tivesse realizado algo de verdade.

Mas quando voltei pra casa, finalmente percebi por que ela tava tão sentida e chorava — tinha recebido uma carta do Exército mandando que eu me apresentasse à junta de *retardamento* local, ou coisa parecida. Não sabia o que era aquilo, mas minha mãe sabia. Era 1968 e tinha todo tipo de merda pronta pra acontecer.

Mamãe me deu uma carta do diretor da escola pra levar pro pessoal da junta de *retardamento*, mas, não sei como, perdi ela no caminho. Foi uma cena maluca. Havia um cara preto e grande num uniforme do exército berrando com as pessoas e dividindo elas em grupos. Todos ficávamos ali, em pé, e ele vinha e gritava: — Muito bem, quero que a metade de vocês vá pra lá, e a outra metade fique no mesmo lugar! — Todo mundo andava de um lado pro outro, desnortado, e até eu pude perceber que o cara era um retardado.

Me levaram pruma sala, puseram a gente em fila e disseram pra tirar a roupa. Eu não tava muito a fim, mas todos tiraram e, então, eu também. Eles examinaram a gente em todo lugar — olhos, nariz, boca, ouvido — e até nossas partes íntimas. A certa altura, me disseram: — Curve-se. — E quando fiz isso, alguém meteu o dedo no meu cu.

Essa não!

Me virei, agarrei o sacana, e dei um soco no topo da cabeça dele. De repente, foi a maior confusão, um bando de gente se juntou e se jogou em cima de mim. Mas tô acostumado com isso. Me liberei de todos e atravessei a porta em disparada. Quando cheguei em casa e contei o que tinha acontecido à mamãe, ela ficou triste, mas disse: — Não se preocupe, Forrest, vai ficar tudo bem.

Não ficou. Na semana seguinte, uma caminhonete parou em frente à nossa casa e vários homens com uniforme do Exército, e capacetes pretos brilhantes, bateram à porta perguntando por mim. Eu tava escondido lá em cima, no meu quarto, mas mamãe apareceu e disse que eles só queriam me dar uma carona de volta ao posto de *retardamento*. Durante o caminho todo, eles ficaram me vigiando bem de perto, como se eu fosse uma espécie de maníaco.

Havia uma porta que dava pruma sala grande onde tava um homem mais velho usando um uniforme pomposo e que também me olhou com muita atenção. Me acomodaram e largaram outro teste na minha frente, e apesar de ser muito mais fácil que o teste de futebol para a universidade, não era nenhuma moleza.

Quando terminei, me levaram a uma outra sala, onde quatro ou cinco caras sentados atrás de uma mesa comprida começaram a me fazer perguntas e a passar, um pro outro, o que parecia ser o teste que eu tinha acabado de fazer. Aí, começaram a confabular e quando terminaram um deles assinou um papel e me entregou. Quando levei ele pra casa, mamãe leu e se pôs a puxar o cabelo chorando e agradecendo a Deus, porque tava escrito que eu tinha sido “Dispensado Provisoriamente” porque era abobado.

Aconteceu mais uma coisa durante essa semana que foi o evento mais importante de minha vida. Tinha uma pensionista morando com a gente que trabalhava na companhia telefônica como telefonista. Seu nome era srta. French. Era uma mulher realmente simpática, geralmente quieta e sozinha, mas, certa noite em que

fazia um calor tremendo, e que desabou um temporal com trovoadas e raios, ela esticou a cabeça pra fora de seu quarto quando eu tava passando e disse: — Forrest, ganhei uma caixa de brigadeiros hoje de tarde. Quer comer um?

Eu disse — sim —, e ela me pôs pra dentro do quarto, e ali, sobre a cômoda, tava a caixa com os brigadeiros. Ela me deu um e, depois, me perguntou se não queria mais, e apontou a cama pra que eu me acomodasse. Devo ter comido uns dez ou onze brigadeiros e os raios faiscavam lá fora, e o trovão, e as cortinas voavam, e a srta. French como que me empurrou e me fez deitar na cama. Começou a me tocar de uma maneira muito pessoal. — Apenas feche os olhos — ela disse —, e ficará tudo bem. — A próxima coisa que percebi é que tinha alguma coisa acontecendo que nunca tinha acontecido antes. Não posso dizer o que era, porque meus olhos tavam fechados, e também porque mamãe me mataria, mas vou dizer uma coisa, a partir daí comecei a ver as coisas de maneira totalmente diferente.

O problema era que apesar, da srta. French ser uma mulher muito gentil e legal, o que ela me fez naquela noite era o tipo de coisa que eu teria preferido que tivesse sido feito por Jenny Curran. E ainda tem mais: eu não conseguia nem mesmo imaginar como devia fazer isso acontecer. Sendo como sou, não é tão fácil pedir a alguém pra me namorar. Pra não dizer coisa pior.

Mas por causa de minha nova experiência, juntei coragem pra perguntar à mamãe o que devia fazer em relação a Jenny, embora não tenha contado nada sobre mim e a srta. French. Mamãe disse que cuidaria disso por mim, e ligou pra mãe de Jenny Curran e explicou a situação e na noite seguinte, adivinhem só quem apareceu na nossa porta? Jenny Curran em pessoa!

Ela tava vestida de branco com um cravo no cabelo e parecia um verdadeiro sonho. Ela entrou e mamãe levou ela pra sala de visitas, deu um sorvete e me chamou, dizendo que eu descesse do quarto, pra onde tinha fugido assim que tinha visto Jenny Curran se aproximar da alameda. Eu preferia ter cinco mil pessoas correndo atrás de mim do que sair de meu quarto naquela

hora, porém a mamãe veio, me deu a mão, me levou pra baixo e também me deu um sorvete. Isso facilitou as coisas.

Mamãe disse que podíamos ir ao cinema e deu três dólares a Jenny quando a gente tava saindo. Jenny nunca tinha sido tão legal, conversando e rindo, e eu balançando a cabeça e sorrindo feito um idiota. O cinema ficava a apenas umas três ou quatro quadras lá de casa. Jenny comprou as entradas, entramos e nos sentamos. Ela me perguntou se eu queria pipoca e quando ela voltou com a pipoca, o filme começou.

O filme era sobre duas pessoas, um homem e uma mulher, que se chamavam Bonnie e Clyde e que roubavam bancos, e também tinha outras pessoas interessantes. Tinha muitas mortes, tiros e outras merdas assim. Achei gozado os caras atirarem e matarem uns aos outros daquela maneira, e caía na gargalhada quando isso acontecia, e sempre que eu ria, Jenny Curran parecia escorregar da cadeira. Na metade do filme, ela tava quase no chão. Quando vi, achei que tinha caído da cadeira, por isso peguei ela pelos ombros pra ajudar ela a se levantar de novo.

Mas aí ouvi alguma coisa rasgar, olhei pra baixo e o vestido de Jenny tava completamente aberto e tudo de fora. Com a outra mão tentei cobrir ela, mas ela começou a fazer uns barulhos e a agitar os braços com força. Eu tentava segurar, não deixar ela cair de novo e ficar desarrumada. As pessoas em volta olhavam, procurando ver que confusão era aquela. De repente, um cara passou entre as cadeiras e acendeu uma luz forte na nossa cara, e ao ficar exposta, ela começou a dar risadas estridentes e a gemer e, então, ela deu um pulo e foi embora.

Aí eu me lembro que dois homens chegaram e mandaram eu levantar e acompanhar eles a uma sala. Alguns minutos depois, quatro policiais chegaram e me pediram pra ir com eles. Me levaram pro carro de polícia e dois se sentaram na frente e outros dois atrás comigo, igualzinho como os gorilas do técnico Fellers, só que agora realmente tavam me levando pra “central”. Eles me acompanharam até uma sala, apertaram meus dedos num bloco, tiraram meu retrato e me meteram na cadeia. Foi uma experiência

horrível. Fiquei o tempo todo preocupado com Jenny, mas pouco depois minha mãe apareceu e entrou enxugando os olhos com um lenço e torcendo os dedos e eu percebi que novamente tinha feito alguma coisa errada.

Alguns dias depois, teve uma espécie de cerimônia no tribunal. Mamãe me vestiu o terno e me levou, e conhecemos um homem simpático de bigode, que carregava uma pasta grande e que disse ao juiz um monte de coisas. Daí, outras pessoas, inclusive minha mãe, disseram mais outras besteiras e, finalmente, chegou minha vez.

O homem de bigode pegou no meu braço pra me levantar e o juiz perguntou como tudo tinha acontecido. Eu não sabia o que dizer, por isso só balancei os ombros e depois ele perguntou se eu queria acrescentar alguma coisa, e aí eu disse — quero mijar —, porque a gente tinha passado quase a metade do dia ali sentada e eu tava a ponto de explodir! O juiz se inclinou pra frente de sua grande mesa e me examinou como se eu fosse um marciano ou coisa assim. Aí o homem de bigode fez a defesa e o juiz mandou ele me levar ao banheiro, o que ele fez. Olhei pra trás quando saía da sala e vi a coitada da mamãe segurando a cabeça e esfregando os olhos com o lenço.

De qualquer jeito, quando voltei, o juiz coçou o queixo e disse que o caso era “muito peculiar”, mas que achava que eu devia entrar pro Exército ou coisa parecida, que ajudasse a me endireitar. Mamãe contou que o Exército dos Estados Unidos não queria me aceitar porque eu era idiota, mas que nessa manhã mesmo tinha chegado uma carta da Universidade dizendo que se eu jogasse futebol pra eles, eu teria direito a estudar sem pagar.

O juiz disse que isso também parecia peculiar, mas que concordava contanto que eu ficasse longe da cidade.

Na manhã seguinte, minhas malas já tavam prontas e mamãe me levou até o ponto do ônibus e me pôs dentro dele. Olhei pela janela e lá tava ela, mamãe, chorando e enxugando os olhos com seu lenço. Era uma cena que eu conhecia muito bem. Tá

gravada na minha memória pra sempre. De qualquer modo, o ônibus deu a partida e fui embora.

3

Quando chegamos na Universidade, o técnico Bryant veio ao ginásio — onde a gente tava sentado de short e agasalho — e começou a fazer um discurso. Era quase o mesmo tipo de discurso do técnico Fellers, se bem que até mesmo um simplório como eu percebia que com esse homem não ia ser brincadeira! Ele falou curto e grosso e terminou dizendo que o último homem a entrar no ônibus que ia pro campo de treinamento seria levado não de ônibus, mas em vez disso, pelo chute do técnico Bryant. Sinsenhora. Não duvidamos de suas palavras, e nos empilhamos no ônibus feito panquecas.

Isso foi durante o mês de agosto, que, no estado do Alabama, é mais quente que em qualquer outro lugar. Quer dizer, se colocar um ovo em cima de seu capacete de futebol ele será frito pelo sol em mais ou menos dez segundos. É claro que ninguém tentou, para não deixar o técnico Bryant com raiva. Isso era a última coisa que alguém queria, pois a vida já era quase insuportável do jeito que tava.

O técnico Bryant mandou seus próprios gorilas me mostrarem o lugar. Eles me levaram pra onde eu ia ficar, um prédio bonito de tijolos no campus que disseram que era chamado de “Ape Dorm”, isto é, onde a macacada toda dormia. Os capangas me levaram até lá de carro, e depois pra cima onde ficava meu quarto. Infelizmente, o que parecia bonito por fora não era por dentro. A primeira vista, parecia que ninguém vivia nesse prédio há muito tempo, de tão sujo e emporcalhado, e a maioria das portas tinha as

dobradiças arreventadas e arrombadas e a maioria das janelas também.

Alguns rapazes tavam deitados nos catres, vestindo quase nada por causa do calor de quarenta graus que fazia lá dentro, e as moscas e coisas assim zumbiam e zuniam. No vestibulo tinha uma grande pilha de jornais, que de início tive medo que obrigassem a gente a ler, já que era uma faculdade e isso tudo, mas logo soube que era pra serem colocados no chão, de modo que você não tivesse de pisar naquela sujeira toda.

Os gorilas disseram que esperavam encontrar meu colega de quarto lá — que se chamava Curtis não sei o quê —, mas não vimos ninguém. Então, eles desfizeram minha mala e me mostraram onde era o banheiro, que parecia pior do que os que a gente vê num posto de gasolina, e foram embora. Mas antes, um dos gorilas disse que Curtis e eu íamos nos dar bem porque nós dois tínhamos quase tanto cérebro quanto uma berinjala. Olhei duro pro gorila que disse isso, porque eu tava cansado de ouvir aquelas besteiras todas, mas ele me disse pra ir pro chão e fazer cinquenta flexões. Depois disso, eu só fazia o que mandavam eu fazer.

Fui dormir no meu catre depois de esticar um lençol por cima dele, para cobrir a sujeira, e sonhei que tava na sala de visitas com a mamãe, como a gente costumava fazer no calor, e ela me preparava um refresco de lima e falava comigo horas seguidas — e, então, de repente, a porta do quarto bateu com força e quase me matou de susto! Tinha um cara ali, na porta, com a cara de alucinado, os olhos saltados, sem dentes na frente, o nariz achatado como uma abóbora, e o cabelo em pé como se tivesse levado um choque elétrico. Imaginei que fosse Curtis.

Entrou no quarto como se esperasse que alguém fosse saltar sobre ele, olhando de um lado pro outro, e passando por cima da porta que ele tinha acabado de derrubar. Curtis não era muito alto,

mas em compensação parecia uma geladeira. A primeira coisa que me perguntou foi de onde eu era. Quando respondi Mobile, ele disse que era uma cidade “água com açúcar”, e me informou que era de Opp, onde fazem manteiga de amendoim e que se bobeasse, ele untava meu cu com ela! Isso foi mais ou menos tudo que a gente falou nesse dia.

No treino de futebol daquela tarde, fazia uns mil graus de calor no campo, e os gorilas do técnico Bryant corriam de um lado pro outro, com a cara mal-humorada, gritando e mandando a gente fazer os exercícios. Minha língua já tava de fora, pendurada que nem uma gravata, mas eu me esforçava para fazer tudo certo. Finalmente, dividiram todo mundo em grupos e me puseram com os beques e começamos a treinar passes.

Antes de eu ir pra Universidade, tinham me mandado um pacote com mais ou menos um milhão de jogadas diferentes de futebol e eu perguntei pro técnico Fellers o que tinha de fazer com aquilo. Ele apenas balançou a cabeça com tristeza e disse que eu não fizesse nada — apenas esperasse até chegar lá e que eles pensassem em alguma coisa.

Gostaria de não ter seguido o conselho do técnico Fellers porque quando corri pra agarrar meu primeiro passe peguei o caminho errado e o gorila chefe veio em disparada aos berros comigo, e quando parou de gritar me perguntou por que eu não tinha estudado as jogadas que tinha me mandado. Quando respondi — ã, á —, começou a pular e a dar golpes no ar com os braços como se tivesse um monte de marimbondos em cima dele. Quando sossegou, mandou eu dar cinco voltas em volta do campo, correndo, enquanto ele se aconselhava com o técnico Bryant a meu respeito.

O técnico Bryant ficava numa grande torre, olhando a gente lá de cima, como um Grande Deus Buda. Eu corria as voltas e observava o gorila subir até lá. Quando chegou em cima e disse o que queria dizer, o técnico Bryant esticou o pescoço pra frente, e

senti seus olhos em brasas me queimando. De repente, uma voz no megafone, alta pra todo mundo ouvir, disse: — Forrest Gump, apresente-se na torre do técnico.

— E vi o técnico Bryant e o gorila descendo. O tempo todo que corri, desejei estar correndo pra trás.

Mas imaginem minha surpresa quando vi o técnico Bryant sorrindo. Ele me levou pra arquibancada, nos sentamos e ele me perguntou de novo se eu não tinha estudado as jogadas que ele tinha mandado. Comecei a explicar o que o técnico Fellers tinha dito, mas o técnico Bryant me interrompeu e mandou que eu voltasse pra linha de campo e agarrasse os lançamentos. Aí, eu falei mais alguma coisa, que acho que ele não queria ouvir: que na escola eu nunca tinha agarrado lançamentos porque eles achavam que ia ser muito difícil eu lembrar onde ficava o nosso próprio gol, se me deixassem correr em volta tentando pegar a bola no ar.

Quando ouviu isso, o técnico Bryant semicerrou os olhos de uma maneira realmente esquisita, e perdeu o olhar na distância, como se tivesse olhando pra lua ou coisa parecida. Aí ele falou pro capanga buscar uma bola de futebol e quando a bola chegou, o próprio técnico Bryant mandou que eu corresse uma certa distância e depois me virasse. Quando fiz isso, ele jogou a bola pra mim. Eu vi ela chegando quase como em câmera lenta, mas ela soltou da minha mão e bateu no chão. O técnico Bryant balançou a cabeça pra cima e pra baixo, como se já esperasse por aquilo, mas não sei por que tive a impressão de que ele não tinha gostado.

Desde quando eu era pequeno, sempre que fazia alguma coisa errada, minha mãe dizia: — Forrest, deve ter cuidado senão levam e internam você. — Eu tinha tanto medo do lugar pra onde iam me levar que sempre tentei fazer tudo certo, mas que um raio me parta se existe lugar pior pra onde pudessem me levar que esse tal de Dormitório onde eu tava morando.

Nem a escola de birutas ia admitir fazer tanta merda quanto faziam ali — como, por exemplo, arrancar as privadas, de modo que ao ir ao banheiro só se encontrava um buraco no chão onde fazer cocô, porque tinham jogado a privada pela janela, em cima de algum carro que passava. Certa noite, um bobo grandalhão, que jogava na linha, pegou um rifle e começou a atirar em todas as janelas da casa da fraternidade, do outro lado da rua. Os policiais do campus logo apareceram, mas o cara jogou um grande motor de popa — que não sei onde conseguiu — pela janela, na capota do carro da polícia. O técnico Bryant fez ele correr um monte de voltas extras por causa disso.

Curtis e eu, a gente não se dava tão bem e nunca me senti tão sozinho. Sentia saudades da mamãe e queria voltar pra casa. O problema com o Curtis era que eu não entendia ele. Ele usava tantos palavrões quando falava, que o tempo que eu precisava para adivinhar o que significavam fazia eu perder o fio da meada. A maior parte do tempo, eu entendia que ele dizia que não tava satisfeito com alguma coisa.

Curtis tinha um carro e me dava carona até o campo, mas um dia, quando fui encontrar ele, tava praguejando e resmungando, inclinado sobre a grade de um bueiro. Parece que um pneu tinha furado e quando ele foi trocar, pôs as porcas na calota e sem querer deixou elas caírem no bueiro. Até conseguir pegar elas, a gente ia acabar se atrasando pro treino, o que não era nada bom, por isso eu disse pro Curtis: — Por que não tira uma porca de cada um dos outros três pneus e assim fica com três porcas em cada pneu, que é o suficiente pra nos levar até o campo?

Curtis parou de dizer nome feio por um instante, olhou pra mim e disse: — Se você é um *idiota*, como pôde pensar nisso? — E eu disse: — Posso ser um idiota, mas não sou *burro* — e então Curtis avançou em mim e começou a me perseguir com as ferramentas, me chamando de tudo que é nome que se possa imaginar e isso acabou de vez com a nossa relação.

Depois disso, decidi procurar outro lugar pra ficar, e quando o treino acabou, fui pro porão do Dormitório, e passei o resto da noite ali. Não era mais sujo que lá em cima e tinha uma lâmpada elétrica. No dia seguinte levei meu catre e passei a morar ali.

Enquanto isso, as aulas recomeçaram e eles tinham de resolver o que fazer comigo. Havia um cara no departamento de atletismo que não fazia nada a não ser imaginar em que turma colocaria os patetas pra que pudessem passar de ano. Algumas das aulas eram consideradas fáceis, como Educação Física, e me inscreveram nela. Mas eu também tinha de fazer um curso de inglês e um de ciência ou matemática — não tinha como escapar. Mais tarde, fiquei sabendo que certos professores davam ao jogador de futebol uma espécie de dispensa, já que teriam de treinar muito no campo de futebol e não poderiam passar muito tempo na escola. Tinha um desses professores no departamento de ciências, mas infelizmente a única matéria que ele ensinava era uma chamada Luz Intermediária, pro curso adiantado de física ou coisa parecida. Mas ele me encaixou apesar de eu não ter estudado física na educação física.

Não tive tanta sorte em inglês. Aparentemente, não tinha gente simpática nesse departamento, e aí disseram pra eu ir fundo, me inscrever e faltar às aulas, que depois pensariam em alguma outra coisa.

Na matéria Luz, me deram um livro que pesava três quilos e parecia escrito por um chinês. Mas eu levava ele toda noite pro porão e colocava ele no catre, debaixo da lâmpada, e depois de algum tempo, não sei por quê, ele começou a fazer sentido. O que *não* fazia sentido era por que a gente tinha de saber aquilo, mas entender as equações era canja. Professor Hooks era o nome do professor, e depois da primeira prova, ele pediu pra eu ir à sala dele depois da aula. E disse:

— Forrest, quero que me diga a verdade. Alguém deu pra você as respostas dessas perguntas? — Balancei a cabeça, e aí ele me entregou uma folha de papel com um problema e disse pra me

sentar e resolver ele. Quando acabei, o professor Hooks olhou pro que eu tinha feito, balançou a cabeça e disse: — Meu Deus do céu.

A aula de inglês era outra história. O professor era um senhor Boone, e era uma pessoa carrancuda que falava muito. No final do primeiro dia, ele falou pra gente escrever, à noite, uma pequena autobiografia da gente mesmo. Foi a coisa mais difícil que já tentei fazer, mas passei quase a noite toda pensando e escrevendo, e disse tudo que vinha na cabeça porque tinham dito que eu não precisava passar mesmo.

Alguns dias depois, o senhor Boone começou a devolver as redações e a criticar e gozar todas as autobiografias. Aí chegou a vez da minha e imaginei que com certeza não tinha agradado. Mas ele levantou a redação e começou a ler em voz alta e começou a rir e todo mundo também. Eu tinha contado da escola de birutas, de ter jogado futebol para o técnico Fellers e ido ao banquete do All State Football, e sobre o posto de *retardamento*, e Jenny Curran e o cinema, e tudo mais. Quando acabou, o Sr. Boone disse: — Isso sim é *originalidade!* É isto o que *quero*. — E todos olharam pra mim e ele disse: — Sr. Gump, deve pensar em se inscrever no departamento de criação literária. Como imaginou tudo isso? — E eu disse: — Preciso mijar.

O senhor Boone como que deu um salto pra trás e então caiu na gargalhada e todo mundo também e ele disse: — Senhor Gump, o senhor é muito divertido.

E assim, fiquei de novo surpreso.

A primeira partida de futebol foi no sábado, algumas semanas depois. A maior parte do treino fui muito mal, até que o técnico Bryant percebeu o que tinha de fazer comigo, que era quase o que o técnico Fellers tinha feito na escola. Eles apenas me deram a bola e deixaram eu correr. Corri bem nesse dia, e marquei quatro

touchdowns. Vencemos a Universidade da Georgia por 35 a 3, e todo mundo me deu tapinhas nas costas até machucar. Depois que fui liberado, liguei pra mamãe e ela tinha escutado o jogo pelo rádio e tava radiante de alegria! Nessa noite, todos foram a festas, mas ninguém me convidou pra nenhuma, então fui pro porão. Passou algum tempo e ouvi uma música vinda de algum lugar lá em cima, e era realmente muito bonita, e, não sei por quê, subi para ver o que era.

No quarto, vi um cara, o Bubba, tocando gaita. Ele tinha quebrado o pé durante o treino, e não podia jogar e não tinha pra onde ir. Ele deixou que eu sentasse num catre e ficasse escutando. Não falamos nem nada — ele sentado num catre e eu no outro —, e eu me sentia muito feliz mesmo, e ele tocava a gaita. Mais ou menos uma hora depois, pedi pra experimentar e ele disse: — OK. Eu não sabia que isso mudaria minha vida pra sempre.

Depois de um certo tempo, acabei tocando muito bem, e Bubba ficou louco, dizendo que nunca tinha ouvido um troço tão bom. Antes de ficar muito tarde, Bubba disse pra eu ficar com a gaita. Eu fiquei, e toquei durante muito tempo, até ficar com sono e dormir.

No dia seguinte, domingo, fui devolver a gaita ao Bubba, mas ele disse que eu ficasse com ela porque ele tinha outra, e eu fiquei muito feliz mesmo, e saí pra dar uma volta. Me sentei debaixo de uma árvore e toquei durante o dia todo, até esgotar o que tinha pra tocar.

Era o fim da tarde, e o sol já tinha quase desaparecido quando voltei pro Dormitório. Atravessava o pátio do campus quando de repente ouvi a voz de uma garota gritar: — Forrest!

Me virei e quem não tava lá senão Jenny Curran em pessoa?

Ela sorriu e se aproximou, pegou minha mão e disse que tinha me visto jogar ontem e como eu tinha jogado bem e tudo mais. Isso mostrou que não tinha ficado com raiva do que aconteceu no cinema. Disse que a culpa não tinha sido minha, que

eram coisas que aconteciam. Perguntou se eu não queria tomar uma coca-cola com ela.

Era bom demais pra ser verdade, eu sentado lá com Jenny Curran e ela contando que tava tendo aulas de música e teatro, e que planejava ser atriz ou cantora. Ela tocava numa banda dessa tal de música folk. Disse que ia se apresentar na noite seguinte no prédio do Grêmio Estudantil e pra eu ir. Vou confessar uma coisa: mal podia esperar.

4

Bem, aí teve uma coisa secreta que o técnico Bryant e eles planejaram e que era pra ninguém comentar, nem com a gente mesmo. Iam me ensinar a agarrar um lançamento. Todo dia depois do treino eu trabalhava com os dois gorilas e um zagueiro, correndo e agarrando lançamentos até ficar exausto e com a língua pra fora, pendurada até o umbigo. Mas consegui aprender, e o técnico Bryant disse que essa seria nossa “arma secreta” — como uma “Bomba Atônita” ou coisa parecida

—, porque depois de algum tempo de jogo, o outro time ia acabar achando que a bola nunca seria lançada pra mim e não ficaria atento.

“Assim”, o técnico Bryant disse, “você fica solto e livre — dois metros e cento e vinte quilos — pra correr as cem jardas em nove segundos e meio. Vai ser incrível!”

Bubba e eu éramos realmente muito amigos, e ele me ajudou a aprender a tocar algumas músicas novas com a gaita. Às vezes, ele descia pro porão e a gente tocava junto, mas Bubba dizia que eu era muito melhor que ele. Vou contar uma coisa, se não fosse a gaita eu já teria feito as malas e ido pra casa, mas isso me fazia tão feliz que nem sei como explicar. Era como se meu corpo todo fosse a gaita e a música me dava arrepios. De modo geral, o truque tá na língua, lábios, dedos e em como se mexe o pescoço. Acho que ficar correndo atrás daqueles lançamentos todos fez com que minha língua encompridasse, o que dá uma nota e tanto, por assim dizer.

Na sexta-feira seguinte, me arrumei todo. Bubba me emprestou um tônico pro cabelo e uma loção pra barba e fui pro prédio do Grêmio Estudantil. Tinha muita gente lá e, claro, Jenny Curran e três ou quatro outras pessoas no palco. Jenny usava um vestido comprido e tocava violão, outra pessoa, um banjo, e tinha um cara com um violino gigantesco que ficava puxando as cordas com os dedos.

O som era muito bom mesmo e Jenny me viu lá atrás daquela gente toda, sorriu e fez sinal com os olhos pra que eu fosse pra frente. Foi muito bom ficar sentado ali no chão, ouvindo e vendo Jenny Curran. Pensei em mais tarde comprar brigadeiro e ver se ela também queria um pouco.

Eles tocaram por mais ou menos uma hora, e todo mundo parecia feliz e se sentindo bem. Tocaram Joan Baez, Bob Dylan e Peter, Paul e Mary. Fiquei ali deitado com os olhos fechados, escutando e, de repente, não sei bem como aconteceu, mas peguei minha gaita e comecei a tocar com eles.

Foi a coisa mais estranha. Jenny cantava *Blowing in the wind* e quando eu comecei a tocar, ela parou por um segundo, e o tocador de banjo também, e ficaram com a cara de surpresos e, então, Jenny abriu um largo sorriso e continuou a cantar e o tocador de banjo parou e deixou eu tocar a gaita por um certo tempo. Quando terminei, todo mundo bateu palmas e gritou bravo.

Depois disso, Jenny desceu do palco, a banda fez uma pausa e ela disse:

— Forrest, como pode ser? Onde aprendeu a tocar gaita?

Só sei que a partir daí Jenny me levou pra tocar com a banda. Eu tocava toda sexta-feira, quando não tinha jogo fora da cidade, e ganhava vinte e cinco paus por noite. Era como um paraíso até que vi o tocador de banjo fodendo Jenny Curran.

Infelizmente, eu não ia tão bem nas aulas de inglês. O senhor Boone me chamou mais ou menos uma semana depois de ler minha autobiografia pra turma e disse:

— Senhor Gump, acho que já é hora do senhor parar de fazer graça e começar a ser mais sério.

Me entregou uma redação que eu tinha feito sobre o poeta Wordsworth.

— O período romântico — ele disse —, não vem depois de um bando de “besteira clássica”. Nem os poetas Pope e Dryden eram duas “bostas”.

Mandou eu fazer tudo de novo, e aí percebi que o senhor Boone ainda não tinha entendido que eu era um idiota. Mas tava prestes a entender.

Enquanto isso, alguém deve ter dito alguma coisa, porque, um dia, meu orientador do departamento de atletismo me chamou e disse que eu tava dispensado das outras aulas e pra eu me apresentar na manhã seguinte ao doutor Mills, no Centro Médico da Universidade. Logo cedinho fui pra lá e o doutor Mills, que tinha um monte de papéis na frente e olhava pra eles, disse pra eu sentar, e começou a fazer perguntas. Quando terminou, disse pra eu tirar a roupa — toda, menos a cueca, e respirei aliviado por causa do que tinha acontecido com os médicos do Exército — e começou a me examinar, com muita atenção mesmo, olhando dentro dos meus olhos e tudo, e fazendo barulho nas minhas rótulas com um pequeno martelo de borracha.

Depois, o doutor Mills perguntou se eu podia voltar à tarde e trazer a gaita — porque ele tinha ouvido falar sobre isso — e se eu me incomodava de tocar uma música para uma de suas turmas de medicina. Eu disse que ia, se bem que aquilo parecesse esquisito, até mesmo prum pateta como eu.

Tinha mais ou menos umas cem pessoas na turma de medicina, todas de avental verde e tomando notas. O doutor Mills me pôs numa cadeira, no tablado, com um jarro e um copo d’água na frente.

Ele dizia um monte de bobagens que eu não entendia, mas, depois de algum tempo, tive a impressão que ele falava de *mim*.

— *Idiot savant* — disse em voz alta, e todos olharam na minha direção.

“Uma pessoa que não consegue dar um nó na gravata, que mal consegue amarrar os sapatos, que tem a capacidade mental de talvez seis a dez anos de idade e — neste caso — o corpo de... bem... um Adônis. — O doutor Mills sorriu pra mim de uma maneira que não gosto, mas fiquei impassível, acho.

“Porém a mente — ele disse —, a mente do *idiot savant* tem raros momentos de inteligência, de modo que Forrest, que aqui está, é capaz de resolver equações matemáticas complexas, que deixariam todos vocês confusos, e de captar temas musicais complexos com a facilidade de um Liszt ou de um Beethoven. *Idiota savant* — disse de novo, estendendo a mão na minha direção.”

Eu não sabia bem o que devia fazer, mas ele disse pra eu tocar alguma coisa, por isso peguei a gaita e comecei a tocar *Puff, the magic dragon*. Todos ficaram ali me olhando como se eu fosse um inseto ou algo assim, e quando a música terminou eles continuaram ali, olhando pra mim — não aplaudiram nem nada. Achei que não tinham gostado, e aí me levantei e disse — Obrigado — e fui embora. Que essa gente se dane.

Tem só mais duas coisas de certa importância no resto desse semestre na escola. A primeira foi quando vencemos o Campeonato Nacional de Futebol Universitário e fomos pro Orange Bowl, e a segunda foi quando achei o tocador de banjo fodendo Jenny Curran.

Foi na noite que eu ia tocar na festa de uma fraternidade, na Universidade. O treino daquela tarde tinha sido muito duro e eu tava com tanta sede que era capaz de beber toda a água de uma

privada, como um cachorro. Mas tinha um pequeno armazém a uns cinco ou seis quarteirões do Dormitório, e aí, depois do treino, fui até lá comprar umas limas e açúcar, pra preparar um refresco como minha mãe fazia. Tinha uma mulher vesga atrás do balcão e ela me olhou como se eu fosse um assaltante ou coisa parecida. Procurei as limas e depois de algum tempo ela disse:

—
P
o
s
s
o
a
j
u
d
a
r
?
E
e
u
d
i
s
s
e
:

— Quero algumas limas.

Ela disse que não tinha lima nenhuma. Aí eu pedi pra ela me dar alguns limões, pois pensei em fazer uma limonada, mas ela também não tinha limões, nem laranjas, nem nada. Não era esse tipo de armazém. Fiquei procurando durante umas duas horas, e a mulher foi ficando nervosa e finalmente disse:

— Não vai comprar nada?

Aí eu peguei uma lata de pêssegos da prateleira, um pouco de açúcar, achando que já que não tinha outra coisa eu podia fazer uma “pessegada” ou algo parecido. Eu tava quase morrendo de sede. Quando voltei pro porão, abri a lata com uma faca, esmaguei os pêssegos dentro de uma de minhas meias e espremi num jarro. Depois pus um pouco de água e açúcar e misturei, mas vou dizer uma coisa, não tinha gosto de nada parecido com refresco de lima. Pra dizer a verdade, mais do que qualquer coisa, tinha gosto de meias picantes.

Mas de qualquer modo eu tinha de tá na fraternidade às sete horas, e quando cheguei, alguns dos rapazes tavam arrumando as coisas, mas não vi Jenny nem o cara do banjo em lugar nenhum. Perguntei pras pessoas e ninguém sabia, então saí pra respirar um pouco de ar fresco no estacionamento. Vi o carro de Jenny e achei que talvez ela tivesse nele.

As janelas do carro tavam todas embaçadas, de modo que não dava pra ver dentro. Bem, aí, de repente, achei que talvez ela não tivesse conseguido sair e tivesse respirado o gás ou coisa parecida, e então abri a porta e olhei pra dentro. Quando fiz isso, a luz acendeu.

Lá tava ela, deitada no banco de trás, a parte de cima da roupa abaixada e a de baixo levantada. O tocador de banjo também tava lá, em cima dela. Jenny me viu e começou a gritar e a espernear, igualzinho como ela fez no cinema, e de repente me veio na cabeça que talvez ela tivesse sendo *molestada*, por isso agarrei o tocador de banjo pela camisa, que afinal era tudo que ele vestia, e arranquei ele de cima dela.

Bem, qualquer idiota veria que eu tinha feito a coisa errada de novo. Meu Deus, nem podem imaginar o que aconteceu! Ele me xingava e ela me xingava e tentava levantar e abaixar a roupa. Finalmente Jenny disse: — Oh, Forrest, como pôde fazer isso? — e foi embora. O tocador de banjo pegou o banjo e também se foi.

Bem, só sei que depois disso, ficou evidente que eu nunca mais seria bem recebido pra tocar com a banda e voltei pro porão. Eu ainda não tinha entendido muito bem o que tinha acontecido, porém mais tarde, naquela noite, Bubba viu a luz acesa e desceu. Quando contei aquela coisa toda, ele disse:

— Poxa, Forrest, aquela gente tava fazendo amor!

Bem, acho que devia ter percebido sozinho, mas pra ser franco, não era uma coisa que eu queria saber. Às vezes, no entanto, um homem tem de encarar os fatos.

Provavelmente foi uma boa coisa eu me manter ocupado jogando futebol, porque eu tava me sentindo muito mal por entender o que Jenny tava fazendo com aquele tocador de banjo e por ela provavelmente nem mesmo ter pensado em mim. Mas nessa época, a gente tinha passado a temporada invicta e ia disputar o Campeonato Nacional no Orange Bowl contra aqueles palhaços de Nebraska. Era sempre uma coisa especial jogar contra equipes do norte porque eles tinham pretos no time, e isso assustava alguns dos rapazes — como meu ex-companheiro de quarto, Curtis, por exemplo —, se bem que pra mim não era problema, já que a maioria dos pretos que eu tinha conhecido era mais legal comigo que os brancos.

Bem, mas aí, fomos pro Orange Bowl, em Miami, e quando tava chegando a hora do jogo, ficamos como que excitados. O técnico Bryant veio ao vestiário e não falou muito, a não ser que se a gente quisesse ganhar, tinha de jogar pra valer, ou coisa parecida, e aí fomos pro campo e eles deram o chute inicial. A bola veio direto na minha direção e eu agarrei ela no ar e corri direto prum monte de panacas grandalhões, pretos e brancos, do Nebraska, que pesavam mais ou menos duzentos e cinquenta quilos cada um.

Foi assim a tarde toda. No primeiro tempo eles ganharam de 28 a 7 e a gente ficou muito infeliz e triste. O técnico Bryant veio ao vestiário e balançava a cabeça como se já esperasse que a gente fosse desapontar ele. Aí ele começou a desenhar no quadro-

negro e a falar com Snake, o zagueiro, e com alguns outros. Depois ele me chamou e pediu pra eu ir com ele até o corredor.

— Forrest — ele disse —, esta merda tem de parar. — A cara dele tava quase encostada na minha e senti sua respiração quente nas minhas bochechas. — Forrest — ele disse —, passamos o ano inteiro treinando você, em segredo, a agarrar os lançamentos, e você foi muito bem. Agora vamos fazer isso neste segundo tempo contra esses imbecis fuleiros de Nebraska e eles vão ficar tão confusos que a sunga deles vai bambolear em torno do tornozelo. Agora é com você, garoto. Vá até lá e corra como se um animal selvagem estivesse querendo pegar você.

Concordei com a cabeça e, então, tava na hora de voltar pro campo. Todo mundo gritava e dava vivas, mas senti que, de certa forma, era uma carga injusta em cima de mim. Mas, diacho, às vezes as coisas são assim.

Na primeira jogada, quando a gente tinha a bola, Snake, o *quarterback*, combinou:

— Certo, agora vamos fazer a *Série Forrest* — e depois se virou pra mim. — Só tem de correr vinte jardas, olhar pra trás e a bola vai estar ali.

E diabos, tava mesmo! De repente, o placar passou pra 28 a 14.

A gente jogou realmente bem a partir daí, mas os negros e os brancos patetas de Nebraska só ficavam observando a cena. Também tinham seus truques, principalmente o de correrem na nossa direção como se a gente fosse de papel ou coisa parecida.

Mas ainda assim ficaram surpresos por eu agarrar a bola, e depois de eu agarrar umas quatro ou cinco vezes, e o placar marcar 28 a 21, eles botaram dois caras pra correr atrás de mim. No entanto, isso deixou Gwinn, o ponta, sem ninguém pra marcar ele e ele agarrou o lançamento do Snake e colocou a gente na linha das quinze jardas. Weasel, o chutador, conseguiu *um field goal* e o placar passou pra 28 a 24.

No banco, o técnico Bryant veio até mim e disse:

— Forrest, pode ser que você tenha um cérebro de merda, mas vai

ter de tirar a gente desta situação. Vou pessoalmente tratar pra que seja eleito presidente dos Estados Unidos ou o que você quiser, se simplesmente conseguir levar essa bola até a linha do gol mais uma vez.

Deu um tapinha na minha cabeça, como se eu fosse um cachorro, e eu voltei pro campo.

Snake ficou preso atrás da linha logo na primeira jogada, e o relógio corria. Na segunda jogada, tentou enganar eles me passando a bola, em vez de lançá-la, mas quase uma tonelada de palermas de Nebraska, pretos e brancos, caiu em cima de mim na mesma hora. Eu fiquei ali, estatelado de costas, pensando que devia ter sido assim quando a carga de bananas caiu em cima de meu pai. Depois, voltei pro grupo pra combinar os outros lances.

— Forrest — Snake disse —, finjo que vou lançar pra Gwinn, mas lanço a bola pra você, por isso quero que corra até o final do campo, vire pra direita e a bola vai estar lá.

O olhar de Snake era tão selvagem quanto o de um tigre. Assenti com a cabeça e fiz o que mandaram.

Snake realmente arremessou a bola nas minhas mãos e eu disparei pro meio do campo com as balizas do gol logo à frente. Mas, de repente, um homem gigantesco voou pra cima de mim e me atrasou, e depois todos os pretos de Nebraska e brancos do mundo inteiro começaram a me agarrar, me frear, a bater o pé em mim, e eu caí. Maldição! A gente só precisava de algumas jardas pra vencer o jogo. Quando me levantei, vi Snake reunindo todo mundo pra última jogada, já que a gente não tinha mais direito a pedir tempo. Assim que cheguei, ele disse que ia repetir o truque, e saí correndo, mas de repente ele lançou a bola de propósito cerca de seis metros acima de minha cabeça, fora do meu alcance — acho que pra parar a contagem do tempo, pois só faltavam 2 ou 3 segundos.

Infelizmente, Snake confundiu as coisas. Acho que ele pensou que era a terceira jogada, e teríamos mais uma, mas era a quarta e perdemos a bola, e também, é claro, o jogo. Parecia algo que eu teria feito.

De qualquer jeito, foi extremamente triste pra mim, porque imaginava que Jenny Curran provavelmente teria assistido ao jogo, e quem sabe se eu tivesse conseguido agarrar a bola e ganhado, ela perdoaria o que eu tinha feito? Mas não era pra ser. O técnico Bryant tava muito infeliz com o que tinha acontecido, mas disse:

— Bem, garotos, sempre há o outro ano. Exceto pra mim. Não haveria.

5

Depois do Orange Bowl, o Departamento de Atletismo deu minhas notas do primeiro semestre, e não demorou muito o técnico Bryant me chamou na sua sala. Quando cheguei, ele parecia desolado.

— Forrest — ele disse —, posso entender você ter levado pau em inglês, mas continuará sendo um mistério até o final de minha vida como conseguiu um “A” numa coisa chamada Luz Intermediária, e um “F” em Educação Física quando acaba de ser considerado o Melhor Beque das Universidades na Liga do Sudeste!

Era uma longa história e eu não queria aborrecer o técnico Bryant com isso, mas, afinal, por que diabos preciso saber a distância entre as balizas do gol, num campo de futebol? Bem, o técnico Bryant ficou me olhando com uma expressão terrivelmente triste,

— Forrest — ele disse —, lamento muitíssimo ter de dizer isso, mas você foi desligado da Universidade e não há nada que eu possa fazer.

Fiquei ali, em pé, contorcendo as mãos, até que de repente entendi o que ele tava dizendo: eu não ia mais jogar futebol. Tinha de deixar a Universidade. Talvez nunca mais visse os outros rapazes. Talvez nunca mais visse Jenny Curran. Tinha de sair do porão e não faria o curso avançado de Luz, no segundo semestre, como o professor Hooks tinha dito que eu ia fazer. Não me dei conta disso, mas as lágrimas começaram a correr. Eu não disse nada. Só fiquei ali, a cabeça baixa.

Aí o técnico se levantou, veio pra perto de mim e me abraçou. Ele disse:

— Forrest, está tudo bem, filho. Quando veio pra cá, eu já esperava por isso. Mas eu tinha falado pra eles, isto é, eu disse pra me darem você só por uma temporada, foi tudo o que pedi. Bem, Forrest, tivemos uma temporada e tanto. Não há a menor dúvida. E com certeza não foi culpa sua Snake ter isolado a bola na quarta jogada...

Então, levantei os olhos e tinha lágrimas também nos olhos do técnico Bryant e ele me olhava com firmeza.

— Forrest — ele disse —, nunca houve alguém, nesta escola, que jogasse futebol como você, nem nunca haverá. Você foi muito bem.

Aí o técnico Bryant se afastou e ficou olhando pra fora da janela e disse: “Boa sorte, garoto. E agora se manda daqui.”

E assim, tive de deixar a Universidade.

Voltei pro porão e arrumei minhas coisas. Bubba desceu, trouxe duas cervejas e deu uma pra mim. Eu nunca tinha bebido cerveja, mas dá pra entender por que é fácil gostar dela. Bubba caminhou comigo pra fora do Dormitório, e adivinhem quem tava lá? O time inteiro de futebol.

Tavam em silêncio e Snake se aproximou, apertou minha mão e disse:

— Forrest, lamento muito aquele lançamento, certo?

— Claro, Snake, tudo bem — eu disse.

Então, todos se aproximaram, um por um, e apertaram minha

mão. Até o Curtis, que usava uma atadura do pescoço até em baixo por ter derrubado uma entre várias portas do Dormitório.

Bubba queria me ajudar a carregar as coisas até a estação de ônibus, mas eu disse que preferia ir sozinho. — Dê notícias — ele disse. De qualquer modo, no caminho pra estação, passei pelo prédio do Grêmio Estudantil, mas não era noite de sexta-feira e a

banda de Jenny Curran não tava tocando, então eu disse, pro inferno com isso, e peguei o ônibus pra casa.

Já era tarde da noite quando o ônibus chegou em Mobile. Eu não tinha contado pra mamãe o que tinha acontecido, porque sabia que ela ia ficar triste e fui a pé pra casa. Tinha uma luz acesa no andar de cima, no quarto dela, e quando entrei, lá tava ela, chorando em voz alta, igualzinho como eu me lembrava. O que aconteceu, ela me contou, foi que o Exército dos Estados Unidos já sabia que eu não ia me formar, e naquele mesmo dia tinha chegado uma notificação pra eu me apresentar ao Centro de Treinamento do Exército. Se eu soubesse o que sei agora, jamais teria feito isso.

Minha mãe me levou até lá alguns dias depois. Ela tinha preparado um lanche pro caso de eu sentir fome no caminho pra onde quer que a gente tivesse indo. Tinha uns cem rapazes esperando e quatro ou cinco ônibus. Um sargento grandalhão gritava com todo mundo, e mamãe foi até ele e disse: — Não entendo como quer levar meu filho, ele é um idiota. — Mas o sargento apenas olhou pra ela e disse: — E o que a senhora acha que essa gente toda é? Einsteins? — E voltou a gritar. Logo berrou comigo também, e eu subi no ônibus e fomos embora.

Desde que saí da escola de birutas, as pessoas gritam comigo — o técnico Fellers, o técnico Bryant e seus gorilas, e, agora, o pessoal do Exército. Mas vou dizer uma coisa: essa gente do Exército grita por mais tempo, mais alto e de modo mais irritante do que todos os outros. Eles *nunca* estão satisfeitos. E além do mais, não reclamam de você ser imbecil ou burro como os técnicos fazem. Eles tão mais interessados nas suas partes íntimas ou no funcionamento de seus intestinos, e sempre precedem o berro com alguma coisa como “caralho” ou “bundão”. Às vezes, fico pensando se Curtis não passou pelo Exército antes de jogar futebol.

Finalmente, depois de umas cem horas no ônibus, chegamos ao Fort Benning, Georgia, e eu só pensava nos 35 a 3, o placar de quando vencemos os Georgia Dogs. E bem verdade que as condições no quartel são um pouco melhores do que no alojamento, mas a comida não — é terrível, apesar de ser muita.

Fora isso, nos meses seguintes, foi só fazer o que eles mandavam e aguentar os berros. Eles ensinam a gente a atirar, lançar granadas e rastejar de bruços. Quando não tamos fazendo isso, ou ta-mos correndo pra algum lugar ou limpando privadas e coisas assim. O que mais me lembro do Fort Benning é que lá parecia não ter ninguém mais inteligente do que eu, o que certamente era um alívio.

Pouco tempo depois, fui colocado na cozinha, porque acertei acidentalmente na caixa d'água, quando a gente tava praticando com rifle. Quando cheguei na cozinha, soube que o cozinheiro tava doente ou coisa parecida, e alguém apontou pra mim e disse:

— Gump, hoje você vai ser o cozinheiro.

— O que vou cozinhar? — perguntei. — Nunca cozinhei antes.

— Não importa — alguém disse. — Aqui não é o Sans Souci, sabia?

— Por que não faz um ensopado? — alguém mais disse. — É mais fácil.

— Ensopado de quê? — perguntei.

— Dá uma olhada na geladeira e na despensa — o cara disse. — Basta jogar na panela tudo que encontrar e ferver.

— E se não ficar bom? — perguntei.

— E quem vai ligar? Aqui sempre se come qualquer coisa, não é? Nisso, ele tinha razão.

Bem, comecei a pegar tudo que podia das geladeiras e da despensa. Tinha latas de tomates, feijão, pêssegos, bacon, arroz, farinha de trigo, sacos de batatas, e nem sei o que mais. Juntei tudo e disse prum dos rapazes:

— Onde cozinho isso?

— Tem algumas panelas no armário — ele disse.

Mas quando fui pegar, só tinha panelas pequenas, e não grandes o bastante pra cozinhar um ensopado pros duzentos homens da companhia.

— Por que não pede ao tenente? — alguém disse.

— Ele tá no campo de manobras — foi a resposta.

— Não sei não — disse um rapaz —, mas quando chegarem, vão estar mortos de fome, por isso é melhor pensar em alguma coisa.

— O que acham disso? — perguntei.

Tinha uma coisa enorme de ferro, de cerca de dois metros de altura e um e meio de largura, num canto.

— Isso? Essa é a caldeira a vapor. Não pode cozinhar nela.

— Por quê? — eu disse.

— Não sei. Só sei que não faria isso se eu fosse você.

— Tá quente. Tem água nela — eu disse.

— Faça como quiser — alguém disse. — Temos mais o que fazer.

Então, usei a caldeira a vapor. Abri todas as latas, descasquei todas as batatas e joguei ali dentro toda a carne, cebolas e cenouras que encontrei, e despejei dez ou vinte

frascos de catchup e mostarda. Depois de mais ou menos uma hora, já dava pra sentir o cheiro do ensopado.

— Como tá indo o jantar? — alguém perguntou depois de um certo tempo.

— Vou provar — eu disse.

Afrouxei a tampa da caldeira e lá tava ele. Dava pra ver toda aquela coisa borbulhando, e de vez em quando uma batata ou uma cebola surgia na superfície e boiava.

— Deixa eu provar — um deles pediu. Com uma xicrinha pegou um pouco do ensopado. — Esta merda ainda não está pronta. É melhor aumentar o fogo. Eles tão pra chegar.

Então, aumentei o fogo e realmente a companhia começou a chegar do campo. Dava pra ouvir eles no quartel, tomando banho e se vestindo pra refeição da noite, e não demorou muito começaram a entrar no rancho.

Mas o ensopado ainda não tava pronto. Provei de novo, e algumas coisas continuavam cruas. No rancho, dava pra ouvir como que um resmungo de descontentamento, que logo virou uma ladainha e, aí, aumentei mais o fogo.

Depois de mais ou menos meia hora, eles tavam batendo na mesa com as facas e os garfos, como num motim na prisão, e aumentei o fogo o máximo possível.

Eu tava ali, vigiando a comida, tão nervoso que não sabia o que fazer, quando, de repente, o primeiro-sargento entrou esmurrando a porta.

— O que diabos tá acontecendo aqui? — perguntou. — Cadê a comida dos homens?

— Tá quase pronta, sargento — eu disse.

Quase que em seguida, a caldeira começou a roncar e tremer. O vapor saía pelos lados, e uma das pernas soltou do chão.

— O que foi isso? — o sargento perguntou. — Tá cozinhando nesta caldeira!

— É o jantar — eu disse.

O sargento ficou com a cara realmente espantada e, segundos depois, assustada, como a cara que se fica logo antes de um desastre de carro. E, aí, a caldeira explodiu.

Não sei exatamente o que aconteceu a seguir. Só me lembro de que isso fez o teto do refeitório ir pelos ares, rebentou as janelas e as portas também.

Jogou longe, pela parede, o cara que lavava os pratos, e o que empilhava a louça foi lançado pelos ares, parecido com o Homem Foguete.

O sargento e eu fomos poupados, de certa forma milagrosamente, como eles dizem que acontece quando se está perto demais de uma granada pra ser ferido por ela. Mas arrancou nossas roupas — menos o chapéu de mestre-cuca que eu tava usando —, espalhou ensopado em cima da gente, de modo que a gente parecia — bem, não sei com que a gente se parecia, mas, cara, era muito estranho.

Inacreditavelmente, também não fez nada nos rapazes que tavam fora da cozinha, no rancho. Continuaram nas mesas, só que cobertos de ensopado, e com a cara de quem sofre de traumatismo de guerra ou coisa parecida. Mas com certeza serviu pra fechar o bico deles quanto a que horas a comida ia ficar pronta.

De repente, o comandante da companhia entrou correndo no prédio.

— O que foi isso? — ele gritou. — O que aconteceu? — ele olhou pra nós dois e berrou. — Sargento Kranz, foi você?

— Gump — Caldeira — Ensopado! — disse o sargento, e então ele como que se deu conta do que tinha acontecido e arrancou um facão da parede.

— Gump — Caldeira — Ensopado! — ele gritou e veio pra cima de mim com o facão. Eu saí correndo e ele atrás de mim por toda a praça de armas, e até mesmo pelo Clube dos Oficiais e pela oficina mecânica. Mas eu deixei ele pra trás, porque esta é minha

especialidade. Mas vou dizer uma coisa: eu não tinha a menor dúvida de que tava em maus lençóis.

Certa noite, no outono seguinte, o telefone tocou e era Bubba. Ele contou que tinham cortado sua bolsa de estudos porque seu pé tinha quebrado pior do que esperavam e que também tava saindo da faculdade. Perguntou se eu podia sair e ir a Birmingham pra ver a Universidade jogar contra os palermas do Mississippi. Mas fiquei confinado no quartel naquele sábado, como ficava todo fim de semana, já tinha quase um ano, desde que o ensopado foi pelos ares. Sendo assim, não pude ir, por isso ouvi o jogo pelo rádio, enquanto esfregava a latrina.

O placar tava quase igual no final do terceiro quarto, e Snake tava num grande dia. Marcava 38 a 37 a nosso favor, mas os caras do Mississippi marcaram um *touchdown* quando faltava apenas um minuto. Aí, foi a nossa quarta jogada e não tinham mais direito a pedir tempo. Rezei em silêncio pro Snake não fazer o que fez em Orange Bowl, isto é, isolar a bola e perder o jogo, mas foi *exatamente* o que ele fez.

Meu peito apertou, mas de repente eram tantas palmas e vivas que não dava pra ouvir o que o comentarista dizia, e quando tudo acalmou, o que tinha acontecido era que Snake fingiu que ia isolar a bola na quarta jogada pra parar a contagem do tempo, mas na verdade passou a bola pro Curtis que marcou o *touchdown* da vitória. Isso dá uma idéia de como o técnico Bryant é esperto. Ele já devia ter imaginado que os bobões do Mississippi eram tão patetas que achariam que a gente era burro o bastante pra cometer o mesmo erro duas vezes.

Fiquei mesmo muito satisfeito com o jogo, mas me perguntava se Jenny Curran teria assistido e pensado em mim.

Em qualquer caso isso não importava, porque um mês depois embarcamos. Por quase um ano fomos treinados como robôs porque iam enviar a gente prum lugar a dez mil milhas, e isso não é exagero. A gente tava indo pro Vietnã, mas eles disseram que de jeito nenhum seria tão ruim quanto o que a gente tinha passado ali. Como ficou mostrado, isso sim era um exagero.

A gente chegou lá em fevereiro e foi transportado em caminhões pra gado, de Qui Nhon, no litoral sul do Mar da China, até Pleiku, nas montanhas. A viagem não foi ruim, e a paisagem era bonita e interessante, com bananeiras, palmeiras, campos de arroz com amarelos pequeninos arando. Todos em volta eram realmente cordiais, acenando pra gente e tudo mais.

Levou quase metade de um dia pra gente avistar Pleiku, por causa de uma nuvem enorme de poeira vermelha que pairava sobre ela.

Nos arredores, tinha pequenas choças deploráveis, piores do que qualquer coisa que eu já tinha visto no Alabama, com pessoas amontoadas sob um toldo, e eles não tinham dentes e as crianças tavam sem roupas. Eram basicamente mendigos. Quando chegamos no Quartel-General e Base da Artilharia, não parecia tão ruim, a não ser por toda aquela poeira vermelha. Não tinha muita coisa pra ver, e o lugar era muito limpo, com uma fila de barracas que se estendia até onde a vista alcançava, e a poeira e a areia em volta se juntavam de modo ordeiro. Nem dava pra notar que tinha uma guerra acontecendo.

Podia muito bem ser Fort Benning.

De qualquer maneira, eles disseram que tava calmo assim porque era o começo do Ano-Novo dos amarelos — Tet ou coisa parecida — e tinha sido feita uma trégua. Todos ficamos

tremendamente aliviados, porque já távamos assustados o suficiente. No entanto, a calma e a paz não duraram muito tempo.

Depois que nos instalamos, mandaram a gente descer até as duchas pra se lavar. Os Chuveiros da Brigada consistem apenas numa fossa rasa, onde puseram três ou quatro caminhões-tanques. Mandaram a gente dobrar o uniforme e deixar ele na beira do buraco e, aí, se preparar porque iam começar a esguichar a água.

Isso vinha a calhar, pois a gente tava há quase uma semana sem tomar banho e a morrinha começava a cheirar. A gente tava ali no buraco, sendo lavada com mangueira e tudo, e tava escurecendo, quando de repente se ouviu um som engraçado no ar e um dos que esguichavam a água berrou: — Está vindo! — E todos que tavam na beira da fossa sumiram num passe de mágica. Nós ficamos ali, nus, olhando um pro outro e, aí, teve uma explosão forte bem perto, e depois mais outra, e todos começaram a gritar e a xingar, tentando pegar as roupas. As explosões seguintes foram todas em volta da gente, e alguém gritou: “Pro chão!” O que de certa forma era ridículo, já que, a essa altura, a gente tava tão achatada no fundo do buraco que mais parecia verme que gente.

Uma das explosões fez com que um monte de troço voasse pra dentro do buraco, e os rapazes que tavam mais na ponta foram atingidos por aquilo e começaram a gritar, a berrar, a sangrar e a se pegar. Ficou evidente que a fossa não era um lugar seguro onde se esconder. De repente, o sargento Kranz apareceu na beira do buraco e berrou pra que a gente saísse dali e seguisse ele. Teve um pequeno intervalo entre as explosões e a gente se arrastou pra fora. Lá em cima, olhei pra baixo e meu Deus! Vi uns quatro ou cinco dos caras que esguichavam a água na gente. Mal dava pra ver que eram pessoas, todos estraçalhados como se tivessem passado por uma máquina de moer ou coisa assim. Eu nunca tinha visto alguém morto e foi a coisa mais horrível e assustadora que me aconteceu até hoje!

O sargento Kranz disse com um gesto pra que a gente rastejasse atrás dele, o que a gente fez. Olhado de cima devia ser

um espetáculo e tanto! Uns cento e cinquenta caras, todos nus, se contorcendo no solo, formando uma fila comprida.

Tinha um bando de trincheiras cavadas uma atrás da outra, e o sargento Kranz pôs três ou quatro de nós em cada buraco. Mas assim que me vi numa, percebi que devia ter ficado na fossa. As trincheiras tavam cheias até a cintura de uma água fétida, lodosa, acumulada pela chuva, e tinha sapos, cobras e insetos que rastejavam e saltavam e se contorciam em volta.

Foi assim a noite toda; tivemos de ficar nessas trincheiras e sem jantar. Quando ia amanhecer, o bombardeio acalmou e mandaram a gente cair fora das trincheiras, pegar nessas roupas e armas e se preparar pra atacar.

Como a gente era relativamente novato, não tinha muito o que pudesse fazer — eles nem sabiam onde nos pôr, por isso disseram pra gente vigiar o perímetro sul, onde ficavam as latrinas dos oficiais. Mas isso foi pior que ficar nas trincheiras, pois uma das bombas caiu na latrina e espalhou mais ou menos uns duzentos e cinquenta quilos de merda pela área.

Tivemos de passar o dia todo ali, sem café da manhã, nem almoço; então, no pôr-do-sol, começaram a bombardear de novo, e tivemos de ficar deitados ali, com a cara naquela merda toda. Deus do céu, foi nojento.

Finalmente, alguém se lembrou de que talvez tivéssemos fome e mandou um monte de caixas de ração. Peguei uma lata de ovos com presunto frio, com a data de 1951. Corria uma porção de boatos. Alguns diziam que os amarelos tavam invadindo a cidade de Pleiku. Outros, que eles tinham a bomba atômica e só tavam bombardeando com morteiros pra enganar a gente. Ainda outros diziam que não eram os amarelos que atiravam na gente, mas os australianos ou, quem sabe, os holandeses ou os noruegueses. Pra mim não fazia a menor diferença quem bombardeava. Que os boatos se danassem.

Só sei que depois do primeiro dia, tentamos fazer do perímetro sul um local habitável. Cavamos trincheiras e usamos as pranchas e o zinco das latrinas dos oficiais pra cobrir um pouco.

Mas o ataque nunca aconteceu, e nunca vimos sequer um amarelo atirando. Afinal não deviam ser bobos pra atacar um local de merda. Todas as noites, durante uns três ou quatro dias, bombardearam a gente e, finalmente, numa certa manhã, quando o fogo cessou, o major Balis, subcomandante do batalhão, rastejou até o comandante da nossa companhia e disse que a gente tinha de ir pro norte pra ajudar outra brigada que tava passando o diabo na selva.

Depois de algum tempo, o tenente Hooper disse pra gente “levantar acampamento” e todo mundo encheu os bolsos de ração e granadas — o que realmente cria um dilema, pois apesar de não se poder comer uma granada, você pode vir a precisar dela. Mas de qualquer modo, eles embarcaram a gente num helicóptero e partimos.

Antes mesmo do helicóptero aterrissar já dava pra ver a fria em que a Terceira Brigada tinha se metido. Só se via fumaça subindo da selva e uns troços enormes saltavam do solo. Ainda nem tínhamos atingido a terra e começaram a atirar na gente. Explodiram um dos helicópteros no ar, e foi uma visão medonha as pessoas pegando fogo e a gente sem poder fazer nada.

Eu era o portador da metralhadora porque eles achavam que eu podia carregar muita coisa por causa do meu tamanho. Antes da gente partir, alguns dos companheiros perguntaram se eu me incomodava de carregar mais algumas granadas pra que pudessem levar mais ração e eu concordei. Isso não me pesava em nada. O sargento Kranz também me pediu pra carregar um tonel de dez galões de água que pesava uns vinte quilos. Logo antes de partir, Daniels, que levava o tripé da metralhadora, tava com diarreia e não pôde ir, daí também tive de carregar o tripé. Quando me dei conta, era como se eu estivesse carregando um daqueles patetões do Nebraska. Mas isso não era nenhuma partida de futebol.

Já ia anoitecer e mandaram a gente subir até o cume e render a Companhia Charlie que ou tinha sido encurralada pelos amarelos ou os tinha encurralado, dependendo de como se fica sabendo da notícia: pelo nosso jornaleco no front, ou apenas olhando o que tava acontecendo em volta.

Bem, quando chegamos lá, era tudo uma confusão danada e tinha uns caras muito feridos, gemendo e gritando. O barulho era tanto que não dava pra entender nada. Eu andava muito curvado, carregando a água, o tripé e mais as minhas coisas, até onde tava a Companhia Charlie, e tentava passar por uma trincheira estreita quando um cara que tava nela começou a falar e disse pro outro:

— Olha só esse grandalhão. Parece o Frankenstein.

Quase respondi alguma coisa, pois a situação já tava preta demais mesmo sem ninguém gozar com a minha cara. Mas, então, foi incrível! De repente, o outro cara na trincheira deu um pulo e gritou:

— Forrest, Forrest Gump! Vejam só, era Bubba!

Resumindo, aconteceu que apesar do pé de Bubba estar muito machucado pra jogar futebol, não tinha machucado o suficiente pra impedir ele de ser mandado pra outra metade do planeta em nome do Exército dos Estados Unidos. Bem, enfim, consegui me arrastar e tudo o mais até onde me esperavam e, depois de algum tempo, Bubba apareceu, e nos intervalos dos bombardeios (que sempre paravam quando aparecia um helicóptero nosso) a gente botava o assunto em dia.

Ele me contou que Jenny Curran tinha deixado a faculdade e partido com um grupo de protesto contra a guerra ou algo parecido. Também disse que o Curtis tinha dado uma surra num policial do campus porque tinha sido multado por estacionar no lugar errado. Tava em pleno ato quando as autoridades apareceram, jogaram uma grande rede em cima e sedaram ele. Bubba disse que

o técnico Bryant fez o Curtis correr mais cinquenta vezes em volta do campo, depois do treino, como castigo.

O bom camarada Curtis.

6

Essa noite foi longa e desconfortável. Não deu pra voar, e assim tiveram de ficar quase a noite toda atirando na gente às cegas. Tinha uma pequena depressão entre as duas colinas e eles tavam na parte de lá e nós na de cá. Lá embaixo, no fundo da depressão, é que se travava o combate — só não entendia por que alguém ia querer alguma coisa com esse pedaço de lama e sujeira. Mas o sargento Kranz não cansava de dizer que a gente não tava lá pra entender o que acontecia mas pra fazer o que mandavam.

O sargento Kranz logo apareceu e começou a dizer o que a gente tinha de fazer. A gente tinha de levar a metralhadora uns cinquenta metros, à esquerda de uma árvore grande que ficava no meio da depressão, e achar um local seguro pra colocar ela, de modo que não fossem todos lançados pelos ares. Pelo que eu tinha visto e sabido, nenhum lugar, inclusive onde a gente tava, era seguro, e descer até lá era um tremendo absurdo. No entanto, tentei fazer a coisa certa.

Eu, Bones — o metralhador —, Doyle — outro carregador de munição — e mais dois caras rastejamos pra fora da trincheira e começamos a descer a encosta. Na metade do caminho, os amarelos viram a gente e começaram a atirar com a metralhadora deles. Antes que acontecesse algo pior, descemos tudo de uma vez e penetramos na selva. Não me lembro de quanto é um metro exatamente, mas é quase uma jarda, de modo que quando chegamos perto da árvore grande, eu disse a Doyle:

— Acho que é melhor a gente ir um pouco pra esquerda. Ele me olhou firme e resmungou:

— Cala a boca, Forrest, os amarelos tão aqui.

E tavam mesmo. Tinha uns seis ou oito acorados debaixo da árvore grande, comendo. Doyle pegou uma granada, tirou o pino e jogou ela por cima, na direção da árvore. Explodiu antes de bater no chão e só se ouviu as vozes desesperadas dos amarelos. Aí, Bones começou a atirar com a metralhadora e eu e os dois outros lançamos mais granadas por via das dúvidas. Isso tudo durou mais ou menos um minuto e quando terminou, seguimos nosso caminho.

Achamos um lugar pra botar a metralhadora e ficamos ali até escurecer — e também a noite toda —, mas nada aconteceu. A gente ouvia a merda toda que tava acontecendo em volta, mas a gente tava sozinho. O sol nasceu, a gente tava cansado e com fome, mas ficou ali. Então, chegou um mensageiro do sargento Kranz dizendo que a Companhia Charlie ia descer a encosta assim que nossos aviões acabassem com todos aqueles amarelos, o que só levaria alguns minutos. E assim foi. Os aviões lançaram aquelas bombas, explodiram tudo e exterminaram todos os amarelos.

A gente viu a companhia deixando a colina e descendo, mas nem bem chegaram na beirada, tiveram de combater pela encosta e aí, todas as armas do mundo começaram a disparar contra a Companhia Charlie e a lançar morteiros e tudo mais, e foi uma confusão tremenda. De onde a gente tava, não dava pra ver nenhum china, porque a selva tinha ficado muito densa com o fogaréu todo, mas, sem dúvida, tinha alguém disparando contra a Companhia Charlie. Quem sabe não eram os holandeses, ou talvez os noruegueses?

Bones, o metralhador, ficou extremamente nervoso durante tudo isso, porque tinha percebido que o ataque partia da direção em *frente*, o que queria dizer que os amarelos tavam entre a gente e a nossa própria brigada. Em outras palavras, a gente tava isolado.

Mais cedo ou mais tarde, ele disse, se os amarelos não invadissem a Companhia Charlie, voltariam por aquele caminho, e não iam gostar nem um pouco de achar a gente ali. A questão era que a gente tinha de se mandar.

Juntamos nossas tralhas e começamos a subir a colina de novo. Mas quando fazíamos isso, Doyle olhou pra baixo, à nossa direita, e viu uma massa de mais amarelos armados até os dentes, subindo na direção da Companhia Charlie. O melhor mesmo seria tentar fazer amizade com eles e esquecer toda aquela porcaria, mas isso nem pensar. Então, nos agachamos num arbusto enorme e esperamos até eles chegarem lá em cima da colina. Aí, Bones disparou a metralhadora e acertou uns dez ou quinze amarelos. Doyle, eu e os outros dois lançávamos granadas, e a coisa ia bem até que acabou a munição de Bones e ele precisou de outra fita. Coloquei pra ele, mas aí quando tava prestes a apertar o gatilho, uma bala acertou em cheio a cabeça dele e virou ela pelo avesso. Ficou ali, caído no chão com a mão firme no gatilho, lutando pela vida que agora já não tinha mais.

Meu Deus, foi horrível! E ficou pior ainda. Sem falar no que os amarelos fariam se pegassem a gente. Chamei Doyle, mas ele e os outros dois tavam caídos. Os dois tavam mortos, mas Doyle ainda respirava, e então eu levantei ele e pus nos ombros, como um saco de farinha, e corri pra companhia, porque tava morrendo de medo. Corri quase uns vinte quilômetros com as balas zunindo atrás de mim e achei que certamente me acertariam. Mas aí atravessei um bambuzal e dei de cara com uma área de relva rasteira, e pra minha surpresa, tava cheia de amarelos abaixados, olhando na direção contrária, e disparando contra a Companhia Charlie, eu acho.

E agora, o que fazer? Tinha amarelos atrás, na frente, e logo ali a meus pés. Não sabia o que fazer, e então corri em disparada gritando a plenos pulmões. Foi como se tivesse perdido a cabeça, acho, porque não me lembro do que aconteceu depois, a não ser que continuava a berrar com toda força e corria pra me salvar. Tava

tudo confuso e então, de repente, me vi no meio da Companhia Charlie com todo mundo dando tapinhas nas minhas costas, igualzinho quando eu marquei o *touchdown*.

Foi como se eu tivesse assustado os amarelos e eles tivessem fugido pra onde quer que vivessem. Pus Doyle no chão, os médicos vieram e começaram a tratar dele, e logo depois o comandante da companhia veio e apertou minha mão com força, dizendo como eu era um bom companheiro. Depois, ele disse:

— Como conseguiu, Forrest?

Esperou a resposta, mas eu não sabia como tinha feito, por isso disse:

— Preciso mijar — o que fiz.

O comandante olhou pra mim estranhando, depois se virou pro sargento Kranz, que também tinha se aproximado, e o sargento Kranz disse:

— Oh, pelo amor de Deus, Gump, venha comigo — e me levou pra trás de uma árvore.

Nessa noite, Bubba e eu nos encontramos, dividimos uma trincheira e comemos nossa ração do jantar. Depois, peguei a gaita que Bubba tinha me dado e toquei algumas músicas. Parecia realmente sobrenatural, ali, na selva, tocar *Oh, Suzanna* e *Home on the range*. Aí, Bubba pegou uma caixa de doces que a mãe dele tinha mandado — pralinas e brigadeiros — e comemos alguns. E vou confessar uma coisa: os brigadeiros me fizeram recordar certos fatos.

Mais tarde, o sargento Kranz veio e me perguntou onde tava o tonel de água potável. Eu disse que tinha largado ele na selva quando tentava carregar Doyle e a metralhadora. Cheguei a pensar que ele ia mandar eu voltar e buscar, mas ele não mandou. Apenas balançou a cabeça e disse que já que Doyle tava ferido e Bones tinha morrido eu ia ser o metralhador. Perguntei quem ia carregar o tripé, a munição e tudo mais, e ele disse que teria de fazer tudo sozinho, porque não tinha sobrado ninguém. Aí Bubba disse que podia fazer isso, se fosse transferido pra nossa companhia. O

sargento Kranz refletiu por um minuto, e aí disse que poderia ser dado um jeito, já que, afinal, não tinha sobrado muita gente da Companhia Charlie pra sujar a latrina. E assim, eu e Bubba ficamos juntos outra vez.

As semanas passavam tão devagar que achei que o tempo andava pra trás. Em cima de uma colina, embaixo de outra. As vezes, tinha amarelos, outras não. O sargento Kranz disse que tava tudo bem, porque na verdade a gente tava marchando de volta pros Estados Unidos. Disse que a gente ia sair do Vietnã pelo Laos, depois pela China e Rússia, ia subir até o Pólo Norte e atravessar a geleira até o Alasca, onde nossas mães iriam nos buscar. Bubba disse pra não prestar atenção no que ele tava dizendo porque ele era um idiota.

Na selva, as coisas são muito primitivas, não tem lugar pra nada, a gente dorme no chão, a comida é de lata, não tem onde tomar banho nem nada, e as roupas apodrecem. Eu recebia uma carta por semana da mamãe. Ela dizia que tava tudo bem em casa, mas que a escola nunca mais tinha ganhado um campeonato desde que eu tinha saído. Eu também escrevia pra ela, quando podia, mas o que eu podia contar que não fizesse ela chorar? Por isso eu só dizia que a gente tava se divertindo e que era muito bem tratado por todo mundo. Mas fiz uma coisa: escrevi pra Jenny Curran aos cuidados da mamãe, e pedi que ela desse pra um dos amigos de Jenny pra que entregasse a ela — onde quer que ela estivesse. Mas não tive resposta.

Nesse meio tempo, eu e Bubba fizemos um plano pra quando a gente deixasse o Exército. A gente voltaria pra casa, teria um barco e entraria no negócio de pesca de camarões. Bubba era de Bayou La Batre e tinha trabalhado nisso a vida toda. Ele disse que quem sabe a gente conseguia um empréstimo pro barco. A gente ia se revezar no comando, podia até mesmo morar no barco e teria o que fazer. Bubba tinha pensado em tudo. O quanto de camarão pra pagar o empréstimo, o quanto pro combustível, mais um tanto pra gente comer e coisas assim, e o resto pra gente coçar o saco. Eu

ficava me imaginando segurando o leme do barco, ou melhor ainda, na popa, comendo camarão! Mas quando contei isso pro Bubba, ele disse:

— Essa não, Forrest! Você ia acabar arruinando a gente de tanto comer! A gente só vai poder comer camarão depois que começar a dar lucro.

Tava certo, isso fazia sentido — por mim, tudo bem.

Um dia começou a chover e não parou durante dois meses. A gente passou por todo tipo de chuva que existe, menos, talvez, chuva com neve e chuva de pedra. Às vezes, a chuva era fininha e chegava a espetar, outras vezes era grossa pra caramba. Podia cair inclinada, reta, direto pro chão, e às vezes parecia até que surgia do solo. Mas a gente só tinha que fazer a porcaria da nossa parte, que era principalmente subir e descer colinas, e aquela coisa de ficar procurando amarelos.

Um dia, achamos eles. Devia ser uma convenção de amarelos ou coisa parecida, pois foi como se a gente pisasse num formigueiro e todas elas saíssem em bando. Não dava pra voar naquela situação, e então, em mais ou menos dois minutos, a gente tava novamente em apuros.

Dessa vez, pegaram a gente com as calças nas mãos. Tá vamos atravessando o arrozal quando de repente começaram a atirar por tudo que é lado. As pessoas gritavam, berravam, e eram atingidas, e alguém disse “Recuem!” Bem, peguei a metralhadora e comecei a correr com todo mundo prumas palmeiras, que pelo menos podiam proteger da chuva. A gente formou mais ou menos um perímetro de meia tigela e tava se preparando pra outra noite longa, quando procurei Bubba e não achei.

Disseram que Bubba tava no arrozal e ferido, e eu disse — Que droga! —, e o sargento Kranz me ouviu e disse — Gump, você não pode ir até lá. — Mas que tudo se danasse, larguei a metralhadora, porque seria um peso a mais, e saí em disparada pra onde tinha visto Bubba pela última vez. Mas na metade do caminho, quase tropecei num cara do segundo pelotão, que tava

muito ferido. Ele olhou pra mim com a mão estendida e, aí, pensei, merda, o que posso fazer? Então, agarrei ele e corri de volta o mais rápido que pude. As balas e tudo mais zuniam por tudo que é lado. Tinha uma coisa que eu simplesmente não conseguia entender — por que diabos tava fazendo aquilo tudo? Jogar futebol é uma coisa. Mas aquilo, não sei o porquê. Que droga.

Levei o rapaz e saí de novo. Mas, droga, tinha de esbarrar com mais alguém. Aí me abaixei pra também pegar ele e levar de volta, e quando fiz isso o cérebro dele caiu no arrozal, porque a parte de trás da cabeça tinha explodido. Merda.

Assim, larguei ele e segui meu caminho e lá tava Bubba, que tinha sido atingido duas vezes no peito, e eu disse:

— Bubba, vai ficar tudo bem, tá ouvindo? A gente vai comprar o barco e pescar camarão.

Carreguei ele de volta pra onde a gente tava, e botei ele no chão. Quando recuperei o fôlego, olhei pra baixo e vi minha camisa toda coberta de sangue e de um grude azul-amarelado que vinha do ferimento de Bubba. Bubba olhou pra cima e disse: “Que merda, Forrest, por que aconteceu isso?” Bem, o que eu ia dizer?

Então, Bubba pediu: — Forrest, toca uma música na gaita?

Peguei a gaita e comecei a tocar, nem mesmo sei o quê, e aí Bubba disse: — Forrest, dá pra tocar *Way down upon the Swanee River*? — E eu disse: — Claro, Bubba.— Tive de enxugar o bocal e, então, comecei a tocar, e o terrível tiroteio e bombardeio continuava, e eu sabia que devia ter levado a metralhadora, mas e daí? Toquei a música.

Não notei, mas tinha parado de chover e o céu tinha ficado de uma cor rosada horrível. Fazia a cara de todo mundo parecer a própria morte e, por algum motivo, os amarelos pararam de disparar durante um certo tempo, e nós também. Toquei *Way down upon the Swanee River* várias vezes, ajoelhado ao lado de Bubba, enquanto o médico dava uma injeção nele, e cuidava dele o melhor que podia. Bubba segurou minha perna e seus olhos ficaram

anuviados, e aquele horrível céu rosa pareceu consumir toda a cor de seu rosto.

Ele tava tentando dizer alguma coisa, e eu me inclinei até bem pertinho pra escutar o que era. Mas não consegui. Então, perguntei pro médico:

— Ouvia o que ele disse?

— Lar. Ele disse *lar* — o médico disse.

Bubba morreu, e isso é tudo o que tenho a dizer a respeito.

O resto da noite foi a pior coisa que já vivi. Não tinha como conseguir ajuda, já que começou a chover de novo. Os amarelos tavam tão perto que dava pra ouvir eles falando uns com os outros e, a certa altura, foi uma luta corpo a corpo no 1º pelotão. Quando amanheceu, pediram um avião de *napalm*, mas ele lançou aquela merda bem em cima de nós. Nossos próprios companheiros, todos queimados, saíam pra campo aberto, os olhos esbugalhados, todos jogando pragas, blasfemando, e apavorados. A floresta em fogo quase acabou com a chuva!

No meio disso tudo, fui atingido e, como a sorte quis, no traseiro. Nem consigo lembrar como. Todos nós távamos péssimos. Não sei o que aconteceu. Tudo arruinado. Deixei a metralhadora pra lá. Não ligava mais a mínima. Fui pra trás de uma árvore e simplesmente me enrosquei e comecei a chorar. Bubba se foi, o barco se foi; ele, o único amigo que tive, exceto talvez Jenny Curran, e estraguei isso também. Se não fosse por minha mãe, eu bem que podia morrer ali mesmo, de velhice ou de qualquer outra coisa, não importava.

Depois de algum tempo, helicópteros trouxeram alguns soldados pra renderem a gente, e acho que a bomba de *napalm*

tinha espantado os amarelos. Devem ter pensado que se fazíamos isso com nós mesmos, o que não faríamos com eles?

Levavam os feridos quando o sargento Kranz apareceu com o cabelo queimado e as roupas chamuscadas, como se tivesse acabado de ser disparado de um canhão. Ele disse: — Gump, ontem você foi realmente bom, garoto. — Então me perguntou se eu queria um cigarro.

Eu disse que não fumava e ele balançou a cabeça.

— Gump — ele disse —, você não é o cara mais inteligente que tive, mas é um senhor soldado. Quem me dera ter uns cem como você.

Perguntou se tava doendo e eu disse não, mas não era verdade. — Gump — ele disse —, acho que você já sabe que vai pra casa.

Perguntei onde tava Bubba, e o sargento Kranz olhou pra mim com uma cara meio gozada. — Ele vai direto pro helicóptero — ele disse. Perguntei se podia ir no mesmo que Bubba e o sargento Kranz disse que não, que Bubba tinha de sair por último, porque tava morto.

Eles me picaram com uma agulha grande, cheia de uma porcaria qualquer que fez com que me sentisse melhor, mas me lembro de ter pegado o sargento Kranz pelo braço e dito:

— Nunca pedi nenhum favor antes, mas queria que o senhor mesmo botasse Bubba no helicóptero e garantisse que fosse levado, certo?

— Claro, Gump — ele disse. — Vamos até mesmo botá-lo na primeira classe.

7

Fiquei no hospital de Danang por mais de dois meses. Quanto ao hospital, não era grande coisa, mas a gente dormia em catres com mosquiteiros, o chão era de madeira e limpo duas vezes por dia, o que era muito mais do que eu tava acostumado.

E devo dizer que tinha gente nesse hospital bem mais machucada que eu. Coitados dos rapazes sem braços, sem pés, sem mãos, e sem sei lá o que mais. Garotos que foram atingidos no estômago, peito e rosto. A noite, o lugar parecia uma câmara de tortura — os homens gritavam, choravam, chamavam as mães.

Tinha um cara no catre do lado do meu que se chamava Dan e que tinha explodido dentro de um tanque. Ele tava todo queimado e com tubos metidos por toda parte, mas nunca ouvi ele gritar. Ele falava baixinho e com calma, e depois de mais ou menos um dia, eu e ele ficamos amigos. Dan era do estado de Connecticut. Era professor de história quando pegaram e botaram ele no Exército. Mas como era inteligente, mandaram ele pra escola de oficiais e fizeram ele virar tenente. A maioria dos tenentes que eu conhecia era quase tão simplória quanto eu, mas Dan era diferente. Ele tinha uma filosofia própria sobre por que a gente tava ali: a gente tava fazendo a coisa errada por motivos certos, ou vice-versa. Mas o que quer que fosse, não tava fazendo direito. Mesmo tendo sido um oficial de tanque e tudo, disse que era ridículo fazer uma guerra num lugar que mal dava pra usar os tanques, já que a região era quase toda pantanosa e montanhosa. Conte pra ele sobre Bubba e ele balançou a cabeça com muita tristeza e disse que muitos outros Bubbas ainda morreriam antes que essa guerra acabasse.

Depois de mais ou menos uma semana, fui transferido pra outra ala do hospital onde fica quem já tá melhor. Mas todo dia eu ia à ala de tratamento intensivo e ficava um pouco com Dan. Às vezes, tocava gaita pra ele, ele gostava muito. Mamãe tinha mandado um pacote de barras de chocolate Hershey que finalmente eu tinha recebido no hospital e que queria dividir com Dan, mas ele não podia comer nada, a não ser o que passava pelos tubos.

Acho que ter ficado ali conversando com Dan foi uma coisa que marcou muito minha vida. Sei que acham que sendo um idiota, eu não devia ter uma filosofia pessoal, mas talvez pensem assim porque nunca se deram ao trabalho de conversar comigo sobre isso. A filosofia de Dan consistia em que tudo que acontece com a gente, ou melhor, com qualquer coisa, em qualquer lugar, é controlado por leis naturais que governam o universo. A sua visão era extremamente complicada, mas o ponto central do que dizia começou a mudar minha maneira de ver as coisas.

Em toda minha vida, nunca entendi patavina do que acontecia. Uma coisa simplesmente acontecia, depois acontecia outra, e assim por diante, e nada fazia o menor sentido. Mas Dan disse que tudo fazia parte de um certo esquema, e a melhor maneira de se viver era entender como a gente se encaixava no esquema e, então, tentar ficar no nosso lugar. De certa forma, sabendo disso, as coisas ficaram um pouco mais claras pra mim.

Mas fui melhorando nas semanas seguintes e meu traseiro ficou mesmo curado. O médico disse que eu tinha a pele de um “rinoceronte” ou coisa parecida. Tinha uma sala de recreação no hospital, e como não tinha muito o que fazer, um dia fui até lá e vi dois caras jogando pingue-pongue. Depois de algum tempo, perguntei se podia jogar e deixaram. Perdi os dois primeiros pontos mas depois venci os dois caras. — Sem dúvida, você é rápido pra um cara tão grande — um deles disse. Só balancei a cabeça. Comecei a jogar um pouco todos os dias e acabei ficando muito bom mesmo, acreditem ou não.

De tarde eu ia ver Dan, mas passava as manhãs sozinho. Eu podia sair do hospital, se quisesse, e tinha um ônibus que levava os caras como eu pra cidade, pra que a gente pudesse passear e comprar algumas daquelas coisas que vendiam nas lojas dos amarelos de Danang. Mas eu não precisava de nada daquilo, por isso só ficava andando e vendo as coisas.

Tinha um pequeno mercado perto da zona portuária onde vendiam peixe, camarão, e coisas desse tipo, e um dia fui até lá e comprei um pouco de camarão. Um dos cozinheiros do hospital cozinhou eles e ficaram muito gostosos. Eu bem que gostaria que Dan pudesse ter comido um pouco. Ele disse que se eu esmagasse um, talvez ele passasse pelo tubo, e que ia falar com a enfermeira sobre isso, mas eu sabia que ele só tava brincando.

Nessa noite, fiquei deitado pensando em Bubba, em como ele teria gostado desses camarões, em nosso barco, e tudo mais. Pobre amigo Bubba. Aí no dia seguinte perguntei a Dan como era possível Bubba ter sido morto e que droga de natureza era aquela que permitia isso. Ele pensou um pouco e disse:

— Bem, vou dizer uma coisa, Forrest. Nem todas as leis são agradáveis. Mas assim mesmo tem leis. Como quando um tigre salta em cima de um macaco na selva. É ruim pro macaco, mas é bom pro tigre. É assim que as coisas são.

Alguns dias depois, voltei ao mercado de peixe e tinha um chinês pequenino vendendo um saco grande de camarões. Perguntei onde ele tinha conseguido os camarões, e ele começou a matraquear coisas sem sentido, isso porque ele não entendia inglês. De qualquer maneira, falei por sinais, como um índio ou sei lá o quê, e depois de um tempo ele entendeu e fez um gesto pra eu ir com ele. De início fiquei um pouco desconfiado, mas ele tava até sorrindo e aí eu fui.

A gente deve ter andado mais ou menos uma milha, passado por todos os barcos na praia e tudo mais, mas ele não me levou prum barco. Era um lugar pequeno num pântano, perto da água, uma espécie de tanque ou coisa parecida, e tinha redes de arame que enchiam d'água do Mar da China, quando a maré tava alta.

Aquele filho da puta *crescia* camarões ali! Ele pegou uma pequena rede e levantou ela, e não é que tinha uns doze camarões? Ele me deu alguns e eu dei pra ele uma barra Hershey. Quase cagou de alegria.

Nessa noite teve um cinema ao ar livre perto do Quartel-General da Força de Combate, e fui até lá, mas alguns caras que tavam na fila da frente começaram a brigar sei lá por que e alguém foi jogado tela afora, e esse foi o fim do cinema. Mais tarde, eu tava deitado no meu catre, pensando, e de repente, tive a idéia. Já sabia o que ia fazer quando saísse do Exército! Ia voltar pra casa e procurar um lago perto do Golfo e criar camarões! Talvez eu não pudesse ter um barco, agora que não tinha mais Bubba, mas com certeza podia ir a um desses charcos e armar umas redes de arame, e era isso que ia fazer. Bubba ia ficar satisfeito.

Todos os dias das semanas seguintes, de manhã, eu ia até onde o china criava camarão. Seu nome era sr. Chi. Eu só ficava ali sentado e observando ele, e depois de um tempo ele mostrou como fazia. Catava camarões novinhos nos pântanos em volta, com uma rede pequena, e jogava eles nesse tanque. Aí, quando a maré chegava, jogava dentro todo tipo de coisa — restos e sei lá mais o quê — que fazia crescer coisinhas minúsculas e viscosas que os camarões comiam e ficavam grandes e fortes. Era tão simples que até um imbecil podia fazer.

Alguns dias depois, uns patetas do Quartel-General da Força vieram ao hospital e disseram muito excitados:

— Soldado Gump, você recebeu a Medalha de Honra do Congresso por heroísmo e será enviado de volta aos Estados Unidos depois de amanhã pra ser condecorado pelo presidente.

Bem, era muito cedo e eu tinha acabado de acordar e tava ali deitado pensando em ir ao banheiro e eles chegaram, e acho que esperavam eu dizer alguma coisa, e a bexiga a ponto de arrebentar. Mas dessa vez eu só disse obrigado e calei a boca. Talvez isso tivesse no esquema natural das coisas.

Bem, de qualquer modo, depois que saíram, fui à ala de tratamento intensivo pra ver Dan, mas quando cheguei lá, o catre dele tava vazio, o colchão enrolado e ele tinha sumido. Fiquei com tanto medo que algo tivesse acontecido com ele que corri pra chamar o ordenança, mas ele também não tava lá. Vi uma enfermeira e perguntei:

— O que
aconteceu
com Dan? E
ela
respondeu:
— Foi embora.

— Pra onde? — eu disse.

— Não sei, não foi no meu turno — ela disse.

Achei a enfermeira-chefe e perguntei pra ela e ela disse que Dan tinha sido mandado de volta pros Estados Unidos, onde seria mais bem tratado. Perguntei se ele tava bem e ela disse:

— Bem, se é possível dizer que com dois pulmões perfurados, um intestino rompido, coluna quebrada, um pé perdido, uma perna mutilada, metade do corpo com queimaduras de terceiro grau, está bem, então, ele está bem.

Agradei e segui meu caminho.

Não joguei pingue-pongue nessa tarde porque tava muito preocupado com Dan. Cheguei a pensar que talvez tivesse morrido e que ninguém queria contar porque tinham de notificar primeiro os parentes e coisas desse tipo. Quem sabe? Mas fiquei muito deprimido, andando sozinho, chutando pedras e latas e toda porcaria que encontrava.

Quando finalmente voltei pra minha ala, tinha correspondência pra mim, ali em cima da cama. A carta da mamãe dizia que nossa casa tinha pegado fogo e sido totalmente destruída

e como não tinha seguro nem nada, ela ia ter de ir prum asilo de pobres. Disse que o fogo tinha começado quando a srta. French, depois de lavar o pêlo do gato, tava secando ele com o secador de cabelo, e ou o gato, ou o secador, pegou fogo, e, enfim, foi isso. A partir de agora, ela dizia, eu devia mandar as cartas aos cuidados das “Irmãs dos Pobres”. Logo vi que ia ter muitas lágrimas nos próximos anos.

Tinha outra carta pra mim que dizia: “Caro sr. Gump, o senhor foi escolhido para ganhar um Pontiac GTO zero quilômetro. Para isto basta nos enviar o cartão anexo com o compromisso de comprar um conjunto dessas maravilhosas enciclopédias e o almanaque atualizado, todos os anos, até o fim de sua vida, a \$75 por ano.” Joguei a carta no lixo. O que um idiota como eu ia fazer com enciclopédias e, além do mais, não podia dirigir.

Mas a terceira carta tava escrita pessoalmente pra mim e atrás do envelope dizia: “J. Curran, Posta-Restante, Cambridge, Mass.” Minhas mãos tremiam tanto que mal conseguia abrir ela.

“Querido Forrest”, dizia, “mamãe me enviou a carta que sua mãe deu para ela e fiquei muito triste ao saber que você teve de lutar nessa guerra terrível e imoral.” Dizia que sabia como devia ser horrível aquelas mortes todas e tudo mais. “Seu envolvimento deve pesar na consciência, embora eu saiba que foi levado contra a vontade.” Disse que devia ser horrível não usar roupas limpas, nem comer boa comida, e esse tipo de coisa, mas que não tinha entendido o que eu tinha querido dizer quando escrevi sobre “ter ficado deitado com a cara na merda dos oficiais por dois dias”.

“É difícil acreditar”, ela disse, “que, mesmo sendo eles, obrigassem você a fazer uma coisa tão vulgar como essa.” Acho que devia ter explicado melhor essa parte.

Bem, mas aí Jenny disse que “estavam organizando grandes manifestações contra os porcos fascistas, para cessar a guerra terrível e imoral e o povo ser ouvido”. Ela continuava falando disso por mais uma página, e parecia que repetia a mesma coisa. Mas, de

qualquer maneira, li tudo com muita atenção, pois só ver sua letra já era o bastante pra meu peito bater forte.

“Pelo menos”, ela disse no final, “você encontrou Bubba, e sei que está feliz por ter um amigo nesse momento de infortúnio.” Mandava lembranças pra ele e acrescentou num RS. que ganhava um pouco de dinheiro tocando numa pequena banda, algumas noites por semana, num bar perto da Universidade de Harvard, e que se eu passasse por ali que fosse ver ela. Disse que o grupo se chamava [The Cracked Eggs](#)^[1]. Desde então, procuro uma desculpa pra ir até a Universidade de Harvard.

Naquela noite, arrumei as malas pra voltar pra casa, pegar minha Medalha de Honra, e conhecer o presidente dos Estados Unidos. Mas não tinha nada pra botar na mala, a não ser o pijama, a escova de dentes e o barbeador que me deram no hospital, já que tudo que eu tinha tava na base de Pleiku. Mas aí um tenente-coronel simpático, mandado pela Força de Combate, disse:

— Deixa essa tralha toda pra lá, Gump. Você vai ganhar um uniforme novinho em folha que será feito esta noite mesmo pelos amarelos de Saigon, já que não pode se encontrar com o presidente usando pijama.

O coronel disse que ia comigo até Washington e providenciaria pra que eu tivesse onde ficar, o que comer e condução pra onde quer que a gente fosse, e que também ia dizer como eu tinha de me comportar e tudo mais.

Seu nome era coronel Gooch.

Nessa noite joguei uma última partida de pingue-pongue com um cara da companhia da Força de Combate que era tido como o melhor jogador de pingue-pongue do Exército ou coisa assim. Era um homem magro, mas forte, que não me olhava nos olhos e que, além disso, tinha levado sua própria raquete num estojo de couro. Quando eu tava ganhando dele, parou e disse que as bolas não eram boas porque a umidade tinha estragado elas. Aí ele guardou a raquete e foi embora, o que pra mim não fazia

diferença, pois ele tinha deixado as bolas e podiam usar elas na saía de recreação do hospital.

Na manhã da minha partida, uma enfermeira veio e deixou um envelope com meu nome escrito. Abri e tinha uma carta de Dan, que, afinal, estava bem, e tinha isso a dizer:

“Caro Forrest,

Lamento não ter tido tempo de ver você antes de partir.

Os médicos decidiram de uma hora para outra, e antes que eu me desse conta, já estavam me levando, mas pedi para escrever esta carta, porque você foi muito gentil comigo.

Sinto, Forrest, que você está a um passo de alguma coisa muito importante em sua vida, alguma mudança ou evento que o levará em outra direção. Deve agarrar esse momento e não deixá-lo escapar. Quando penso nisso, recordo algo em seu olhar, uma certa chama que surge de vez em quando, em geral quando você sorri e, nessas ocasiões, que não são freqüentes, acredito ter visto quase uma gênese de nossa capacidade como seres humanos de pensar, de criar, de *ser*.

Esta guerra não é para você, companheiro — nem para mim — e já estou bem fora dela assim como estou certo de que você também ficará. A questão crucial é: o que fará? Não acho de jeito nenhum que seja um idiota. Talvez pelos testes ou julgamento de alguns tolos você se enquadre em uma categoria ou outra, mas lá no fundo, Forrest, eu percebi uma centelha vívida de curiosidade ardendo no fundo de sua mente. Aproveite a maré, amigo, e enquanto estiver sendo levado, faça com que seja a seu favor, combata os bancos de areia e troncos submersos, e nunca ceda, nunca desista. Você é um cara bom, Forrest, e tem um grande coração.

S
e
u
a
m
i
g
o
,
D
a
n
.
”

Li a carta de Dan umas vinte vezes, e tinha coisas que eu não entendia. Quer dizer, penso que entendi onde ele queria chegar, mas tinha frases e palavras que não conseguia compreender. Na manhã seguinte, o coronel Gooch veio e disse que a gente tinha de ir, primeiro pra Saigon, pra pegar o uniforme novo que tinha sido feito por uns vinte amarelos na noite passada, e depois, direto pros Estados Unidos.

Mostrei pra ele a carta de Dan e perguntei o que ela queria dizer exatamente, e o coronel Gooch deu uma olhada nela, me devolveu e disse:

— Bem, Gump, pra mim está muito claro que ele quer dizer que é melhor não foder tudo quando o presidente colocar a medalha em você.

8

A gente sobrevoava o Oceano Pacífico e o coronel Gooch dizia que eu ia ser recebido como um grande herói quando chegasse nos Estados Unidos. Disse que as pessoas iam fazer desfiles e todas essas coisas, e eu não ia nem poder pagar uma bebida ou uma comida, já que todo mundo ia querer fazer isso pra mim. Também disse que o Exército ia querer que eu fizesse um tour pra convocar novos alistamentos e vender bônus e merdas desse tipo, e que eu receberia um “tratamento real”. Nisso, ele tinha razão.

Quando aterrissamos no aeroporto de São Francisco, uma multidão enorme tava esperando a gente sair do avião. Carregavam cartazes, bandeiras e tudo mais. O coronel Gooch olhou pela janela do avião e disse que tava surpreso em não ver nenhuma banda de música. Os fatos mostraram que a multidão já era o suficiente.

A primeira coisa que aconteceu quando desembarcamos foi que as pessoas começaram a repetir frases pra gente e, aí, alguém jogou um tomate grande que bateu na cara do coronel Gooch. Depois disso, foi um deus-nos-acuda. Tinha uns policiais lá, mas a multidão passou por cima deles e veio na nossa direção, berrando com força todo tipo de grosseria, e eram umas duas mil pessoas usando barbas e coisas assim, e foi a coisa mais apavorante que vivi desde que tinha voltado pro arrozal onde Bubba tinha sido morto.

O coronel Gooch tentava limpar o tomate da cara e agir com dignidade, mas eu pensei: que tudo isso vá pro inferno. Eram mil pra cada um de nós, não podíamos contar com nenhuma arma e, aí, eu me pus a correr.

Tudo que a multidão queria era pegar alguém, pois todos começaram a correr atrás de mim, exatamente como faziam quando eu era pequeno, gritando alto pra caramba e balançando os cartazes. Corri quase a pista toda do aeroporto, ida e volta, e o terminal, e foi muito mais assustador do que a perseguição daqueles panacas do Nebraska, em Orange Bowl. Finalmente, corri pro banheiro, trepei na tampa da privada, tranquei a porta até que visse que tinham desistido e ido pra casa. Devo ter ficado ali mais ou menos uma hora.

Quando saí, fui até o saguão e lá tava o coronel Gooch cercado por um pelotão da polícia militar e civil, e parecia muito decepcionado, até que me viu.

— Vamos, Gump! — ele disse. — Tem um avião esperando pra levar a gente pra Washington.

Quando embarcamos no avião, lá dentro também tinha um monte de civis, e o coronel Gooch e eu sentamos num banco da frente. Ainda nem tínhamos decolado e as pessoas em volta se levantaram e foram se sentar nos fundos do avião. Perguntei pro coronel Gooch por que tinham feito aquilo e ele disse que provavelmente a gente parecia esquisito ou sei lá o quê. Disse pra que eu não me preocupasse e que as coisas iam melhorar em Washington. Eu torci pra ser verdade, porque até mesmo um retardado como eu já tinha percebido que até aquele momento nada tinha sido como o coronel dizia que seria.

Quando o avião chegou em Washington, eu quase explodi de emoção! Pela janela dava pra ver o Monumento de Washington, o Capitólio e tudo mais. Eu só tinha visto fotos dessas coisas, mas agora tavam ali, tão reais quanto a chuva. Um carro do Exército apanhou a gente e fomos prum bonito hotel, com elevadores e tudo, e pessoas pra carregar as coisas pra gente. Eu nunca tinha entrado num elevador antes.

Depois da gente se instalar, o coronel Gooch veio ao meu quarto e disse que a gente ia sair pra beber alguma coisa num pequeno bar que ele conhecia e que tinha muitas garotas bonitas.

Ele disse que ali era bem diferente da Califórnia, porque as pessoas do leste eram civilizadas.

Tava errado de novo.

Sentamos numa mesa, o coronel Gooch pediu uma cerveja pra mim e outra coisa pra ele e começou a me dizer como eu devia agir na cerimônia do dia seguinte, quando o presidente colocasse a medalha.

Mas na metade do papo, uma garota bonita veio até a mesa e o coronel Gooch olhou pra ela e pediu mais duas bebidas, acho que porque pensou que ela era garçonete. Mas ela olhou pra ele e disse:

— Eu não lhe daria nem um copo de cuspe, seu veado nojento. — Aí, ela se virou pra mim e disse. — Quantos bebês matou hoje, seu gorila?

Bem, depois disso, voltamos pro hotel, pedimos cerveja ao serviço de quarto e o coronel Gooch acabou de me dizer como eu devia agir no dia seguinte.

Na manhã seguinte, acordamos bem cedinho e fomos pra Casa Branca, onde o presidente mora. É uma casa muito bonita, com um extenso gramado e parece tão grande quanto a Prefeitura de Mobile. Tava lá uma porção de gente do Exército, que apertava minha mão e me dizia como eu era um cara e tanto, e então chegou a hora da medalha.

O presidente era um cara alto que falava como se fosse do Texas ou algo parecido. Tinham juntado um monte de gente, alguns parecendo criadas, faxineiros, e coisas assim, e tavam todos lá fora, no Rose Garden, sob o sol que brilhava.

Um cara do Exército começou a falar uma besteira qualquer e todos ouviam interessados, exceto eu, que tava morrendo de fome porque ainda não tinha tomado o café da manhã. Finalmente, o cara

do Exército terminou e, então o presidente veio pra perto de mim, tirou a medalha de uma caixa e prendeu ela no meu peito. Depois, apertou minha mão e tudo, e as pessoas começaram a tirar fotos e a bater palmas, e coisas desse tipo.

Achei que tinha acabado e que a gente já podia dar o fora dali, mas o presidente continuou lá, olhando pra mim de um jeito engraçado.

Finalmente, ele disse:

— Garoto, é o seu estômago que está roncando assim?

Olhei de relance pro coronel Gooch, mas ele só girou os olhos pra cima, aí eu balancei a cabeça e disse: — ã-hã —, e o presidente disse:

— Bem, vamos lá, garoto, vamos comer alguma coisa!

Entrei com ele numa pequena sala redonda, e o presidente mandou um cara, que tava vestido como garçom, me trazer o café da manhã. Só tinha nós dois lá, e enquanto a gente esperava o café, ele começou a me fazer umas perguntas do tipo se eu sabia por que a gente combatia os amarelos e se o Exército tava tratando a gente bem. Eu só balançava a cabeça e, depois de algum tempo, ele parou de fazer perguntas e foi aquele silêncio. Aí, ele disse:

— Quer assistir um pouco a TV enquanto esperamos?

Balancei a cabeça de novo, e o presidente ligou a TV que tava atrás da sua mesa e assistimos *The Beverly hillbillies*. O presidente se divertia muito e disse que assistia a esse programa todos os dias, e que eu lembrava um pouco Jethro. Depois do café, o presidente perguntou se eu não queria que ele mostrasse como era em volta da casa e eu disse sim, e então saímos. No lado de fora, todos aqueles fotógrafos nos seguiram e, aí, o presidente resolveu se sentar num banco. Ele disse:

— Garoto, você foi ferido, não foi? — e eu fiz que sim com a cabeça e ele continuou. — Bem, veja só isso.

E ele levantou a camisa e mostrou uma cicatriz grande no estômago, de uma cirurgia qualquer e perguntou:

— E você, onde foi ferido?

Então, eu baixei a calça e mostrei pra ele. Bem, todos os fotógrafos correram e começaram a bater fotos, e vários caras vieram em disparada e me carregaram pra onde o coronel Gooch tava esperando.

Nessa tarde, no hotel, o coronel Gooch de repente escancarou a porta do meu quarto e entrou com um monte de jornais. Nossa, ele tava uma fera. Se pôs a berrar e me xingar e jogou os jornais na minha cama. Bem, era eu, bem ali na primeira página, mostrando o traseiro e o presidente, sua cicatriz. Um dos jornais desenhou uma máscara preta sobre meus olhos, pra que eu não fosse reconhecido, como fazem com fotos pornô.

A legenda dizia: “Presidente Johnson e herói de guerra relaxando no Rose Garden.”

— Gump, seu idiota! — disse o coronel Gooch. — Como pôde fazer isso comigo? Estou arruinado. Minha carreira está acabada!

— Não sei — eu disse —, mas tento fazer a coisa certa.

De qualquer maneira, depois disso, caí em desgraça outra vez, mas eles ainda não tinham desistido de mim. O Exército tinha decidido que eu ia fazer o tour de recrutamento pra tentar convencer mais gente a se alistar pra guerra, e o coronel Gooch tinha mandado alguém escrever um discurso pra eu ler. Era um discurso comprido, que dizia coisas como “Em tempo de crise, nada é mais louvável e patriótico que servir ao seu país nas Forças Armadas”, e um monte de merda como essa. O problema era que eu nunca ia conseguir decorar o discurso. Oh, eu podia ver todas as

palavras na minha cabeça, mas quando tinha de dizer elas, embaralhava tudo.

O coronel Gooch tava fora de si. Me fez ficar acordado até quase meia-noite, todos os dias, tentando fazer eu falar direito o discurso, mas finalmente, levantou as mãos e disse:

— Isso
não vai
dar
certo.
Então,
teve uma
idéia.

— Gump — ele disse —, sabe o que vamos fazer? Vou resumir o discurso e assim só terá de falar poucas coisas. Vamos tentar.

Bem, ele foi diminuindo o discurso cada vez mais, até que ficou satisfeito e achou que eu poderia lembrar ele todo, sem ficar parecendo um idiota. No final, tudo o que eu tinha de dizer era: “Aliste-se e lute pela sua liberdade.”

A primeira parada do tour foi num pequeno colégio, onde tinha alguns repórteres e fotógrafos e nós ficamos num auditório grande, lá em cima, no palco. O coronel Gooch se levantou e começou a fazer o discurso que eu devia fazer. Quando acabou, disse: — E agora, algumas palavras do mais recente ganhador da Medalha de Honra do Congresso, o soldado de primeira classe Forrest Gump —, e fez um sinal pra que eu fosse até lá. Algumas pessoas aplaudiram e quando pararam, eu me inclinei pra frente e disse: — Aliste-se e lute pela sua liberdade.

Acho que tavam esperando mais alguma coisa, mas isso era tudo que tinham mandado eu dizer, por isso fiquei ali, todo mundo olhando pra mim, eu olhando de volta pra eles. Aí, de repente, alguém gritou: — O que acha da guerra? — E eu disse a primeira coisa que veio na minha cabeça: — É um monte de merda.

O coronel Gooch veio, afastou o microfone e me levou pra sentar, mas todos os repórteres anotavam, os fotógrafos tiravam

fotos, e todo mundo no auditório ficou enlouquecido, pulando e dando vivas. O coronel Gooch me tirou depressa de lá e logo a gente tava no carro, saindo rápido da cidade. O coronel não disse nada pra mim, mas falava com ele mesmo, e ria um risinho maluco, esquisito.

Na manhã seguinte, a gente tava no hotel pronto pra fazer o segundo discurso do tour quando o telefone tocou. Era pro coronel Gooch. Quem quer que estivesse na linha do lado de lá parecia falar sozinho — o coronel só ouvia e dizia — Sinsenhor — a toda hora e, de vez em quando, olhava pra mim com raiva. Quando, finalmente, desligou, ficou encarando os sapatos e disse:

— Bem, Gump, agora você conseguiu. O tour foi cancelado, fui designado de novo pro posto meteorológico da Islândia, e não sei, nem quero saber, o que vai ser de você.

Perguntei se agora a gente podia comprar uma coca-cola, e ele só olhou pra mim por um minuto e, então, recomeçou a falar com ele mesmo e a rir aquele risinho maluco e esquisito.

Me mandaram pro Fort Dix e me designaram pra Companhia da Caldeira a Vapor. O dia todo e metade da noite passava atirando carvão

dentro das caldeiras que mantinham o quartel aquecido. O comandante da companhia era o tipo do cara que parecia não dar a mínima pra nada e, quando eu cheguei lá, ele disse que só faltavam mais dois anos pra eu ser desligado do Exército e que era só eu não me meter em confusão que tudo correria bem. E foi isso que tentei fazer. Pensava muito na mamãe, em Bubba, no negócio de camarão, em Jenny Curran lá em Harvard, e jogava um pouco de pingue-pongue nas horas vagas.

Na primavera seguinte, soube que ia ter um torneio de pingue-pongue e que o vencedor iria a Washington disputar o campeonato do Exército. Me inscrevi e foi fácil vencer porque o

único cara que jogava um pouquinho melhor tinha perdido os dedos na guerra, e deixava a raquete cair.

Na semana seguinte, fui enviado pra Washington, e o torneio foi no Hospital Walter Reed, onde os companheiros feridos podiam assistir ao jogo. Venci com facilidade a primeira rodada e a segunda, mas na terceira peguei um cara que só jogava com efeito e passei um aperto terrível, e tava levando uma surra. Tava quatro a dois e achei que ia perder, quando, de repente, olhei por cima de toda aquela gente e quem vi ali, sentado numa cadeira de rodas? O tenente Dan do hospital de Danang em pessoa!

Teve um pequeno intervalo entre as partidas e fui até Dan, e olhei pra ele e vi que não tinha mais pernas.

— Tiveram de tirá-las, Forrest — ele disse —, mas fora isso, estou bem.

Também tinha tirado a atadura do rosto e tava todo marcado de cicatrizes e queimaduras horríveis feitas quando o tanque pegou fogo. Além disso, tinha um tubo que passava por dentro dele a partir de uma garrafa enganchada numa vara na cadeira de rodas.

— Disseram que vão deixar como está — disse. — Achem que fica bem em mim.

Ele se inclinou pra frente e olhou bem nos meus olhos e disse:

— Forrest, acredito que você pode fazer qualquer coisa que quiser. Estava observando você jogar. Pode ganhar esse carinha, pois você joga pingue-pongue pra caramba e é seu destino ser o melhor.

Balancei a cabeça e tava na hora de começar a partida. Depois disso, não perdi mais nenhum ponto e fui pra final e venci o torneio.

Fiquei lá mais ou menos uns três dias, e eu e Dan passamos algum tempo juntos. Eu levava ele pra passear na cadeira de rodas, às vezes no jardim, pra ele apanhar um pouco de sol, e à noite eu tocava gaita pra ele, como fazia pro Bubba. Geralmente ele gostava

de conversar sobre tudo que é coisa, como história e filosofia. Um dia, ele falou da teoria da relatividade de Einstein e no que significava em termos de universo. Bem, eu peguei um pedaço de papel e escrevi a fórmula pra ele, pois a gente tinha de fazer isso no curso de Luz Intermediária, na Universidade. Ele olhou o que eu tinha feito e disse:

— Forrest, você está sempre me surpreendendo.

Um dia, quando eu já tinha voltado pro Fort Dix e atirava carvão na caldeira, um sujeito do Pentágono apareceu com o peito cheio de medalhas e um grande sorriso estampado na cara e disse:

— Soldado Gump, é um prazer informar que foi escolhido como membro do Time de Pingue-pongue dos Estados Unidos para ir à China Vermelha e jogar com os chineses. É uma honra especial, porque, pela primeira vez em quase vinte e cinco anos, nosso país não está tendo nada a ver com os chineses, e esse é um evento muito mais importante que qualquer partida de pingue-pongue. É diplomacia, e o futuro da raça humana pode estar em risco. Entende o que estou dizendo?

Dei de ombros e balancei a cabeça, mas lá dentro senti uma certa aflição. Eu era somente um pobre idiota e, agora, tinha de cuidar de toda a raça humana.

9

Lá tava eu, novamente na outra metade do mundo, dessa vez em Pequim, na China.

As outras pessoas que jogavam no time de pingue-pongue eram muito legais, vinham de tudo que é parte do mundo, e eram especialmente simpáticas comigo. Os chineses também eram legais e bem diferentes dos que eu tinha visto no Vietnã. Em primeiro lugar, eram limpos e asseados, e muito educados. Em segundo, não tavam tentando me matar.

O Departamento de Estado Americano mandou um sujeito que só tinha de ficar dizendo como a gente tinha de se comportar com os chineses. De todo mundo que conheci, esse foi o único que não era tão legal. Na verdade, era uma bosta. Seu nome era sr. Wilkins e usava um bigode ralo. Ele sempre carregava uma pasta e se preocupava se os sapatos tavam engraxados ou não, se a calça tava bem passada ou se a camisa tava limpa. Aposto que de manhã ele se levantava e passava cuspe no cu, pra dar brilho.

O sr. Wilkins não saía do meu pé. — Gump — dizia —, quando um chinês faz reverência, você também tem de fazer. Gump, tem de parar de se ajeitar em público. Gump, que manchas são essas na calça? Gump, na mesa, seus modos são de um porco.

Quanto ao último, talvez ele tivesse razão. Os chineses comem com dois pauzinhos e é quase impossível botar a comida na boca com eles, por isso grande quantidade dela ia parar na minha roupa. Não é de admirar que não se veja muitos chineses gordos. Já era hora deles aprenderem a comer com garfo.

Bem, mas de qualquer maneira, jogamos muitas partidas contra os chineses, e eles tinham uns jogadores muito bons. Mas a gente resistia. À noite, quase sempre arranjavam alguma coisa pra gente fazer, do tipo sair pra jantar ou ouvir um concerto. Uma noite que a gente ia prum restaurante chamado “O Pato de Pequim”, desci pro saguão do hotel, o sr. Wilkins disse:

— Gump, tem de voltar pro quarto e trocar a camisa. Tá parecendo que você brigou com a comida, ou sei lá o quê.

Ele me levou até a recepção, pediu prum chinês, que falava inglês, escrever em chinês que eu ia pro restaurante “O Pato de Pequim”, e mandou eu dar o papel pro chofer de táxi.

— Nós vamos na frente — disse o sr. Wilkins —, você mostra o papel pro motorista e ele leva você até lá.

E assim, fui pro quarto e botei uma camisa nova.

Achei logo um táxi em frente ao hotel, entrei nele, e ele deu a partida. Procurei o papel pra dar pro chofer, mas quando percebi que tinha esquecido ele no bolso da camisa suja, a gente já tinha rodado bastante. O chofer continuava a matraquear, acho que perguntava pra onde eu queria ir. Eu ficava dizendo — O Pato de Pequim, O Pato de Pequim —, mas ele levantou as mãos e me levou num tour pela cidade.

Tudo isso durou mais ou menos uma hora, e vou confessar uma coisa: vi muitos lugares. Finalmente, dei um tapinha nas costas dele, e quando ele se virou, eu disse: “O Pato de Pequim”. E comecei a bater os braços, imitando as asas de um pato. De repente, o motorista abriu um largo sorriso, balançou a cabeça e foi em frente. Toda vez que ele olhava pra trás, eu batia as asas de novo. Mais ou menos uma hora depois, ele parou, eu olhei pela janela e droga! Ele tinha me levado pro aeroporto!

Bem, a essa altura já tava ficando tarde e eu ainda não tinha jantado nem nada, e tava faminto. Daí, passamos por um restaurante e eu pedi pra saltar. Dei pra ele uma nota do dinheiro chinês que tinham dado pra gente, ele me deu o troco e foi embora.

Entrei no restaurante, sentei e me senti na lua. Uma mulher veio, olhou pra mim de modo estranho, e me deu o menu, mas tava escrito

em chinês, e então, um pouco depois, eu simplesmente apontei pra quatro ou cinco coisas diferentes, esperando que pelo menos uma delas fosse comível. Na verdade, todas eram muito boas. Quando acabei, paguei, saí pra rua, e tentei achar o caminho de volta pro hotel. Andava há horas, acho, quando me pegaram.

Depois só me lembro que me botaram na cadeia. Tinha um chinês grande que falava inglês, que ficava fazendo tudo que é tipo de pergunta e oferecia cigarros, igualzinho como naqueles filmes antigos. Só saí de lá na tarde do dia seguinte. O sr. Wilkins foi até a cadeia, falou por mais ou menos uma hora e deixaram eu sair.

O sr. Wilkins tava uma fera.

— Você se deu conta que acharam que fosse um espião? — ele disse. — Sabe o que isso pode fazer com todo nosso esforço? Você é maluco?

Eu ia dizer “não, sou apenas um idiota”, mas resolvi deixar pra lá. De qualquer modo, depois disso, o sr. Wilkins comprou uma grande bola de encher de um vendedor ambulante e amarrou ela no botão da minha camisa, pra que assim sempre soubesse onde eu tava. Além disso, também pregou um papel na minha lapela com meu nome e o do hotel. Isso fez com que me sentisse um tolo.

Certo dia, botaram a gente num ônibus e levaram pra fora da cidade, prum rio grande. Tinha muitos chineses lá, parecendo militares, e logo a gente ficou sabendo por que tudo aquilo. O chefe de todos os chineses, o dirigente Mao, tava lá.

O dirigente Mao era um cara grande e gordo, com a cara de um Buda, que tinha tirado o pijama e vestido o calção de banho.

Falaram que o dirigente Mao, de oitenta anos, ia nadar o rio sozinho e queriam que a gente visse ele fazer isso.

Bem, o dirigente entrou n'água e começou a nadar. Tinha gente batendo fotos, enquanto outros chineses matraqueavam com a cara satisfeita. Ele tava na metade da travessia, quando parou e levantou a mão, acenando pra gente. Todo mundo acenou de volta.

Um minuto depois, ele acenou de novo, e todos acenaram de volta.

Pouco tempo depois, o dirigente Mao acenou pela terceira vez, e, de repente, todo mundo se deu conta de que ele não tava acenando, e sim se afogando!

Bem, aí foi como jogar merda no ventilador, e eu finalmente entendi o que era um “Treinamento de Incêndio Chinês”. As pessoas pulavam pra dentro d'água e os barcos disparavam da outra margem do rio, e todo mundo em terra gritava e pulava e dava tapinhas com a palma da mão no lado da cabeça. Aí eu mandei tudo às favas, porque vi onde ele tinha afundado. Tirei o sapato e entrei no rio. Ultrapassei todos os chineses que tavam nadando e cheguei no lugar em que o dirigente Mao tinha afundado. O barco ficava girando, em círculos, e as pessoas olhavam pra todos os lados como se fossem ver alguma coisa, o que era uma grande bobagem, já que o rio era da mesma cor da água do esgoto lá da minha terra.

Bem, só sei que mergulhei umas três ou quatro vezes e, claro, topei com o infeliz à deriva debaixo d'água. Levei ele pra cima e uns chineses pegaram ele, jogaram no barco e foram embora. Nem se tocaram em me levar com eles, por isso tive de nadar tudo de volta até a margem.

Quando cheguei na margem, todo mundo pulava, gritava e me dava tapinhas nas costas. Me levantaram e me carregaram até o ônibus. Mas quando a gente já tava na estrada, o sr. Wilkins veio pra perto de mim, balançando a cabeça.

— Seu grande palerma — ele disse —, não entende que a melhor coisa que podia ter acontecido pros Estados Unidos era ter deixado esse filho da puta se afogar? Gump, perdemos a nossa grande oportunidade.

Daí, acho que estraguei tudo outra vez. Não sei. Continuo apenas tentando fazer a coisa certa.

A gente tava no final daquele negócio de partidas de pingue-pongue e eu tinha perdido a noção de quem tava ganhando ou perdendo. Mas nesse meio tempo o que aconteceu de mais importante foi que, ao tirar o dirigente Mao de dentro do rio, virei uma espécie de herói nacional dos chineses.

— Gump — o sr. Wilkins disse —, sua estupidez parece que virou a nosso favor. Recebi o comunicado de que o emissário diplomático chinês quer discutir a possibilidade da reabertura das relações exteriores conosco. Além disso, os chineses querem fazer um grande desfile pra você pelas ruas do centro de Pequim. Espero que você saiba se comportar.

O desfile foi dois dias depois e era realmente uma coisa pra ser vista. Tinha mais ou menos um bilhão de chineses nas ruas, e eles acenavam, se curvavam e tudo mais, quando eu passava. A coisa devia terminar no Kumingtang, que é o Capitólio da China, onde, então, o dirigente Mao ia me agradecer pessoalmente.

Quando chegamos lá, o dirigente tava completamente seco e feliz por me ver. Tinham preparado um grande almoço e eu sentei do lado do dirigente Mao em pessoa. No meio do almoço, ele se inclinou pra mim e disse:

— Soube que esteve no Vietnã. Permite que eu pergunte o que acha da guerra?

Um intérprete traduziu, eu refleti por um certo tempo, mas aí pensei, ora bolas, se ele não quisesse saber, não tinha perguntado, e eu disse: “Acho que é um monte de merda.”

O intérprete traduziu pra ele e o dirigente Mao fez uma cara esquisita, e me olhou de modo estranho, mas aí os olhos dele se iluminaram e ele abriu um largo sorriso e começou a apertar minha mão e a balançar a cabeça, como aqueles bonequinhos com mola no pescoço. As pessoas tiraram fotos que saíram nos jornais americanos. Mas até hoje eu nunca contei a ninguém o que eu disse e fez ele sorrir daquela maneira.

No dia que fomos embora, quando saímos do hotel, tinha uma multidão saudando e aplaudindo a gente. Olhei em volta e vi uma mãe chinesa com o filhinho nos ombros e percebi que ele era um verdadeiro mongolóide: olhos vesgos, a língua pendurada, babando como faz esse tipo de idiotas. Bem, não pude evitar. O sr. Wilkins tinha dado ordens de nunca se aproximar de um chinês sem a permissão dele, mas fui até ela e peguei uma das duas bolas de pingue-pongue que tavam no meu bolso, uma caneta, e fiz o meu X nela e dei pro garotinho. A primeira coisa que ele fez foi botar ela na boca, mas aí ele estendeu a mão e pegou meus dedos. E, então, começou a sorrir — um sorriso largo — e, de repente, vi lágrimas nos olhos da mãe, que se pôs a matraquear, e o intérprete disse que era a primeira vez que o menininho tinha rido. Eu tinha muita coisa pra dizer pra ela, mas a gente não tinha tempo.

Só sei que comecei a me afastar e o garotinho jogou a bola de pingue-pongue que veio bater na minha cabeça. Mas pra azar meu, alguém bateu uma foto justamente nesse momento e, claro, saiu nos jornais. A legenda dizia: “Garoto chinês demonstra seu ódio aos capitalistas americanos.”

Bem, o que aconteceu foi que o sr. Wilkins veio e me arrastou pra longe e antes que eu me desse conta, a gente já tava voando no avião. A última coisa que ele me disse, antes da gente aterrissar em Washington, foi:

— Bem, Gump, acho que conhece o costume chinês de que se você salva a vida de um deles, fica responsável por ela durante a vida toda.

Ele sorria de modo irritante, tava sentado do meu lado, no avião, e tinham acabado de dizer pra ninguém se levantar e pra todo mundo apertar os cintos. Bem, eu só dei uma olhada pra ele e soltei o maior pum da minha vida. Fez o barulho de uma serra circular. Os olhos do sr. Wilkins ficaram esbugalhados e ele disse: — Argggg! — e começou a abanar o ar e a tentar se livrar do cinto.

Uma aeromoça bonita veio correndo ver que confusão era aquela, e o sr. Wilkins tossia e engasgava, e eu imediatamente também comecei a abanar o ar, tampei o nariz, apontei o sr. Wilkins, e gritei — Abram a janela! —, e merdas assim. O sr. Wilkins ficou vermelho e começou a protestar apontando pra mim mas a aeromoça apenas sorriu e voltou pro seu assento no fundo do avião.

Depois que parou de tossir e de tudo aquilo, o sr. Wilkins ajeitou o colarinho da camisa e disse pra mim bem baixinho:

— Gump, você fez uma coisa extremamente grosseira. Mas eu só ri e fiquei olhando pra frente.

Depois disso, me mandaram de volta pro Fort Dix, mas em vez de me botarem na Caldeira a Vapor, disseram que eu ia ser dispensado do Exército mais cedo. Não demorou dois dias e fui embora. Me deram um pouco de dinheiro pra passagem e eu tinha alguns dólares guardados. Agora eu tinha de decidir o que fazer.

Sabia que devia ir pra casa e ver a mamãe, pois ela tava no asilo de pobres e tudo. Pensei que talvez também devesse começar o negócio dos camarões e dar um rumo na minha vida, mas o tempo todo, no fundo de minha mente, eu tinha ficado pensando em Jenny Curran na Universidade de Harvard. Peguei um ônibus pra estação de trem, e fiquei o caminho todo pensando qual seria a coisa certa a fazer. Mas quando chegou a hora de comprar a passagem, pedi uma pra Boston. Tem vezes que não dá pra deixar a coisa certa ficar no meio do caminho.

10

Eu não tinha o endereço de Jenny Curran, só a Caixa Postal, mas tinha a carta com o nome do lugar que ela disse que tava tocando com os The Cracked Eggs. Era o Hodaddy Club. Tentei ir a pé da estação até lá, mas acabei me perdendo e daí peguei um táxi. Era de tarde e não tinha ninguém lá, a não ser uns dois caras bêbados e um pouco de cerveja da noite anterior no chão. Mas um sujeito, que tava atrás do balcão, disse que Jenny e os outros iam chegar por volta das nove horas. Perguntei se podia esperar e ele disse — Claro —, e aí fiquei sentado por umas seis horas e tirei um peso dos meus pés.

Logo o lugar começou a encher. Em geral eram garotos com cara de colegiais, mas vestidos como palhaços que se apresentam nos intervalos dos shows. Todos vestiam calça jeans e camiseta, os rapazes usavam barba e óculos, e o cabelo de todas as garotas parecia um pássaro prestes a levantar vôo. Dali a pouco, a banda apareceu no palco e começou a se instalar. Tinha uns quatro caras com uma parafernália elétrica, metendo todos aqueles fios em tomadas por toda parte. Sem dúvida era muito diferente do que a gente fazia no prédio do Grêmio Estudantil na Universidade. Além disso, ainda não tinha visto Jenny Curran.

Depois de instalarem aquela coisa toda, começaram a tocar, e vou dizer uma coisa: aquela gente tocava alto! Tudo que é tipo de luz colorida começou a faiscar, e a música fazia o som de um avião a jato decolando. Mas aquele montão de gente tava adorando e quando acabaram todo mundo começou a aplaudir e a gritar. Aí a luz focou um lado do palco e lá tava ela — Jenny em pessoa!

Ela tava muito mudada. Primeiro, o cabelo batia na bunda, e usava óculos escuros, mas tava de noite! Usava jeans e uma camiseta com tanta lantejoula que parecia uma mesa telefônica. A banda recomeçou a tocar e Jenny cantou. Ela segurou o microfone e dançou por todo o palco, pulando e abanando os braços e atirando o cabelo pra trás. Tentei entender a letra da música, mas a banda tocava muito alto — martelando a bateria, batendo no piano, dando pancadas nas guitarras elétricas, até que o teto pareceu que ia desabar. Eu ficava pensando, que diabos seria aquilo?

Depois de algum tempo, teve um intervalo e, então, me levantei e atravessei uma porta que dava pros camarins. Mas tinha um cara lá que disse que eu não podia entrar. Quando eu voltava pro meu lugar, notei que todo mundo tava olhando pra minha farda. — Deve ter conseguido essa roupa lá. — alguém disse, e outro disse. — Fora daqui! — e ainda outro disse. — Ele é de verdade?

Comecei a me sentir outra vez um idiota, e então saí, pensando que talvez pudesse dar uma volta e botar as idéias em ordem. Acho que devo ter andado por mais ou menos meia hora e quando voltei pro bar, tinha uma fila comprida de gente esperando pra entrar. Furei a fila e tentei explicar pro cara da porta que minhas coisas tinham ficado lá dentro, mas ele mandou eu esperar no final da fila. Acho que fiquei ali quase uma hora, escutando a música que vinha lá de dentro, e vou dizer uma coisa, o som parecia bem melhor assim, de mais longe.

Só sei que um pouco depois fiquei de saco cheio e fui pros fundos do bar. Tinha uma escada e me sentei nos degraus e fiquei olhando os ratos correndo um atrás do outro na lata de lixo. A gaita tava no meu bolso, então pra passar o tempo, peguei ela e comecei a tocar um pouco. Podia ouvir a banda de Jenny e um pouco depois tava tocando com eles. Mexi na chave cromática pra mudar pro tom que eles tavam tocando. Não sei quanto tempo levou, mas não demorou e eu comecei a fazer minhas próprias escalas em dó maior, e pra minha surpresa, tocando não parecia tão ruim — contanto que não tivesse também de *escutar*.

De repente, a porta atrás de mim foi escancarada, e Jenny Curran apareceu. Acho que era o outro intervalo, mas eu não tava prestando atenção e continuei a tocar.

— Quem está aí? — ela disse.

— Sou eu — eu disse.

Mas tava escuro e ela botou a cabeça pra fora e disse:

— Quem está tocando gaita?

Me levantei e fiquei um pouco envergonhado por causa da minha roupa, mas disse:

— Sou eu, Forrest.

— Quem? — ela disse.

— Forrest.

— Forrest? *Forrest Gump!* — e de repente, ela correu e se jogou nos meus braços.

Jenny e eu nos sentamos perto do palco e botamos o assunto em dia até a hora dela se apresentar de novo. Ela não tinha exatamente deixado a escola; tinha sido expulsa quando certa noite foi encontrada no quarto de um cara. Naquela época isso era motivo de expulsão. O tocador de banjo fugiu pro Canadá, em vez de se alistar no Exército, e a banda foi desfeita. Jenny foi pra Califórnia e usou flores no cabelo, mas disse que aquela gente era um bando de anormais que viviam doidões. Aí ela conheceu um cara e foi com ele pra Boston, e fizeram algumas marchas pela paz e tudo, mas ele acabou virando bicha e ela rompeu com ele e se

meteu com um participante das marchas pela paz realmente sério, que fazia bombas e coisas assim, e explodia prédios. Com ele também não deu certo, e aí se juntou a um cara que dava aulas na Universidade de Harvard, mas ele era casado. Depois, ela ficou com um sujeito que parecia muito legal, mas, um dia, os dois foram presos por furto, e ela decidiu que tava na hora de parar e refletir.

Daí, conheceu os The Cracked Eggs e começaram a tocar um novo tipo de música, e ficaram muito populares em Boston, e iam até gravar um disco em Nova York na semana seguinte. Ela disse que tava com um cara que ia pra Universidade de Harvard e que era estudante de filosofia, mas que ia ver ele só depois do show. Disse que eu podia ir junto e ficar na casa deles. Fiquei desapontado por ela ter namorado, mas como não tinha pra onde ir, eu fui.

O nome do namorado era Rudolph. Era baixinho, pesava mais ou menos cinquenta quilos, e o cabelo parecia um esfregão. Ele usava um colar de contas no pescoço e tava sentado no chão quando chegamos, meditando como um guru.

— Rudolph — ela disse —, este é Forrest. É um amigo de infância e vai ficar conosco por um tempo.

Rudolph não disse nada, mas balançou a mão como o papa quando abençoa alguma coisa.

Jenny só tinha uma cama, mas arrumou um pequeno colchonete no chão, e foi ali que eu dormi. Não foi pior que muitos lugares em que dormi no Exército, e muito melhor que alguns.

Na manhã seguinte, me levantei e lá tava Rudolph, ainda no meio da sala, meditando. Jenny preparou o café, deixamos Rudolph ali sentado, e ela me levou pra dar uma volta por Cambridge. A primeira coisa que ela disse foi que eu precisava de roupas novas, porque as pessoas dali não entendiam e iam pensar que eu tava querendo fazer onda com elas. Então, a gente foi a uma loja de excedentes e comprei um macacão e uma jaqueta, e mudei ali mesmo, levando minha farda numa sacola de papel.

A gente tava andando pela Universidade de Harvard e adivinhem com quem Jenny esbarrou? Com o professor casado que

ela tinha namorado. Continuavam amigos, se bem que em particular ela se referisse a ele como uma “bosta degenerada”. O nome dele era doutor Quackenbush.

Bem, de qualquer modo ele tava todo animado porque ia começar a dar um curso novo na semana seguinte, que ele mesmo tinha organizado. Se chamava “O papel do idiota na literatura mundial”.

Comecei a falar e a dizer que parecia muito interessante e ele disse:

— Bem, Forrest, por que não assiste? Talvez você goste.

Jenny olhou pra nós dois de modo engraçado, mas não disse nada. Voltamos pro apartamento e Rudolph continuava sentado no chão. A gente foi pra cozinha e eu perguntei bem baixinho se Rudolph falava, e ela disse que sim, que mais cedo ou mais tarde.

Nessa tarde, Jenny me levou pra conhecer os outros caras da banda e disse pra eles que eu tocava gaita divinamente e se topavam que eu tocasse com eles naquela noite. Um deles me perguntou o que eu gostava mais de tocar e eu disse — *Dixie* — e ele disse que não acreditava no que tinha ouvido. Jenny deu um pulo e disse:

— Não importa, ele vai tocar bem assim que ouvir o nosso som.

E foi assim que, nessa noite, toquei com a banda, e todo mundo concordou que eu tava dando uma boa contribuição. E foi muito bom tá ali e ver Jenny cantar e se lançar por todo palco.

Na Segunda-feira seguinte, decidi assistir à aula “O papel do idiota na literatura mundial” do doutor Quackenbush. Só o título já fazia eu me sentir importante.

— Hoje — o doutor Quackenbush disse pra turma —, temos um visitante que frequentará o curso como ouvinte. Seja bem-vindo, sr. Forrest Gump. — Todo mundo se virou e olhou pra mim e eu acenei ligeiramente e a aula começou.

— O idiota — o doutor Quackenbush disse — desempenhou um papel importante na história e na literatura por muitos anos. Acredito que todos tenham ouvido falar do idiota da

aldeia, que em geral é um indivíduo retardado que ali vive. Frequentemente, ele é objeto de escárnio e zombaria. Mais tarde, tornou-se um costume da nobreza ter um bobo da corte, uma pessoa que fizesse coisas que divertissem a realeza. Muitas vezes, esse indivíduo era realmente um idiota ou um retardado, outras era simplesmente um palhaço ou um piadista...

Ele continuou a falar dessas coisas por um tempo, e começou a ficar evidente pra mim que os idiotas não eram apenas pessoas inúteis, mas que existiam com um propósito, mais ou menos como Dan tinha dito, e o propósito era fazer as pessoas rirem.

— O objetivo do bobo na obra da maioria dos escritores — o doutor Quackenbush disse — é empregar o artifício do *double entendre*, permitindo que o bobo se faça de bobo e, ao mesmo tempo, revelar ao leitor o significado maior da idiotice. Ocasionalmente, um grande escritor, como Shakespeare, permite que o bobo ridicularize um dos personagens principais, desvirtuando, desse modo, o esclarecimento do leitor.

Nesse ponto, eu fiquei um pouco confuso. Mas isso é normal. Bem, mas o doutor Quackenbush disse que pra demonstrar o que ele tava falando a gente ia interpretar uma cena da peça *Rei Lear*, que tem um bobo e um demente disfarçados e o próprio rei é louco. Disse pro cara que se chamava Elmer Harrington III interpretar o Louco Tom o'Bedlam e a garota chamada Lucille, o Bobo. Outro cara, chamado Horace não sei do quê, ia ser o louco Rei Lear. E aí ele disse:

— Forrest, por que não faz o papel do Conde de Gloucester?

O doutor Quackenbush disse que ia conseguir alguns acessórios com o departamento de teatro, mas queria que a gente vestisse nossas próprias roupas, de modo que a coisa ficasse mais “realista”. Como me meti nisso, não sei, é o que fico pensando.

Nesse meio tempo, aconteciam coisas pra nossa banda The Cracked Eggs. Um sujeito de Nova York tinha vindo ouvir e disse que queria levar a gente prum estúdio de gravação e gravar nosso som. Todo mundo ficou animado, inclusive Jenny Curran e eu, claro. O sujeito de Nova York se chamava sr. Feeblestein. Ele disse que se tudo corresse bem, a gente ia ser a coisa mais quente desde a invenção do beisebol noturno. O sr. Feeblestein disse que tudo que a gente tinha de fazer era assinar um pedaço de papel e, então, ficar rico.

George, o cara do teclado, tinha me ensinado a tocar um pouco, e Mose, o percussionista, também me deixava tocar um pouco a bateria. Era divertido aprender a tocar todas essas coisas, e também minha gaita. Todos os dias eu praticava um pouco e todas as noites a banda tocava no Hodaddy Club.

Aí, certa tarde, voltei pra casa depois da aula e encontrei Jenny sentada sozinha no sofá. Perguntei onde tava Rudolph e ela disse que ele tinha “se mandado”. Perguntei por quê, e ela disse:

— Porque ele não é um sacana melhor que o resto. E aí eu disse:

— Por que não saímos pra comer alguma coisa e falamos sobre isso?

Naturalmente, foi ela que falou mais, uma série de queixas dos homens. Disse que nós éramos “preguiçosos, irresponsáveis, egoístas, uns merdas desprezíveis”. Tava falando essas coisas quando de repente começou a chorar. Eu disse:

— Vamos lá, Jenny, não chore. Não foi nada. Esse Rudolph não parecia o tipo de cara pra você, ali sentado no chão e aquela coisa toda.

E ela disse:

— Sim, Forrest, talvez você tenha razão. Agora, queria ir pra casa.

—
E
f
o
m
o
s
.

Quando chegamos, Jenny começou a tirar a roupa. Ela tava só de calcinhas, e eu sentado no sofá, tentando não prestar atenção, mas ela veio e ficou de pé na minha frente, e disse:

— Forrest, quero que me foda.

Bastava uma pena pra me derrubar! Eu só fiquei sentado ali, pasmo, olhando pra ela. Então, ela se sentou perto de mim e começou a mexer na minha calça, e daí só me lembro que ela tirou minha camisa e ficou me abraçando e beijando e tudo mais. No começo, pareceu um pouco esquisito ela fazer todas essas coisas. Claro que tinha sonhado com isso durante muito tempo, mas não esperava que fosse assim. Mas aí, bem, acho que alguma coisa tomou conta de mim e não importava mais o que eu esperava, porque a gente tava rolando no sofá, e tava quase sem roupa. Aí, Jenny tirou minha cueca e seus olhos ficaram grandes e ela disse:

— Uau! Olha só o que você tem aqui!

E ela me agarrou exatinho como a srta. French tinha feito naquele dia, mas Jenny não disse pra eu ficar com os olhos fechados, por isso não fiquei.

Bem, nós fizemos tudo que é tipo de coisa nessa tarde que eu nunca tinha imaginado, nem nas fantasias mais desvairadas. Jenny me mostrou coisas que eu nunca teria conseguido imaginar sozinho — de lado, de través, de cabeça pra baixo, de bruços, ao comprido, de quatro, de pé, sentado, inclinado para frente, pra trás, dentro-fora e fora- dentro. A única maneira que não

experimentamos foi separado! Rolamos por toda sala e na cozinha — quebramos móveis, espalhamos coisas, derrubamos as cortinas, emporcalhamos o tapete, e até mesmo ligamos a TV por acaso. Acabamos fazendo na pia, não me perguntem como. Quando finalmente terminamos, Jenny ficou ali deitada por algum tempo, e então olhou pra mim e disse:

— Poxa, Forrest, por onde andava?

— Eu tava por aí — eu disse.

Naturalmente, a partir daí, as coisas ficaram um pouco diferentes entre Jenny e eu. Começamos a dormir na mesma cama, o que achei um pouco estranho no começo, mas logo me acostumei. Quando a gente se apresentava no Hodaddy Club, Jenny muitas vezes passava por mim e despenteava meu cabelo, ou passava a mão na minha nuca. De repente, as coisas começaram a mudar pra mim — como se minha vida tivesse começando e eu era o cara mais feliz do mundo.

11

Chegou o dia de apresentar a peça na aula do professor Quackenbush, em Harvard. A cena que a gente tinha de fazer era quando o Rei Lear e o bobo saem pro brejo, que é como um pântano ou um campo da minha terra, e desaba uma grande tempestade e todos correm pruma choupana, que chamam de “galpão”.

Dentro do galpão, tinha um cara chamado o Louco Tom o’Bedlam, que na verdade era um personagem chamado Edgar, disfarçado de maluco por ter sido fodido pelo irmão, que era bastardo. Assim, o rei também já tava pirando de vez, Edgar bancava o Louco e o bobo, é claro, atuava como tal. Meu papel era o do Conde de Gloucester, pai de Edgar, e um homem normal, perto dos outros.

O professor Quackenbush tinha improvisado o galpão com um cobertor velho ou coisa parecida e tinha conseguido uma espécie de máquina de fazer vento pra soar como uma tempestade — um grande ventilador, com pedaços de papel presos nas pás. Bem, só sei que apareceu Elmer Harrington III, como Rei Lear, metido num saco de aniagem e com uma peneira na cabeça. A garota que ia representar o bobo tinha achado a roupa de bobo em algum lugar, com um pequeno gorro com guizos pendurados e aquele tipo de sapato que o bico forma uma espiral, como os árabes usam. O cara que ia interpretar o Louco Tom o’Bedlam tinha achado uma peruca dos Beatles entre umas roupas no lixo e tinha sujado a cara. Todos iam levando aquilo muito a sério.

Provavelmente, eu era o mais bem arrumado do grupo, porque Jenny tinha feito uma roupa com o lençol e uma fronha, que eu usava como fralda, além de uma capa feita com a toalha de mesa, igualzinha à do Super-Homem.

Mas aí, o professor Quackenbush ligou a máquina de fazer vento e disse pra gente começar da página doze, quando o Louco Tom tá contando uma história triste.

— Uma caridade para o pobre Tom, atormentado pelo espírito do mal — Tom disse.

E, aí, o Rei Lear disse:

— As filhas dele o reduziram a esse estado? Não pudeste salvar coisa nenhuma? Lhes entregaste tudo?

E o bobo diz:

— Não, guardou um cobertor, para cobrir com ele suas vergonhas.

Essa coisa continuava mais um pouco e, então, o bobo dizia:

— Esta noite fria vai nos deixar a todos loucos e assustados. Nisso o bobo tinha razão.

Nesse momento eu devia entrar no galpão, carregando uma tocha, que o professor Quackenbush tinha pegado no departamento de teatro. O bobo gritava:

— Oi, oi! Vem vindo um fogo-fátuo!

E o professor Quackenbush acendia a tocha e eu atravessava a sala até o galpão.

— Essa é a alma danada chamada Flibbertigibbet — disse Tom o'Bedlam.

— Quem é ele? — o rei pergunta. E eu digo:

— E quem são os senhores? Os seus nomes!

O Louco Tom disse que era apenas “o pobre Tom, que se alimenta de rãs, sapos, salamandras, lagartos e lagartixas” e um monte de outras merdas e, então, eu devia reconhecer o rei e dizer:

— Como? Vossa Graça não encontrou melhor companhia do que essa?

E o Louco Tom responde:

— O Príncipe das Trevas é um cavalheiro, seu nome é Modo. Ou então Mahu.

Agora, a máquina de vento girava com força e acho que o professor Quackenbush não tinha levado em conta que eu media dois metros quando construiu o galpão, pois a ponta da tocha tocava no teto.

O Louco Tom tinha então de dizer “O pobre Tom tem frio!”,^{2} mas disse: — Cuidado com a tocha!

Procurei no livro onde tava essa fala, e Elmer Harrington III disse pra mim:

— Cuidado com esta tocha, seu idiota! E aí eu respondi pra ele:

— Pelo menos desta vez não sou eu o idiota, é *você*!

Aí, o teto do galpão pegou fogo e caiu na peruca do Beatle do Tom e também pôs fogo nela.

— Desliguem o maldito ventilador! — alguém gritou. Mas era tarde demais. Tava tudo pegando fogo!

O Louco Tom berrava e o Rei Lear tirou a peneira da cabeça e jogou na de Tom pra apagar o fogo. As pessoas pulavam, sufocavam, tossiam e praguejavam. A garota que fazia o bobo ficou histérica e deu de tremer e gritar:

— Seremos todos mortos!

Por um momento, realmente pareceu que ia ser assim.

Me virei e, merda! Minha capa também tinha pegado fogo, e aí abri a janela, agarrei o bobo pela cintura e saltamos pra fora. Era a janela do segundo andar e, lá embaixo, tinha uns arbustos que amaciaram nossa queda. Mas também era a hora do almoço e tinha centenas de pessoas andando pelo pátio. E lá távamos nós, em chamas, fumegando.

Uma fumaça preta saía pela janela de cima, da sala de aula, e, de repente, apareceu o professor Quackenbush, se debruçando e olhando em volta, agitando o punho e a cara coberta de fuligem.

— Gump, seu idiota maldito, cretino! Você vai pagar por isso!

—

ele gritava.

O bobo rastejava berrando e contorcendo as mãos, mas ela tava bem — apenas um pouco queimada. Daí eu saí correndo, decidido a atravessar o pátio o mais rápido possível, a capa inda pegando fogo e a fumaça se arrastando atrás de mim. Não parei até chegar em casa, e quando entrei no apartamento, Jenny disse:

— Oh, Forrest, como foi? Aposto que você tava maravilhoso! Aí, sua cara ficou um pouco intrigada.

— Tá sentindo um cheiro de queimado? — perguntou.

— É uma longa história — respondi.

Só sei que depois disso nunca mais fui à aula de “O papel do idiota na literatura mundial” — já tinha visto o bastante. Mas toda noite, eu e Jenny tocávamos com *The Cracked Eggs*, e durante o dia, a gente fazia amor, passeava, fazia piqueniques nas margens do rio Charles, e era o paraíso. Jenny tava escrevendo uma bela e terna canção chamada *Faça-me isso com força e rápido*, na qual eu

fazia um solo de uns cinco minutos. Foi uma primavera e um verão esplêndidos. Fomos pra Nova York e fizemos as gravações pro sr. Feeblestein e, algumas semanas depois, ele ligou pra dizer que ia sair o disco. Pouco tempo depois, foi um tal de chamar a gente pra tocar em várias cidades. Pegamos o dinheiro que recebemos do sr. Feeblestein e compramos um ônibus grande, com leitos e tudo mais, e metemos o pé na estrada.

Bem, tem outra coisa que aconteceu nessa época e que desempenhou um papel importante na minha vida. Certa noite, quando terminamos uma parte da apresentação no Hodaddy Club, Mose, o baterista de The Cracked Eggs, me levou prum canto e disse: — Forrest, você é um cara muito legal, mas tem uma coisa que acho que faria você tocar gaita melhor.

Perguntei o que era e Mose disse — Toma — e me deu um pequeno cigarro. Eu disse que não fumava mas que agradecia, e ele disse: — Este não é um cigarro comum, Forrest. Tem uma coisa nele que amplia seus horizontes.

Falei pro Mose que não sabia se precisava ampliar meus horizontes, mas ele insistiu: — Não custa experimentar. — Pensei um pouco e concluí que um cigarro não matava ninguém, e aí fumei.

Vou dizer uma coisa: meus horizontes realmente se ampliaram. Parecia que tudo ficava mais devagar e mais otimista. A segunda parte do show daquela noite foi a melhor da minha vida. Era como se eu ouvisse todas as notas centenas de vezes enquanto tocava elas. Mais tarde, Mose veio e disse: — Forrest, você achou bom. Use quando estiver fodendo.

Usei e ele também tinha razão quanto a isso. Comprei um pouco daquilo, e antes que me desse conta, usava dia e noite. O único problema foi que me deixou como que um pouco mais estúpido depois de algum tempo. De manhã, nem bem acordava acendia um baseado, que é como chamavam, e ficava ali, deitado o dia todo, até a hora de sair pra tocar. Jenny não disse nada por um

tempo, porque ela dava uma ou duas tragadas também. Mas, um dia, ela disse:

— Forrest, não acha que tem fumado demais essa merda?

— Não sei — respondi —, quanto é demais?

— Quanto está fumando é demais — Jenny disse.

Mas eu não queria parar. De certa forma, fazia eu me livrar de tudo que pudesse me preocupar, se bem que, nessa época, não tivesse tantas preocupações. A noite, nos intervalos do show no Hodaddy Club, eu saía e ficava lá fora olhando pras estrelas. Se não tinha estrelas, olhava pra cima do mesmo jeito e, uma noite, Jenny veio e me viu olhando a chuva.

— Forrest, tem de parar com isso — ela disse. — Estou preocupada com você, porque não está fazendo nada, a não ser tocar e se espreguiçar o dia todo. Isso não é saudável. Acho que deve dar uma saída por um tempo. Não temos apresentação depois da de amanhã em Provincetown, daí que achei que a gente pudesse ir a algum lugar, talvez pra serra.

Eu apenas balancei a cabeça. Nem sabia se tinha escutado direito tudo que ela tinha dito.

Bem, na noite seguinte em Provincetown, dei uma saída pra acender um baseado. Tava ali fora, sozinho, pensando nas minhas coisas, quando duas garotas apareceram. Uma delas disse: — Ei, não é você que toca gaita no The Cracked Eggs?

Fiz que sim com a cabeça e ela simplesmente se sentou no meu colo. A outra garota ria e dava gritinhos e, de repente, ela tirou a blusa. A outra tentava abrir minha calça e levantar a saia. Eu só fiquei ali, desligadão. De repente, a porta abriu e Jenny gritou: — Forrest, está na hora de... — Ela parou por um segundo e, aí, disse: — Oh, merda. — E bateu a porta.

Aí, eu dei um pulo, e a garota que tava no meu colo caiu no chão, e a outra xingava, mas eu fui pra dentro e lá tava Jenny encostada na parede, chorando. Fui pra perto dela, mas ela disse: —

Fique longe de mim, seu canalha! Vocês homens são todos iguais, são como cachorros, não respeitam ninguém!

Nunca me senti tão mal. Não me lembro direito da última parte do show. Na viagem de volta, Jenny ficou na parte da frente do ônibus e não quis falar comigo de jeito nenhum. Nessa noite, ela dormiu no sofá, e na manhã seguinte disse que talvez fosse a hora de eu seguir meu próprio caminho. E assim, arrumei minhas coisas e fui embora. De cabeça baixa. Nem tinha podido explicar pra ela nem nada. Mandado embora outra vez.

Depois disso, Jenny foi pra algum lugar. Andei perguntando, mas ninguém sabia onde ela tava. Mose disse que eu podia ficar com ele até encontrar um lugar, mas foi uma época tremendamente solitária. Já que a gente não tava tocando, não tinha muito o que fazer e, aí, pensei que talvez tivesse na hora de voltar pra casa e ver mamãe e quem sabe começar o negócio de camarões lá onde o pobre Bubba tinha vivido. Talvez eu não tivesse sido feito pra ser uma estrela do *rock'n roll*. Achei que, afinal, talvez eu não passasse de um idiota presunçoso.

Mas aí, um dia, Mose veio e disse que tava num bar na esquina, vendo o jornal na TV, e quem ele tinha visto? Nada mais nada menos que Jenny Curran.

Ela tava em Washington, ele disse, participando de uma grande manifestação contra a guerra do Vietnã, e Mose disse que não entendia por que ela se incomodava com aquela merda quando devia tá ali fazendo eles ganharem dinheiro.

Eu disse que tinha de ir ver ela e Mose disse: — Bem, vê se consegue trazer ela de volta. — Ele disse que talvez soubesse onde ela ficava, porque tinha um grupo de Boston com um apartamento em Washington pra participar das manifestações contra a guerra.

Peguei minhas tralhas — tudo que eu tinha —, agradei a Mose e me pus a caminho. Se ia voltar ou não, eu não sabia.

Quando cheguei em Washington, era a maior confusão. Tinha polícia por toda parte, e as pessoas gritavam nas ruas e jogavam coisas, como num motim. A polícia batia na cabeça dos caras que jogavam coisas e a situação parecia fora de controle.

Achei o endereço do apartamento onde Jenny podia tá, e fui até lá, mas não tinha ninguém em casa. Esperei na escada quase o dia todo e, aí, por volta das nove horas da noite, um carro estacionou e uns caras saíram de dentro dele e lá tava ela!

Me levantei e fui na direção dela, mas ela se virou e voltou pro carro. As outras pessoas, dois caras e uma garota, não sabiam o que fazer, nem quem eu era, mas um deles disse: — Olha, se eu fosse você, não mexia com ela agora. Ela tá muito chateada. — Perguntei por quê, e o cara me levou prum canto e disse o seguinte.

Jenny tinha acabado de sair da prisão. Tinha sido presa um dia antes e passado a noite na prisão feminina, e de manhã, antes que pudessem tirar ela de lá, as pessoas da cadeia disseram que ela devia ter piolhos ou coisa parecida, com um cabelo tão comprido, e raspavam a cabeça dela. Jenny tava careca.

Bem, imaginei que não quisesse que eu visse ela assim porque ela tinha ido pro banco de trás do carro e tinha se abaixado. Daí, fiquei de quatro, de modo que não pudesse ver a janela e disse: — Jenny, sou eu, Forrest.

Ela não disse nada, e eu comecei a falar como lamentava o que tinha acontecido. Eu falei que não ia mais fumar droga nenhuma, nem tocar nunca mais na banda, por causa das más tentações. E disse que sentia muito por causa do cabelo dela. Aí, voltei de quatro pra escada, onde tavam minhas tralhas, e catei na minha mochila um gorro de malha que usava no Exército. Voltei de

quatro pro carro, botei ele numa vara e meti ele pela janela. Ela pegou, botou na cabeça, saiu do carro e disse: — Ei, levanta daí seu bobão e venha pra casa.

Sentamos e conversamos um pouco e as outras pessoas tavam fumando droga e bebendo cerveja, mas eu não aceitei nada. Discutiam o que iam fazer no dia seguinte, que era uma grande manifestação no Capitólio, na qual um bando de veteranos do Vietnã ia tirar as medalhas e jogar elas na escada do Capitólio.

De repente, Jenny disse: — Sabiam que Forrest ganhou a Medalha de Honra do Congresso? — E todo mundo ficou calado, olhando pra mim, e, depois, um pro outro, e um deles disse: — Jesus Cristo acaba de nos enviar um presente!

Bem, na manhã seguinte, Jenny veio até a sala, onde eu tava dormindo no sofá, e disse: — Forrest, quero que hoje venha conosco e que vista a farda do Exército. — Quando perguntei por quê, ela disse: — Porque vai fazer uma coisa pra parar com o sofrimento do Vietnã. — E daí, vesti a farda e Jenny voltou com uma porção de correntes que ela tinha comprado na casa de ferragens, e disse: — Forrest, coloque elas em volta de você.

Perguntei por que de novo, mas ela disse: — Apenas faça, ficará sabendo depois. Quer me fazer feliz, não quer?

E assim, saímos, eu — de farda e correntes —, Jenny e os outros. Era um dia ensolarado e quando chegamos no Capitólio, tinha uma multidão, com câmeras de TV e toda a polícia do mundo. Todos berravam frases e mostravam o dedo médio pra polícia. Depois de algum tempo, vi outros caras de farda do Exército, todos agrupados e aí, um por um, iam pro mais perto possível da escada do Capitólio, tiravam as medalhas e jogavam elas. Alguns tavam em cadeiras de rodas, outros eram mancos, e outros não tinham pernas nem braços. Alguns apenas lançaram as medalhas nos degraus, mas outros jogaram realmente com muita força. Alguém bateu no meu ombro e disse que era minha vez. Olhei pra Jenny e ela balançou a cabeça, aí eu fui.

Ficou tudo em silêncio e, então, alguém anunciou meu nome num megafone e disse que eu ia jogar fora a Medalha de

Honra do Congresso, como sinal de apoio ao fim da guerra do Vietnã. Todo mundo aplaudiu e eu olhava aquelas medalhas todas ali, nos degraus. Em cima de tudo isso, na entrada do Capitólio, tinha um monte de pessoas, alguns policiais e alguns caras de terno. Bem, quis fazer o melhor possível, e assim tirei a medalha, olhei um pouco pra ela, e me lembrei de Bubba, de Dan e tudo mais, e não sei não, mas senti uma coisa forte. Mas eu tinha de jogar ela, e aí me afastei um pouco e lancei a medalha com toda força. Alguns segundos depois, um dos caras de terno desmaiou. Infelizmente, eu tinha lançado a medalha longe demais e batido na cabeça dele com ela.

Aí, foi um deus-nos-acuda. A polícia atacou as pessoas que gritavam tudo que é tipo de coisa, lançou bombas de gás lacrimogêneo e, de repente, uns seis policiais me agarraram e começaram a me bater com os cassetetes. Uma porção de outros policiais veio correndo e, depois, só me lembro de ter sido algemado, jogado num camburão e levado pra cadeia.

Passei uma noite inteira na cadeia e, de manhã, eles vieram e me levaram pro juiz. Eu já tinha estado ali antes.

Alguém disse ao juiz que eu era acusado de “agressão com uma arma perigosa — uma medalha — e de resistência à prisão”, etc, e deram pra ele uma folha de papel.

— Senhor Gump — o juiz disse —, sabe que golpeou a cabeça de um funcionário do Senado americano com sua medalha?

Eu não disse nada, mas parecia que, dessa vez, eu tava metido em sérias dificuldades.

— Senhor Gump — o juiz disse —, não sei por que um homem da sua posição, um homem que serviu tão bem a seu país, se meteu com um bando de palhaços que jogaram fora suas medalhas, mas vou fazer o seguinte: ordenarei que fique em

observação psiquiátrica por trinta dias, para ver se conseguem entender por que fez uma coisa tão idiota.

Me levaram de volta pra cela e, pouco depois, me botaram num ônibus e me levaram pro hospital psiquiátrico St. Elizabeth. Finalmente, tinha sido “Internado”.

12

Esse lugar era um depósito sério de pirados. Me botaram num quarto com um cara chamado Fred, que tava ali há quase um ano. Ele começou logo me dizendo com que tipo de birutas eu ia ter de lidar. Tinha um cara que tinha envenenado seis pessoas, um outro que tinha usado um facão de açougueiro na mãe. Tinha gente que já tinha feito todo tipo de merda — de assassinato e estupro até dizer que era o rei da Espanha ou Napoleão. Finalmente, perguntei pro Fred por que ele tava ali e ele disse que era porque ele assassinava com um machado, mas que iam soltar ele em uma ou duas semanas.

No segundo dia que eu tava lá, mandaram eu me apresentar na sala do meu psiquiatra, o doutor Walton. O doutor Walton, como se viu, era uma mulher. Primeiro ela disse que ia me aplicar um pequeno teste, depois, eu ia ser examinado fisicamente. Me sentei numa mesa e ela começou a mostrar cartões com manchas de tinta neles e a perguntar o que eu achava que eram. Eu só dizia “uma mancha de tinta”, até que ela começou a ficar irritada e disse que eu tinha de dizer mais alguma coisa, e, então, comecei a inventar. Depois, me deu um teste grande e mandou eu fazer ele. Quando terminei, ela disse: — Tira a roupa.

Bem, a não ser uma ou duas vezes, sempre que eu tirava a roupa acontecia alguma coisa ruim pra mim, por isso eu disse que preferia não tirar e ela tomou nota. Depois, disse que se eu não fizesse isso sozinho, chamaria os assistentes pra ajudar. Foi nessa base.

Tirei, e quando fiquei nu, ela entrou na sala, olhou pra mim, de cima a baixo, e disse: — Nossa... você é um belo espécime de homem!

Só sei que ela começou a dar batidinhas no meu joelho com um pequeno martelo de borracha, como tinham feito na Universidade, e a mexer em tudo que é parte do meu corpo. Mas não mandou eu me inclinar, pelo que fiquei agradecido. Depois, ela disse que eu já podia me vestir e voltar pro meu quarto. No caminho, passei por uma sala com uma porta de vidro, e dentro tinha uma porção de caras pequenos babando, tendo convulsões e batendo no chão com os punhos. Fiquei um pouco ali, olhando, e senti realmente muita pena deles — me lembrei dos dias na escola de birutas.

Uns dois dias depois, mandaram eu me apresentar à dra. Walton de novo. Quando cheguei, ela tava com mais outros dois caras, vestidos de médico, e ela disse que eram o doutor Duque e o doutor Conde — os dois eram do Instituto Nacional de Saúde Mental. Eles tavam muito interessados no meu caso, ela disse.

O doutor Duque e o doutor Conde disseram pra eu sentar e começaram a fazer perguntas — tudo que é tipo de pergunta — e os dois se revezavam, batendo com o martelo no meu joelho. Aí, o doutor Duque disse: — Ouça, Forrest. Avaliamos seus testes e é notável como fez bem a parte da matemática. Gostaríamos de dar outros testes para que fizesse.

Eles preparavam os testes e mandavam eu fazer eles, e eram muito mais complicados que o primeiro, mas acho que me saí bem. Se soubesse o que ia acontecer depois, tinha me danado pra eles.

— Forrest — o doutor Conde disse —, é fenomenal. Seu cérebro é como um computador. Não sei bem como raciocina, o que provavelmente é o motivo de você estar aqui, mas nunca vi algo parecido em toda minha vida.

— Sabe, George — disse o doutor Duque —, este homem é realmente notável. Há um tempo, fiz alguns trabalhos para a NASA, e acho que devíamos mandá-lo para Houston, para o Centro

Espacial da Aeronáutica, para que o examinem. Eles estavam procurando alguém exatamente assim.

Todos os dois médicos ficaram olhando pra mim e balançando a cabeça, depois bateram, mais uma vez, nos meus joelhos com o

martelo, e, pelo visto, lá ia eu de novo.

Me levaram pra Houston, no Texas, num avião grande, sem ninguém dentro, a não ser eu e o doutor Duque, mas era um tipo de viagem agradável, a não ser por terem me acorrentado, as mãos e os pés, na cadeira.

— Ouça, Forrest — o doutor Duque disse —, o negócio é o seguinte. Neste instante, você está numa merda danada por ter jogado a medalha no funcionário do Senado. Você pode pegar dez anos de cadeia por causa disso. Mas se cooperar com o pessoal da NASA, tratarei pessoalmente para que seja libertado. Certo?

Balancei a cabeça. Eu só queria sair da prisão e encontrar Jenny de novo. Eu sentia terrivelmente sua falta.

Eu tava na NASA, em Houston, há mais ou menos um mês. Eles tinham me examinado e testado e feito tantas perguntas que eu me sentia como se fosse pro programa do Johnny Carson.

Não ia.

Um dia, eles me arrastaram prum quarto grande e disseram o que tinham em mente. — Gump — disseram —, queremos usar você num vôo espacial. Como o doutor Duque ressaltou, sua mente é como um computador, só que melhor. Se pudermos programá-la com a coisa certa, você será extremamente útil ao programa espacial americano. O que acha?

Pensei um pouco e disse que era melhor perguntar primeiro pra minha mãe, mas aí eles tinham um argumento mais forte ainda

— passar os próximos dez anos da minha vida na cadeia.

E assim, eu disse sim, o que geralmente me mete em apuros.

A idéia deles era me botar numa nave espacial e me lançar em torno da terra, a um milhão de milhas mais ou menos. Eles já tinham disparado gente pra Lua, mas lá não tinham encontrado nada que

valesse a pena, por isso tavam planejando visitar Marte. Felizmente, pra mim, naquele momento não tinham Marte na cabeça. Em vez disso, ia ser uma espécie de missão de treinamento, na qual iam tentar saber que tipo de sujeito seria o melhor pra ir pra Marte.

Além de mim, tinham escolhido uma mulher e uma macaca pra ir junto.

A mulher tinha uma cara ranzinza e se chamava major Janet Fritch, e seria a primeira mulher astronauta, só que ninguém sabia disso, porque era tudo muito confidencial. Era uma mulher pequena, com um corte de cabelo que parecia ter sido feito com uma cuia, e não parecia ter qualquer utilidade pra mim, nem pra macaca.

Na verdade, a macaca não era má. Era uma grande orangotango chamada Sue, que tinha sido capturada nas selvas de Sumatra, ou sei lá onde. Na verdade, eles tinham pegado uma porção desses macacos e disparavam eles pro espaço já há algum tempo, mas diziam que Sue era o melhor pra essa viagem porque era fêmea e seria mais cordial que um macho, e além disso, seria sua terceira viagem espacial. Quando eu soube disso, fiquei imaginando como era possível mandar a gente lá pra cima, quando o único membro da tripulação com experiência era um macaco? Isso dá o que pensar, não dá?

Só sei que passamos por todo tipo de treinamento antes da viagem. Botaram a gente em cíclotrons, e giraram a gente, e

ficamos em pequenos quartos sem gravidade nenhuma, e coisas assim. O dia inteiro enchiam minha cabeça de merda que queriam que eu decorasse, tais como equações da distância entre onde a gente tava e aonde queriam que a gente fosse, e como voltar de novo; tudo que é tipo de porcaria como coordenadas coaxiais, cálculos do co-seno, trigonometria esférica, álgebra booliana, antilogaritmos, análise de Fourier, quadraturas e matriz. Diziam que isso seria o “backup” para o backup do computador.

Escrevi um monte de cartas pra Jenny Curran, mas todas foram devolvidas com o carimbo “Endereço Desconhecido”. Também escrevi pra mamãe e ela me mandou uma carta comprida em que o ponto principal era: “Como pode fazer isso com sua pobre mãe, quando ela tá num asilo de pobres e você é a única coisa no mundo que restou a ela?” Não tive coragem de contar que ia ter de encarar a prisão se não fizesse isso, por isso só escrevi que não se preocupasse, já que a tripulação era experiente.

Bem, finalmente chegou o grande dia, e vou confessar uma coisa: eu não tava um pouco nervoso. Tava morrendo de medo! Apesar de ser confidencial, a história vazou pra imprensa e, agora, a gente ia aparecer na TV e tudo.

Naquela manhã, trouxeram os jornais pra mostrar como a gente era famoso. Estas foram algumas das manchetes:

“Mulher, Macaca e um Idiota no Próximo Empreendimento Espacial dos EUA.”

“A América Lança Mensageiros Peculiares a Planetas Estranhos.” “Garota, Gira e Gorila Serão Lançados Hoje.”
Tinha até uma no New York *Post* que dizia: “Lá Vão Eles — Mas Quem é o Chefe?”

A única que parecia mais gentil era a do *New Yawk Times*, que dizia: “A Nova Espaçonave Tem uma Tripulação Variada.”

Bem, como sempre, tudo foi muito confuso a partir do minuto que acordei. A gente ia tomar o café da manhã e alguém disse: “Não é para tomarem café da manhã no dia do vôo.” Então, alguém mais disse: “Sim, podemos tomar.” Outra pessoa disse: “Não, não podem.” E isso continuou por um tempo, até que todo mundo perdeu a fome.

Botaram a roupa espacial na gente e fomos levados pra plataforma de lançamento num pequeno ônibus, com Sue lá atrás, numa jaula. A nave tinha uns cem andares, e assobiava, espumava e lançava vapor, e parecia que ia comer a gente vivo! Um elevador levava pra cápsula onde a gente ia ficar. Ali, amarraram a gente e carregaram Sue pro seu lugar, nos fundos. Aí, esperamos.

E esperamos mais.

E esperamos
mais um
pouco. E
esperamos
mais um
pouco.

A nave espacial tava em ebulição, assobiava e rosnava, e lançava vapor. Disseram que tinha milhões de pessoas lá fora, vendo a gente na TV. Calculei que também tivessem esperando.

Bem, só sei que, por volta do meio-dia, alguém veio e bateu na porta da espaçonave e disse que a missão tava temporariamente suspensa, até que consertassem a nave.

Assim, nós todos íamos ter de descer o elevador de novo — eu, Sue e a major Fritch. Ela foi a única que resmungou e reclamou, porque eu e Sue ficamos muito aliviados.

Mas nosso alívio não durou muito. Mais ou menos uma hora depois, alguém entrou correndo na sala em que a gente tinha acabado de se sentar pra almoçar e disse: — Vistam a roupa espacial imediatamente! Estão preparando o lançamento!

Todo mundo recomeçou a gritar a plenos pulmões, e a se agitar em volta. Achei que talvez alguns telespectadores tivessem reclamado, ou coisa parecida, e, então, eles tinham decidido acender aquele fogo debaixo do nosso traseiro, independente de qualquer coisa. O que quer que fosse, já não tinha mais importância.

Só sei que fomos colocados de novo no ônibus e levados pra espaçonave, e a gente já tava subindo de elevador quando, de repente, alguém disse: — Cristo, esquecemos a maldita macaca! — Ele começou a berrar pros caras lá embaixo voltarem e pegarem Sue.

Fomos amarrados de novo e alguém tava contando pra trás a partir de cem, quando atravessaram a porta com Sue. Nossos assentos foram inclinados pra trás, e a contagem já tava em dez, quando comecei a ouvir uns barulhos estranhos atrás de nós, onde Sue tava. Eu me virei, e imaginem só! Não era Sue que tava ali. Era um macaco grande, que mostrava os dentes agarrando as tiras do cinto de segurança como se fosse arrebentar ele de um minuto pro outro!

Falei pra major Fritch e ela olhou e disse: — Oh, meu Deus! — E falou no rádio pra quem quer que tivesse no solo, na torre de controle.

— Ouçam — ela disse —, vocês se enganaram e colocaram um dos macacos machos aqui dentro, por isso é melhor cancelar essa coisa até estar tudo arranjado. — Mas, de repente, a espaçonave começou a roncar e a tremer, e o cara na torre de controle disse no rádio: — Agora o problema é de vocês, maninha, temos um programa a cumprir.

E lá fomos nós.

13

Minha primeira impressão foi a de tá sendo esmagado por alguma coisa, como meu pai, quando as bananas caíram em cima dele. Não podia me mexer, não podia gritar, não podia falar nada, não podia fazer nada — a gente tava ali só pra voar na nave. Lá fora, através da janela, tudo que eu via era o céu azul. A espaçonave tava em movimento.

Depois de algum tempo, a velocidade parece que diminuiu um pouco, e as coisas se acalmaram. A major Fritch disse que a gente já podia tirar o cinto e continuar com nosso trabalho, qualquer que fosse. Ela disse que agora a gente tava viajando na velocidade de cinquenta mil milhas por hora. Olhei pra trás e não é que a Terra era somente uma bolinha, igualzinha como aparece naquelas fotos do espaço? Olhei em volta, e lá tava aquele macaco grande, com a cara rabugenta e mal-humorada, encarando a major Fritch e a mim. Ela disse que talvez ele quisesse almoçar ou coisa assim, e pra eu ir até lá e dar pra ele uma banana antes que ele ficasse com muita fome e fizesse algum estrago.

Tinham preparado uma pequena sacola com comida pra macaco. Dentro, tinha bananas, alguns cereais, amoras ressecadas, folhas, e merdas assim. Abri a sacola e comecei a remexer, buscando alguma coisa que fizesse o macaco feliz. Nesse meio tempo, a major Fritch falava no rádio com a Torre de Controle em Houston.

— Ouçam bem — ela disse —, temos de fazer alguma coisa com este macaco. Não é Sue, é um macho, e não parece nem um pouco contente por estar aqui. Pode até ficar violento.

Levou algum tempo pra mensagem chegar lá e a resposta chegar pra nós. Aí, um cara lá embaixo disse:

— Ora, um macaco é igual a qualquer outro macaco.

— Tá bom que é! — a major Fritch disse. — Se você estivesse neste compartimento mínimo com esta coisa enorme, não estaria falando assim.

Depois de um ou dois minutos, a gente ouviu uma voz que crepitava no rádio: — Ouça, as ordens são de não falar com ninguém sobre isso, senão vão rir da gente. Pra todos os efeitos, esse macaco é Sue, independente do que tem entre as pernas.

A major Fritch olhou pra mim e balançou a cabeça. — Está bem, sim, senhor — ela disse —, mas vou manter esse troço amarrado, enquanto estiver aqui comigo. Entendeu?

E da torre de controle, chegou uma palavra:

— Certo.

Na verdade, depois que você se acostuma, é de certa forma divertido estar no espaço. Não tem gravidade e, aí, a gente pode flutuar pela nave toda, e a paisagem é incrível — Lua e Sol, Terra e estrelas. Ficava imaginando onde taria Jenny Curran e o que taria fazendo.

A gente girava e girava em torno da Terra. O dia e a noite, as horas passavam e como que punham uma nova perspectiva nas coisas. Quer dizer, ali tava eu, fazendo aquilo, mas quando voltasse — ou melhor, se voltasse — o que ia acontecer? Ia começar o negócio de camarões? Ia procurar Jenny? Ia tocar com The Cracked Eggs? Faria alguma coisa pra tirar minha mãe do asilo de pobres? Tudo era muito estranho.

A major Fritch tirava uma soneca ou outra sempre que podia, e quando não tava dormindo, tava se queixando. Reclamava do macaco, reclamava dos palermas que tavam na torre de controle, reclamava de não ter onde se maquiuar, reclamava de eu comer fora da hora do almoço ou do jantar. Mas, afinal, droga, tudo que tinha pra comer era só granola mesmo! Eu não quero me queixar demais, mas bem que podiam ter escolhido uma mulher mais bonita ou, pelo menos, que não reclamasse tanto.

Além disso, vou dizer mais uma coisa: esse macaco também não era nada atraente.

Primeiro, eu dei pra ele uma banana — certo? Ele agarrou a banana e começou a descascar ela, mas, aí, pôs ela no chão. A banana começou a flutuar pela cabina da espaçonave e eu tive de pegar ela. Dei pra ele de novo, que começou a amassar com os dedos e a espalhar ela pra tudo que é lado, e eu tinha de limpar tudo aquilo. Além disso, ele queria atenção o tempo todo. Sempre que era deixado sozinho, começava a fazer o maior barulho e a trincar os dentes. Depois de algum tempo deixava a gente louco.

Finalmente, peguei minha gaita e comecei a tocar — acho que era *Home on the range*. E o macaco se acalmou um pouco. Aí, toquei mais um pouco — coisas como *The yellow rose of Texas* e *I dream of Jeannie with the light brown hair*. O macaco ficou ali, olhando pra mim, tranqüilo como um bebê. Esqueci que tinha uma câmara de TV na nave, e o pessoal no centro de controle assistiu a tudo. Na manhã seguinte, quando acordei, alguém pôs na câmara lá de baixo, em Houston, um jornal pra gente ver. A manchete dizia: “Idiota Toca Música no Espaço para Acaltar Macaco.” Esse era o tipo de merda com que eu ia ter de lidar.

Mas, de qualquer modo, as coisas tavam indo bem, a não ser que reparei que Sue olhava pra major Fritch de maneira estranha. Sempre que ela chegava perto, ele se empertigava e estendia o braço como se quisesse agarrar ela ou coisa assim, e ela começava a reclamar dele : — Fique longe de mim, sua coisa

horrorosa! Não toque essas mãos em mim! — Mas Sue tinha alguma coisa em mente. Disso eu tinha certeza.

Não demorou e descobri o que era. Eu tinha ido pra trás de uma pequena divisória, pra mijar em particular, quando, de repente, ouvi a confusão. Estiquei a cabeça pra fora da divisória e Sue tinha conseguido agarrar a major Fritch e metido a mão na roupa espacial dela. Ela berrava estrondosamente e batia na cabeça de Sue com o fone do rádio.

Então, saquei qual era o problema. Nesses quase dois dias que a gente tava no espaço, Sue tinha ficado amarrado no assento, sem ter tido chance nem de dar uma mijadinha! E eu bem que sabia como era isso. Ele devia tá pra explodir! Bem, só sei que fui até lá e afastei ele da major Fritch, que continuava a berrar e a chamar ele de “animal nojento” e merdas assim. Quando se soltou, a major Fritch foi lá pra frente da cabina, baixou a cabeça e começou a soluçar. Desamarrei Sue e levei ele pra trás da divisória.

Achei uma garrafa vazia onde ele mijar, mas depois que terminou, ele pegou a garrafa e jogou ela num painel de luzes coloridas, e ela partiu em pedaços e o xixi todo começou a flutuar pela nave. Aí pensei: que isso se dane. E comecei a levar Sue de volta pro assento, quando vi uma grande gota de xixi indo direto na direção da major Fritch. Parecia que ia bater na nuca dela, daí soltei Sue e tentei desviar a gota com uma rede que deram pra gente pegar coisas que ficassem flutuando. Mas no momento em que eu ia pegar a gota com a rede, a major Fritch se sentou e se virou, e a gota bateu direto na cara dela.

Ela começou a berrar de novo e, enquanto isso, Sue tava estraçalhando os fios do painel de controle. A major Fritch gritava: — Faça ele parar! Pare ele! — Mas antes que a gente pudesse se dar conta, faíscas e coisas assim voavam dentro da nave e Sue pulava, despedaçando a merda toda. Uma voz no rádio queria saber: — Que diabo está acontecendo aí? — Mas, àquela altura, era tarde demais.

A espaçonave balançava de ponta a ponta, e lançava eu, Sue e a major Fritch, como se a gente fosse rolha de cortiça. Não dava

pra segurar nada, não dava pra desligar nada, não dava nem pra ficar de pé, nem sentado. No rádio, a voz do centro de controle disse: — Notamos um certo probleminha de estabilização da nave. Forrest, pode inserir manualmente o programa D-seis no computador a estibordo?

Merda, ele só podia tá brincando! Eu rodopiava que nem uma bola de efeito e tinha um macaco selvagem solto pra eu apanhar! A major Fritch berrava tão alto que eu não conseguia escutar e nem pensar em nada, mas o ponto central dos seus berros parecia ser que a gente ia bater e incendiar. Consegui dar uma olhada pela janela e, de fato, as coisas não pareciam nada bem. A Terra se aproximava numa velocidade tremenda.

Não sei como consegui chegar ao computador e me segurar no painel com uma mão, enquanto com a outra inseria o D-seis. Era um programa feito pra aterrissar a espaçonave no Oceano Índico, no caso da gente ter problemas, o que certamente era o caso.

A major Fritch e Sue tentavam se segurar desesperadamente, mas ela gritou: — O que está fazendo? — Quando eu disse, ela falou: — Deixa isso pra lá, seu estúpido. Já passamos pelo Oceano Índico. Espera até a gente dar outra volta e vê se dá pra descer no Pacífico Sul.

Acreditem ou não, não leva muito tempo pra dar a volta ao mundo quando se tá dentro de uma espaçonave. A major Fritch agarrou o fone do rádio e gritava que a gente tava indo mergulhar ou se espatifar ao sul do Oceano Pacífico e que fossem buscar a gente o mais rápido possível. Eu apertava os botões como louco e a Terra ficava cada vez mais perto. Sobrevoamos uma coisa que a major Fritch achou que se parecia com a América do Sul e, aí, de novo, só se via água, com o Pólo Sul à nossa esquerda, e a Austrália logo à frente.

Aí, ficou tudo muito quente, e uns barulhos engraçados vinham do lado de fora da espaçonave, que começou a tremer e a assobiar, e a Terra tava logo ali na frente. A major Fritch gritou pra mim: — Puxe a alavanca do pára-quedas! — Mas eu tava preso no meu assento. Ela tava imprensada no teto da cabina, daí que parecia que ia ser o nosso fim, já que íamos a dez mil milhas por hora, direto praquela grande bolha verde de terra no oceano. Se a gente batesse nessa velocidade, não ia sobrar sequer uma manchinha de graxa.

Então, de repente, alguma coisa fez “pop” e a nave diminuiu a velocidade. Olhei em volta, e que eu me dane se não era Sue que tinha puxado a alavanca do pára-quedas e salvado nossas vidas. Depois que tudo isso acabou, de vez em quando preciso me lembrar de dar uma banana pra ele.

Bem, mas a questão é que a espaçonave balançava pra frente e pra trás, sob o pára-quedas, e parecia que a gente ia cair na grande bolha verde de terra — o que não era tão bom, já que a gente devia cair na água, onde tinha navios esperando. Mas nada tinha dado certo desde o instante em que pusemos os pés nessa geringonça, por que daria agora?

A major Fritch tava no rádio e dizia pro controle: — Estamos pra aterrissar em algum lugar no norte da Austrália, fora do oceano, mas não sei bem onde.

Alguns segundos depois, uma voz respondeu: — Se não tem certeza de onde está, por que não olha pela janela, sua pateta?

Então, a major Fritch foi olhar na janela e disse: — Cristo, parece Bornéu ou sei lá onde —, mas quando tentou falar isso pro controle, o rádio emudeceu.

Agora, a gente tava bem perto da terra, e a espaçonave continuava a balançar debaixo do pára-quedas. Lá embaixo, só se via a selva e montanhas, além de um pequeno lago que era meio marrom. Não dava pra ver direito o que acontecia do lado do lago. Nós três — eu, Sue e a major Fritch — távamos com o nariz achatado na janela, olhando pra baixo e, de repente, a major Fritch

gritou: — Meu Deus! Não é Bornéu, é a maldita da Nova Guiné, e toda essa merda no solo deve ser um dos cultos ao carregamento ou coisa parecida!

Eu e Sue olhamos firmes pra baixo, e lá no solo, ao lado do lago, olhando de volta pra gente, tinha mais ou menos uns mil nativos, todos com os braços levantados na nossa direção. Usavam saiotos de plantas e o cabelo eriçado, e alguns carregavam escudos e lanças.

— Droga — eu falei —, o que você disse que era?

— O Culto ao Carregamento — ela respondeu. — Na Segunda Grande Guerra, a gente costumava lançar pacotes de doces e coisas assim pra esses selvagens, pra que eles ficassem do nosso lado. Achavam que era Deus ou sei lá o quê que mandava essas coisas, e desde então esperam que a gente retorne. Construíram pistas e tudo.

Está vendo? Tem uma área de aterrissagem assinalada com aquelas grandes marcas redondas e pretas.

— Aquelas coisas tão me parecendo mais panelas pra cozinhar — eu disse.

— Sim, um pouco, é verdade — a major Fritch disse curiosamente.

— Os canibais não são daqui? — perguntei.

— Acho que logo vamos descobrir — ela disse.

A espaçonave oscilava gentilmente na direção do lago, e logo antes da gente bater no solo, eles começaram a bater nos tambores e mexer a boca pra cima e pra baixo. Não dava pra ouvir nada, pois a gente tava na cápsula, mas isso não era problema pra nossa imaginação.

14

A aterrissagem no pequeno lago não foi tão ruim. Teve uma pancada forte e barulhenta na água, e lá tava a gente na terra outra vez. Ficou tudo em silêncio e eu, Sue e a major Fritch espiamos pela janela.

Tinha uma tribo inteira de nativos a uns quatro metros, na margem, olhando pra gente e pareciam ser os caras mais selvagens que se podia imaginar. Faziam cara feia e se inclinavam pra frente pra ver quem a gente era. A major Fritch disse que talvez tivessem chateados porque a gente não tinha jogado nada da nave. Mas que ia pensar com calma no que fazer, já que se até agora a gente, de certa forma, tinha conseguido se sair bem, não queria fazer um movimento em falso com essas assombrações. Uns sete ou oito dos maiores deles pularam pra água e começaram a puxar a nave pra terra.

A major Fritch continuava sentada, pensando no que fazer, quando bateram forte na porta da nave. Olhamos, os três, um pro outro, e a major Fritch disse:

— Ninguém faça nada.

— Podem ficar com raiva se a gente não deixar eles entrarem
— eu disse.

— Fique bem quieto — ela disse —, talvez pensem que não tem ninguém e vão embora.

E aí, ficamos esperando, mas como não podia deixar de ser, dali a pouco bateram de novo na porta.

Eu disse: — E indelicado não atender a porta. — E a major Fritch falou baixinho pra mim: — Cale-se, palerma. Não vê que essa gente é perigosa?

Aí, de repente, Sue foi e abriu a porta ele mesmo. Ali fora tava o maior negro que eu tinha visto desde o jogo contra aqueles patetas do Nebraska, em Orange Bowl.

Ele tinha um osso atravessado no nariz, usava um saiote de plantas, carregava uma lança, tinha uma porção de contas em volta do pescoço e o cabelo parecia um pouco com a peruca de Beatle que o Louco Tom o'Bedlam usou na peça de Shakespeare.

Esse cara ficou extremamente admirado ao dar de cara com Sue na porta da nave. Na verdade tava tão surpreso que caiu duro. A major Fritch e eu espiamos de novo pela janela, e quando os outros nativos viram o amigo desmaiado, fugiram pros arbustos e se esconderam — acho que pra esperar e ver o que ia acontecer.

A major Fritch disse: — Fique parado, não faça nenhum movimento. — Mas Sue pegou uma garrafa que tava ali, deu um pulo e entornou ela na cara do sujeito, pra acordar ele. De repente, o cara voltou a si e começou a salivar, a tossir, a cuspir e a balançar a cabeça de um lado pro outro. Tinha acordado, é certo, mas a garrafa que Sue tinha esvaziado na cara dele era a que eu tinha usado pra mijar. Aí, o sujeito reconheceu Sue, levantou as mãos e baixou o rosto no chão, e começou a reverenciar ele, como um árabe.

Aí, o resto deles saiu dos arbustos, se movendo lentamente e com medo, os olhos esbugalhados, prontos pra atirar as lanças. O cara parou de fazer reverência, olhou pra cima e viu os outros, gritou alguma coisa e eles largaram as lanças, se aproximaram da nave e se agruparam em volta.

— Parecem cordiais — a major Fritch disse —, acho que é melhor sairmos e nos identificarmos. O pessoal da NASA vai chegar em poucos minutos pra nos apanhar. — Como ficou provado, essa foi a maior besteira que ouvi em toda minha vida.

Só sei que eu e a major Fritch caminhamos pra fora da nave, e todos os nativos faziam “oooooh” e “ahhhhh”. O rapaz do

chão olhava pra gente realmente intrigado, mas, aí, ele se levantou e disse: — Olá, eu um bom rapaz. Vocês quem? — E estendeu a mão.

Apertei sua mão, mas aí a major Fritch começou a responder tentando dizer que a gente era “participante da missão de treinamento do vôo espacial multiorbital, pré-planetário, subgravitacional, interesférico da NASA”.

O cara ficou ali, embasbacado, como se a gente fosse extraterreno e, aí, eu disse: — Somos americanos. — E imediatamente seus olhos se iluminaram e ele disse:

— Não me diga! Americanos! Que Ótimo... nossa!

— Fala inglês? — a major Fritch perguntou.

— Claro — ele disse. — Estive na América. Durante a guerra. Fui recrutado pelo Escritório de Serviços Estratégicos para aprender inglês e depois fui enviado para cá, para organizar a guerrilha com nosso povo, contra os japoneses.

Quando ouviu isso, os olhos de Sue aumentaram e brilharam.

Mas pra mim era engraçado um cara tão animado, falando bem o inglês e naquele fim de mundo, e aí eu disse:

— Onde estudou?

— Bem, fui pra Yale, amigão — ele disse. — Boola-boola e tudo mais.

Quando ele disse “boola-boola”, todos os outros negros começaram a cantar, e os tambores recomeçaram, até o rapaz mandar, com um gesto, eles fazerem silêncio.

— Meu nome é Sam — ele disse —, pelo menos era assim que me chamavam em Yale. Meu nome verdadeiro é muito complicado. Que bom que vieram. Aceitam um chá?

Eu e a major Fritch olhamos um pro outro. Ela tava sem fala, daí eu falei: — Sim, seria bom. — Então, a major Fritch recuperou a voz e disse num tom um tanto agudo: — Você não tem um telefone, tem?

O Grande Sam franziu o cenho, agitou as mãos, os tambores recomeçaram e fomos levados pra dentro da selva com todo mundo cantando “boola-boola”.

Tinha uma pequena aldeia em plena selva, com choupanas e merdas assim, igualzinho nos filmes, e a do Grande Sam era a maior de todas. Na frente, tinha uma cadeira parecida com um trono, e quatro ou cinco mulheres, sem nada da cintura pra cima, faziam o que ele dizia. Uma das coisas que ele disse foi pra elas prepararem um chá pra gente, e aí ele apontou pra duas pedras grandes e eu e a major Fritch nos sentamos nelas. Sue tinha acompanhado a gente por todo o caminho, de mão dada comigo, e o Grande Sam fez um gesto pra que ele se sentasse no chão.

— Este macaco é fantástico — Sam disse. — Onde conseguiram?

— Ele trabalha para a NASA — a major Fritch disse e não parecia nem um pouco satisfeita com a nossa situação.

— Não diga! — disse Grande Sam. — Ele é pago?

— Acho que ele gostaria de uma banana — eu disse.

O Grande Sam falou alguma coisa e uma das nativas buscou uma banana pro Sue.

— Sinto muito — Grande Sam disse —, mas acho que não perguntei o nome de vocês.

— Major Janet Fritch, Força Aérea dos Estados Unidos. Número de série: 04534573. É tudo que direi.

— Oh, minha cara — Grande Sam disse —, você não é minha prisioneira. Somos apenas uma pobre tribo atrasada. Alguns dizem que não progredimos muito desde a Idade da Pedra. Não somos ameaça para vocês.

— Não tenho mais nada a dizer até que possa usar o telefone — a major Fritch disse.

— Então, está bem — disse Grande Sam. — E você, jovem?

— Meu nome é Forrest — falei.

— Mesmo? — ele disse. — O nome foi tirado do famoso general da Guerra Civil Nathan Bedford Forrest?

— Sim — eu disse.

— Que interessante. Forrest, onde você estudou?

Eu ia dizer que tinha estado na Universidade do Alabama por um tempo, mas aí decidi não arriscar e disse que tinha ido pra Harvard, o que não deixava de ser verdade.

— Ah, Harvard — o Grande Sam disse. — Sim, conheço bem. São pessoas adoráveis, mesmo não tendo conseguido entrar pra Yale — e aí deu uma risada bem alta.

— Você realmente parece alguém de Harvard.

Não sei por quê, mas achei que ia ter problemas.

Era final de tarde e o Grande Sam mandou as nativas mostrarem onde a gente ia ficar. Era uma choupana com o chão sujo e uma pequena entrada, que de certa forma lembrava o galpão do Rei Lear. Dois caras grandões, com lanças, ficaram de guarda na porta, no lado de fora.

A noite toda, os nativos bateram os tambores e cantaram “boola- boola”. Dava pra ver que tinham preparado um grande caldeirão e uma fogueira debaixo dele. Eu e a major Fritch não sabíamos o que pensar daquilo tudo, mas acho que Sue sabia, porque foi se sentar num canto sozinho e parecia mal-humorado.

Já eram nove ou dez horas e eles ainda não tinham trazido comida pra gente. A major Fritch disse que era melhor eu pedir o jantar pro Grande Sam. Eu já tava na porta quando os dois nativos cruzaram as lanças na minha frente e eu entendi a mensagem e voltei pra dentro. De repente, me dei conta de por que não tinham oferecido jantar pra gente — a gente era o jantar. Uma perspectiva bastante sombria.

Aí, os tambores ficaram em silêncio e eles pararam de cantar “boola-boola”. Ouvimos alguém lá fora grasnando pra

alguém que grasnava de volta e que parecia ser o Grande Sam. Isso continuou por algum tempo e acabaram se exaltando. Quando era impossível berrar mais alto ainda, ouvimos um pancada forte, como se tivessem batido na cabeça de alguém com uma tábua ou coisa parecida. Ficou tudo em silêncio durante algum tempo e, depois, os tambores recomeçaram e as pessoas cantaram “boola-boola” mais outra vez.

Na manhã seguinte, o Grande Sam
veio e disse:

— Olá, dormiram bem?

— Não — a major Fritch disse. — Como esperava que a gente dormisse com toda essa barulheira?

O Grande Sam ficou com a cara magoada e disse:

— Desculpe. Mas, entenda, meu povo esperava... bem, um presente ou algo assim, quando viram a nave caindo do céu. Estamos esperando desde 1945 pelo retorno de seu povo e seus presentes. Quando viram que não tinham trazido nada, naturalmente acharam que vocês eram o presente e se preparavam pra cozinhar e comê-los, até que consegui convencê-los do contrário.

— Você tá gozando com a minha cara, companheiro — a major Fritch disse.

— Pelo contrário — o Grande Sam disse. — Entenda, meu povo não é propriamente o que chamariam de *civilizado*, pelo menos nos padrões de vocês, já que tem certa simpatia pela carne humana. Especialmente carne branca.

— Está querendo dizer que são canibais? — a major Fritch disse. O Grande Sam deu de ombros.

— Exatamente.

— Isso é repugnante! — disse a major Fritch. — Ouça, deve cuidar para que nada nos aconteça e para que a gente saia

daqui e volte à civilização. Um destacamento de busca da NASA está para chegar a qualquer momento. Exijo que nos trate com a dignidade que confere a qualquer nação aliada.

— Ah — disse o Grande Sam —, era exatamente isso que eles tinham em mente ontem à noite.

— Olha aqui — disse a major Fritch —, exijo que sejamos libertados imediatamente e que autorize nossa ida à cidade mais próxima que tenha um telefone!

— Receio — disse o Grande Sam — que isso não seja possível. Mesmo que fossem soltos, os pigmeus os pegariam antes que tivessem penetrado cem metros na selva.

— Pigmeus? — disse a major Fritch.

— Estamos em guerra com os pigmeus há muitas gerações. Certa vez, alguém roubou um porco, acho. Ninguém lembra quem ou onde, perdeu-se na lenda. Mas estamos virtualmente cercados de pigmeus, e sempre foi assim desde que nos lembramos como povo.

— Bem — disse a major Fritch —, é melhor nos arriscarmos com os pigmeus do que com um bando de canibais malditos. Os pigmeus não são canibais, são?

— Não senhora — disse o Grande Sam. — São caçadores de cabeça.

— Formidável — a major Fritch disse irritada.

— Bem, na noite passada — o Grande Sam disse —, consegui salvá-los da panela, mas não sei por quanto tempo. Eles estão decididos a tirar algum proveito do aparecimento de vocês.

— Mesmo? — disse a major Fritch. — Como, por exemplo?

— Bem, para começar, o macaco. Acho que gostariam, no mínimo, de poder comê-lo.

— O macaco é propriedade exclusiva dos Estados Unidos da América — disse a major Fritch.

— Contudo — disse o Grande Sam — acho que seria um gesto diplomático de sua parte.

Sue franziu o cenho, balançava a cabeça lentamente, e olhava tristemente pro lado de fora.

— Nesse caso — continuou o Grande Sam —, acho que enquanto estiverem aqui, talvez devessem trabalhar um pouco para nós.

— Que tipo de trabalho? — disse, desconfiada, a major Fritch.

— Bem — disse o Grande Sam —, plantar. Agricultura. Ouça, há anos tento melhorar a condição degradante de meu povo. Há pouco tempo tive uma idéia. Se pudéssemos tirar vantagem do solo fértil e aplicar algumas das técnicas modernas de agronomia, poderíamos sair dessa situação difícil e assumir um papel no mercado mundial. Resumindo, abandonar essa economia atrasada e caduca e nos tornarmos um povo culto, viável.

— Que tipo de plantação? — a major Fritch perguntou.

— De algodão, minha cara! Algodão! O rei das sementes lucrativas! A planta que construiu um império em seu país, há alguns anos.

— Está achando que a gente vai plantar algodão?

— Pode apostar que sim, irmã — o Grande Sam disse.

15

Bem, ali távamos nós, plantando algodão. Acres e acres e acres de algodão. Era algodão pra tudo que é lado. Só tinha certeza de uma coisa: se a gente conseguisse sair daquela eu nunca ia querer ser plantador de algodão.

Aconteceu muita coisa depois desse primeiro dia na selva com o Grande Sam e os canibais. Primeiro, a major Fritch e eu convencemos o Grande Sam a não dar o pobre Sue pra tribo dele comer. Convencemos ele de que Sue ia ser muito mais útil na plantação do que como refeição. E assim, Sue passava o dia plantando algodão com a gente, usando um grande chapéu de palha e carregando um saco de aniagem.

Além disso, lá pela terceira ou quarta semana que a gente tava ali, o Grande Sam veio à nossa choupana e disse:

— Forrest, bom garoto, você joga xadrez?

— Não — eu disse.

— Bem, você é um homem de Harvard, talvez queira aprender — ele disse.

Balancei a cabeça e foi assim que aprendi a jogar xadrez.

Toda noite, quando a gente tinha acabado o trabalho nos campos de algodão, o Grande Sam preparava o tabuleiro, a gente sentava em volta do fogo e jogava até tarde. Ele mostrou pra mim todos os movimentos, e nos primeiros dias me ensinou estratégia.

Mas depois, ele parou de fazer isso porque eu venci uma ou duas partidas.

Depois de algum tempo, as partidas foram ficando mais demoradas. Às vezes, duravam vários dias, quando o Grande Sam não conseguia decidir que movimento fazer. Ele estudava as peças e depois fazia alguma coisa com uma delas, mas eu sempre conseguia derrotar ele. Às vezes, ele ficava realmente com muita raiva dele mesmo e batia nos pés com uma vara e com a cabeça na pedra, ou coisas assim.

— Para um homem de Harvard, você é um jogador de xadrez muito bom — ele dizia. Ou então: — Olha aqui, Forrest, por que você fez este último movimento? — Eu não dizia nada, ou então balançava os ombros, o que deixava o Grande Sam uma fera.

Um dia, ele disse: — Sabe, Forrest, realmente fico feliz que tenha vindo pra cá, e eu tenha com quem jogar xadrez. Estou feliz por ter salvo você da panela. A única coisa que falta é que realmente gostaria de ganhar nem que fosse só uma vez.

Ao dizer isso, o Grande Sam lambia os beiços, e eu não precisava ser nenhum idiota pra perceber que se deixasse ele ganhar só uma vez, ele ficaria satisfeito, e eu viraria seu jantar. Isso de certo modo me fez ficar com os olhos bem abertos, se entendem o que quero dizer.

Nesse meio tempo, uma coisa muito estranha aconteceu com a major Fritch.

Um dia, ela voltava do campo de algodão comigo e com Sue, quando um grande braço preto saiu de uma moita e fez um sinal pra ela. Eu e Sue paramos e a major Fritch foi até a moita e disse: — Quem está aí? — De repente, o grande braço preto se estendeu e agarrou a major Fritch e levou ela pra moita. Sue e eu olhamos um pro outro e, aí, corremos pra onde ela tava. Sue viu ela primeiro e eu ia pular na moita quando Sue me parou. Ele balançou a cabeça e fez sinal pra eu ir embora. Aí, a gente se afastou um pouco e esperou. Dava pra ouvir tudo que é tipo de barulho vindo dali, e a moita tremia como louca. Finalmente, entendi o que tava

acontecendo, mas pelo barulho da voz da major Fritch não parecia que ela tava correndo perigo, e então Sue e eu seguimos pra aldeia.

Mais ou menos uma hora depois, a major Fritch chegou com um cara enorme que ria de orelha a orelha. Ela tinha levado ele pela mão. Entrou com ele na choupana e disse: “Forrest, quero que conheça Grurck.” E fez ele avançar.

— Oi — eu disse. Eu já tinha visto aquele sujeito na aldeia. Grurck ria e balançava a cabeça e eu balancei de volta. Quanto a Sue, coçava o saco.

— Grurck pediu para eu morar com ele — ela disse —, e acho que vou, já que aqui é um pouco apertado pra três, não acha?

Balancei a cabeça.

— Forrest, não vai contar a ninguém sobre isso, vai? — a major Fritch perguntou.

A quem diabos ela tava achando que eu ia contar era só o que eu queria saber. Mas eu apenas fiz que não com a cabeça e a major Fritch pegou suas coisas e foi com Grurck pra casa dele. E foi assim que aconteceu.

Os dias, os meses e, finalmente, os anos, vinham e iam, e todos os dias eu, Sue e a major Fritch trabalhávamos nos campos de algodão, e eu comecei a me sentir como o Tio Remus ou alguém parecido. À noite, depois de eu acabar de vencer o Grande Sam, ia pra cabana com Sue e a gente ficava ali, à toa. Chegou ao ponto da gente conseguir conversar um com o outro, grunhindo, fazendo caretas e mexendo com as mãos. Depois de muito tempo consegui juntar os pedaços da história da vida dele, que se revelou quase tão triste quanto a minha.

Quando ele era um macaquinho, sua mãe e seu pai tavam andando pela selva quando uns caras vieram, jogaram uma rede em cima deles e doparam eles. Ficou com uma tia e um tio, até que

mandaram ele embora porque comia muito. Desde então, ele vivia sozinho.

Vivia bem, só se balançando nas árvores e comendo bananas, até que, um dia, ficou curioso em saber o que tava acontecendo no resto do mundo, e se balançou de árvore em árvore até chegar numa aldeia perto do fim da selva. Tava com sede e, então, desceu e foi até um riacho beber água. Aí, apareceu um cara remando uma canoa. Sue nunca tinha visto uma canoa, por isso ficou ali, observando, e o cara remou pra perto dele. Ele achou que o sujeito queria dar uma carona, mas deu uma pancada na sua cabeça com o remo, amarrou ele e, depois, ele só se lembra de que foi vendido pra alguém e exibido em Paris.

Na exibição tinha um outro orangotango que se chamava Dóris, que era uma das macacas mais bonitas que ele tinha visto. Pouco tempo depois, eles se apaixonaram. O cara que organizava a exibição levou eles pelo mundo e, em todo lugar por que passavam, a principal atração eram os dois juntos numa jaula, de modo que todo mundo pudesse ver eles trepando. Esse era o tipo da exibição. Apesar de ser um pouco constrangedor pro Sue, era a única chance que os dois tinham.

Certa vez, tavam se exibindo no Japão e um sujeito procurou o diretor do show e fez uma oferta pra comprar Dóris. Então, ela foi embora e Sue não sabia pra onde. Ele ficou sozinho.

Isso fez com que mudasse definitivamente de atitude. Se tornou rabugento e quando era exibido, rosnava e resmungava e, finalmente, começou a pegar a merda e jogar ela, pelas grades da jaula, nas pessoas que tinham gastado seu precioso dinheiro pra ver como um orangotango agia.

Depois de algum tempo, o cara da exibição ficou de saco cheio e vendeu Sue pro pessoal da NASA, e assim ele foi parar ali. Eu entendia um pouco como ele se sentia, porque ele continuava infeliz e solitário por causa da Dóris e eu por causa da Jenny Curran. Não tinha um dia que eu não pensasse em como ela taria. Mas lá távamos nós dois, presos no fim do mundo.

A aventura da plantação de Grande Sam tava além da imaginação. A gente tinha semeado e colhido montes e montes de algodão, que eles armazenavam em grandes palhoças fincadas no chão. Certo dia, finalmente, o Grande Sam disse que iam construir um barco grande — uma barçaça — pra carregar o algodão e tentar atravessar a região dos pigmeus até onde a gente pudesse vender ele e ganhar uma fortuna.

— Já tenho tudo planejado — disse o Grande Sam. — Primeiro, a gente vende tudo num leilão e pega o dinheiro. Depois, usa esse dinheiro para comprar as coisas que meu povo precisa.

Perguntei o que era e ele disse: — Oh, você sabe, amigão, colares e bugigangas, talvez um espelho ou dois, um rádio portátil e quem sabe uma caixa dos bons charutos cubanos, e uma ou duas de bebida.

Bem, era esse o tipo de negócio em que a gente tava metido.

Mas de qualquer maneira, os meses passavam, e a gente tava fazendo a última colheita da estação. O Grande Sam tinha acabado de construir a barçaça na qual a gente ia atravessar a região dos pigmeus pra chegar na cidade, e na noite antes da nossa partida, ele dançou numa grande quadrilha pra celebrar a coisa toda e pra afastar os maus espíritos.

A tribo toda se sentou em volta do fogo cantando “boola-boola” e batendo nos tambores. Também tinham trazido o grande caldeirão e botado ele sobre o fogo, fumegando e borbulhando, mas o Grande Sam disse que era só um “gesto simbólico”.

A gente tava lá, jogando xadrez, e vou dizer uma coisa: eu tava tão excitado que quase explodia! Só bastava a gente chegar perto de uma cidade pra se mandar. Sue sabia disso, porque tava sentado ali, com um largo sorriso na cara e se coçando debaixo dos braços.

Jogamos umas duas partidas e já tava terminando a outra quando, de repente, olhei pro tabuleiro e que um raio me parta se o Grande Sam não tinha me posto em xeque. Ele sorria tão largo que, no escuro, só se via os dentes dele. Eu tinha de sair daquela situação rápido.

O único problema é que não podia. Enquanto eu me distraía já contando com o ovo na galinha, tinha me colocado numa posição impossível. Não tinha saída.

Estudei aquilo por um instante, meu rosto foi iluminado como o dia pelo reflexo do sorriso do Grande Sam e, aí, eu disse: — Olha, preciso mijar. — O Grande Sam concordou com a cabeça, sem parar de sorrir, e vou dizer uma coisa: que eu me lembre foi a primeira vez que dizer algo assim me tirou de uma enrascada, em vez de me meter nela.

Fui pra trás da choupana e fiz xixi, mas aí em vez de voltar pra jogar, fui até Sue e expliquei qual era a situação. Depois, fui escondido até a cabana do Grurck e cochichei pra major Fritch. Ela saiu e contei também pra ela e disse que era melhor a gente dar o fora dali antes que todos nós fôssemos escaldados ou coisa parecida.

Bem, decidimos escapar o mais rápido. Grurck disse que vinha junto porque tava apaixonado pela major Fritch — não importa como ele se expressou. Só sei que nós quatro começamos a sair escondidos da aldeia e a descer pra margem do rio. A gente tava entrando numa das canoas quando de repente olhei pra cima e dei de cara com o Grande Sam e mais uns mil nativos, com cara de maus e desapontados.

— Essa não, amigo — ele disse —, achou mesmo que ia conseguir passar a perna neste demônio velho? — E eu disse: — A gente só ia dar uma voltinha de canoa ao luar, entende o que quero dizer?

— Sim — ele disse. Ele entendia o que eu queria dizer. Aí, ele agarrou a gente e arrastou de volta pra aldeia, tudo vigiado por uma guarda armada. O caldeirão fervia e fumegava incrivelmente e amarraram a gente em estacas. A perspectiva não era nada otimista.

— Bem, amigão — disse o Grande Sam —, realmente é uma mudança infeliz dos acontecimentos. Mas encare da seguinte maneira: pelo menos terá o consolo de saber que alimentará uma ou duas bocas famintas. E além disso, tenho de dizer que você é o melhor jogador de xadrez que já conheci e olha que eu fui o campeão de xadrez de Yale durante os três ou quatro anos que estive lá.

— Quanto a senhora — ele disse pra major Fritch —, lamento terminar com seu pequeno *affaire d'amour* com Grurck, que aqui está, mas sabe como é, não?

— Não, *não sei* como é, seu selvagem desprezível! — disse a major Fritch. — Afinal, quem pensa que é? Devia ter vergonha de si mesmo!

— Talvez a gente possa servir a senhora e Grurck no mesmo prato — o Grande Sam disse com um risinho —, carne branca e carne vermelha. Pessoalmente, comerei uma coxa ou, possivelmente, um peito. Isso sim seria perfeito.

— Seu cretino vil e execrável! — disse a major Fritch.

— O que quiser — disse o Grande Sam. — E agora, ao banquete! Começaram a desamarrar a gente e um bando de negros nos arrastou pro caldeirão. Primeiro levantaram o pobre Sue, porque o Grande Sam disse que ele daria uma boa “quantidade”, e tavam segurando ele em cima do caldeirão e prestes a jogar ele lá dentro quando, imaginem só!, uma flecha surgiu sei lá de onde e bateu num dos caras que levantavam Sue. O cara caiu e Sue, em cima dele. Aí, choveu mais flechas vindo do extremo da selva e todo mundo entrou em pânico.

— São os pigmeus! — gritou o Grande Sam. — Peguem as armas! — e todo mundo correu pra pegar as lanças e facas.

Já que a gente não tinha nem lança nem faca, a major Fritch, eu, Sue e Grurck disparamos de novo pro rio, mas a gente não tinha corrido nem três metros quando, de repente, fomos apanhados pelos pés por algum tipo de armadilha colocada nas árvores.

A gente tava ali, pendurado de cabeça pra baixo, feito morcegos, e o sangue todo correndo pra cabeça, quando um cara pequenininho saiu da moita e começou a rir como um bobo da gente. Tudo que é tipo de barulho dos selvagens era ouvido na aldeia, mas, depois de algum tempo, ficou tudo em silêncio. Aí, um bando de outros pigmeus veio e cortou a corda que pendurava a gente e amarrou nossas mãos e pés, e levou a gente pra aldeia.

Que espetáculo! Tinham capturado o Grande Sam e todos os seus nativos e amarrado as mãos e os pés deles também. Dava impressão que iam jogar eles no caldeirão borbulhante.

— Bem, amigo — disse o Grande Sam —, parece que foi salvo na hora H, não?

Fiz que sim com a cabeça, mas não tinha certeza se era só da frigideira e não do fogo.

— Vou lhe dizer uma coisa — disse o Grande Sam —, parece que é o fim pra mim e meus companheiros, mas talvez você tenha uma chance. Se conseguir pegar a gaita e tocar uma ou duas músicas, pode ser que se salve. O rei dos pigmeus é louco por música americana.

— Obrigado — eu disse.

— Não há de quê, amigo — o Grande Sam disse.

Levantaram ele bem alto e tavam segurando ele em cima do caldeirão quando, de repente, ele gritou pra mim: — Cavalos para bispo três, depois, torre dez para rei sete. Foi assim que venci você!

A gente ouviu a pancada n'água fervendo e, aí, todos os nativos do Grande Sam, amarrados, começaram a cantar “boola-boola” novamente. As coisas pareciam estar perdidas pra todos nós.

16

Depois de terminarem de cozinhar a tribo do Grande Sam, e de encolher a cabeça deles, os pigmeus suspenderam a gente em varas compridas e nos carregaram como porcos pra dentro da selva.

— O que acha que vão fazer com a gente? — a major Fritch gritou pra mim.

— Não sei e não dou a mínima — gritei de volta, e isso era quase a verdade.

Tava farto de toda aquela sujeira. Um homem tem seus limites.

Só sei que depois de mais ou menos um dia, chegamos na aldeia dos pigmeus e, como era de se esperar, tinha uma porção de choupanas pequenininhas numa clareira na selva. Levaram a gente pruma choupana no meio da clareira, onde tinha um monte de pigmeus em volta e um sujeito baixinho com uma barba branca comprida e sem dentes, sentado numa cadeira alta, como um bebê. Imaginei que fosse o rei dos pigmeus.

Botaram a gente no chão e desamarraram, e ficamos em pé e limpamos a poeira, e o rei dos pigmeus começou a tagarelar coisas sem sentido e, então, desceu da cadeira e foi direto pro Sue e chutou o saco

d

e

l

e

.

— Por que ele fez isso? — perguntei pro Grurck, que tinha aprendido um pouco de inglês enquanto vivia com a major Fritch.

— Ele quer saber se macaco é menino ou menina — Grurck disse.

Achei que devia ter uma maneira mais gentil de descobrir isso, mas não disse nada.

Aí, o rei veio até mim e começou a falar aquelas coisas sem sentido — pigmalião ou qualquer coisa — e me preparei pra também levar um chute no saco ou coisa parecida, mas Grurck disse:

— Ele quer saber por que você viver com aqueles canibais horríveis.

— Diga que não era bem essa a nossa intenção — a major Fritch falou com a voz esganiçada.

— Tenho uma idéia — eu disse. — Diz que somos músicos americanos.

Grurck falou isso pro rei e ele examinou a gente com atenção e aí perguntou alguma coisa pro Grurck.

— O que ele disse? — a major Fritch quis saber.

— Ele perguntar o que macaco saber tocar — Grurck disse.

— Diz que o macaco toca lanças — eu disse.

Grurck disse e aí o rei dos pigmeus disse que queria ouvir a gente tocar.

Peguei a gaita e comecei a tocar *De Camptown races*. O rei dos pigmeus ouviu um pouco e então começou a bater as mãos e a fazer uma coisa que parecia um sapateado.

Depois que terminei, ele disse que queria saber o que a major Fritch e Grurck tocavam e eu falei pro Grurck dizer que a major Fritch tocava as facas e que ele, Grurck, não tocava nada, que era o empresário.

O rei dos pigmeus pareceu um pouco intrigado e disse que nunca tinha sabido que alguém tocava facas ou lanças, mas mandou

seus homens darem umas lanças pro Sue e algumas facas pra major Fritch. Daí veria que tipo de música a gente fazia com isso.

Assim que a gente pegou as lanças e as facas, eu disse: — Muito bem, já! — E Sue acertou a cabeça do rei dos pigmeus com a lança e a major Fritch ameaçou uns dois pigmeus com as facas e corremos pra selva com os pigmeus alucinados atrás da gente.

Os pigmeus jogavam tudo que é tipo de pedras na gente e atiravam com os arcos e flechas e lançavam dardos de zarabatanas e todas essas merdas. De repente demos com a margem de um rio e não tinha mais pra onde ir, e os pigmeus tavam chegando. A gente tava pra pular no rio e nadar, quando de repente, da outra margem, um rifle disparou.

Os pigmeus tavam bem em cima da gente, mas outro rifle deu mais um disparo e eles deram meia-volta e fugiram correndo de volta pra selva. A gente olhou pro outro lado do rio e, imaginem só!, tinha uns dois caras usando jaquetas e chapéus de caçador, como se vê em *Ramar of the jungle*. Entraram numa canoa e remaram na nossa direção, e quando chegaram perto, vi que um deles tinha NASA escrito no chapéu. Finalmente, a gente ia ser resgatado.

Quando a canoa chegou na margem que a gente tava, o cara com NASA estampado no chapéu saltou e veio pra perto. Ele foi direto pro Sue, estendeu a mão e disse:

— Senhor Gump, presumo.

— Onde diabos vocês tavam, seus babacas? — berrou a major

Fritch. — Ficamos encalhados na selva por quase quatro malditos anos!

— Lamento, senhora — o cara disse. — Mas tínhamos prioridades.

Bem, afinal, a gente pelo menos tinha sido salvo de um destino pior que a morte, e eles nos botaram na canoa e remaram rio abaixo. Um dos sujeitos disse:

— Bem, companheiros, a civilização está logo ali. Acredito que poderão vender a história de vocês e ganhar uma fortuna.

— Pare a canoa! — a major Fritch gritou de repente.

Os caras olharam um pro outro, mas remaram pra margem.

— Tomei uma decisão — a major Fritch disse. — Pela primeira vez na vida, encontrei um homem que realmente me entende, e não vou deixá-lo agora. Por quase quatro anos, Grurck e eu vivemos felizes nesta terra, e decidi ficar aqui com ele. Iremos pra selva e construiremos uma nova vida, uma família, e viveremos felizes para sempre.

— Mas este homem é um canibal — um deles disse.

— Pode se lamentar, meu caro — a major Fritch disse.

E ela e Grurck saltaram da canoa e voltaram pra selva, de mãos dadas. Logo antes de desaparecerem, a major Fritch se virou e acenou pro Sue e pra mim, e então se foram.

Olhei pra ponta da canoa, e Sue tava ali, torcendo os dedos.

— Esperem um pouco — eu disse pros caras. Fui sentar ao lado de Sue e disse: — O que acha?

Sue não disse nada, mas tinha uma pequena lágrima em seu olho, e então eu soube o que tava pra acontecer. Ele me deu um longo abraço e aí pulou do barco e subiu rápido numa árvore na margem. A última vez que vimos ele, penetrava na selva, balançando-se num cipó.

O sujeito da NASA abanou a cabeça: — Bem, e quanto a você, seu debilóide? Vai ficar com seus amigos na Terra Selvagem?

Eu procurei eles por um minuto e aí disse: — ã, ã — e voltei a me sentar na canoa. Enquanto remavam, não achem que não cheguei a pensar nisso. Mas simplesmente eu não podia. Achava que tinha outras coisas pra fazer.

Me mandaram de volta pra América e, no caminho, disseram que ia ter uma grande recepção de boas-vindas pra mim, mas tive a impressão de já ter escutado isso antes.

Mas realmente, assim que aterrissamos em Washington, tinha cerca de um milhão de pessoas aplaudindo e dando vivas e agindo como se tivessem felizes em me ver. Me levaram pra cidade no banco de trás de um grande carro preto e disseram que tavam me levando pra Casa Branca, pra ver o Presidente. Ora, eu já tinha estado lá também.

Bem, quando chegamos na Casa Branca, eu esperava ver o mesmo presidente que tinha me dado o café da manhã e deixado eu assistir *The Beverly hillbillies*, mas agora era um outro — um cara com o cabelo todo engomadinho, bochechudo, e um nariz parecido com o do

P
i
n
ó
q
u
i
o
.

— E então — o presidente disse —, fez uma viagem emocionante? Um cara de terno, que tava do lado do presidente, se inclinou e sussurrou alguma coisa pra ele, e aí de repente o presidente disse: — Oh, na verdade, o que quis dizer foi que fantástico ter escapado da experiência penosa na selva.

O cara de terno cochichou mais alguma coisa no ouvido dele e disse pra mim:

— Bem... e sua companheira?

— Sue? — perguntei.

— Era esse o nome dela? — Olhou prum cartão que tinha na mão. — Aqui diz que era a major Janet Fritch e que quando você estava sendo resgatado, ela foi arrastada pra selva por um canibal.

— Onde tá escrito isso? — perguntei.

— Aqui mesmo — o presidente disse.

— Não foi isso — eu disse.

— Está insinuando que sou um mentiroso? — o presidente disse.

— Só tô dizendo que não foi assim — eu disse.

— Preste atenção — o presidente disse —, sou seu comandante- chefe, não sou um trapaceiro. Eu não minto!

— Sinto muito — eu disse —, mas não é a verdade sobre a major Fritch. Apenas leu numa ficha, não...

— Fita! — o presidente gritou.

— Hã? — eu disse.

— Não, não — o cara de terno disse —, ele disse “ficha” e não “fita”, senhor presidente.

— FITA! — gritou o presidente. — Eu já disse que nunca pronunciasse esta palavra na minha presença! Vocês são um bando

de porcos comunistas desleais.

O presidente batia no próprio joelho com o punho.

— Nenhum de vocês entende. Não sei nada sobre coisa nenhuma! Nunca ouvi falar de coisa nenhuma! E se ouvi, esqueci, ou então é ultra-secreto!

— Mas senhor presidente — disse o cara de terno —, ele não disse isso. Ele só disse...

— Agora é você que está me chamando de mentiroso! — ele disse.

— Está despedido!

— Mas não pode me despedir — o cara disse. — Sou o vice-presidente.

— Bem, desculpe eu lhe dizer isso — disse o presidente —, mas nunca será presidente se ficar por aí chamando seu comandante-chefe de mentiroso.

— Sim, acho que tem razão — disse o vice-presidente. — Peço desculpas.

— Não, sou eu que peço — disse o presidente.

— Bem, de qualquer maneira — o vice-presidente disse, como que mexendo nele mesmo —, se me dão licença, preciso mijar.

— Esta foi a primeira coisa sensata que ouvi hoje — disse o Presidente.

Aí, ele se virou pra mim e disse:

— Não foi você que jogou pingue-pongue e salvou a vida do dirigente Mao?

— Foi — eu disse.

— E por que quis fazer uma coisa dessa?

— Porque ele tava se afogando — eu disse.

— Devia ter segurado ele lá embaixo em vez de salvá-lo. De qualquer modo, isso é passado, pois o filho da puta morreu enquanto você estava na selva — disse o presidente.

— O senhor tem um aparelho de TV? — perguntei.

O presidente olhou pra mim com uma cara meio engraçada.

— Sim, tenho, mas não tenho visto muito nos últimos dias. São muitas notícias ruins.

— Nunca vê *The Beverly hillbillies*? — eu disse.

— Não está passando — ele disse.

— E o que tá passando? — perguntei.

— *To tell the truth*. Mas não vai querer ver isso, é um monte de merda — e aí, ele disse. — Olha, eu tenho de ir a uma reunião, por que não levo você até a porta?

Quando a gente tava lá fora, na varanda da entrada, o presidente disse em voz baixa: — Ouça, quer comprar um relógio?

Eu disse: — Hã? — E ele veio pra bem perto de mim e levantou a manga do paletó e juro que devia ter uns trinta relógios no braço dele.

— Não tenho dinheiro — eu disse.

O presidente baixou a manga e deu um tapinha nas minhas costas: — Bem, volte quando tiver e faremos negócio, está bem?

Apertou minha mão e apareceu um bando de fotógrafos que começou a bater fotos da gente e, aí, fui embora. Mas vou dizer uma coisa: apesar de tudo, esse presidente parecia uma cara legal.

Bem, aí eu fiquei imaginando o que iam fazer comigo agora, mas não tive de imaginar por muito tempo.

Levou mais ou menos um dia pras coisas se acalmarem, e me botaram num hotel. Mas, numa certa tarde, uns dois caras vieram e disseram:

— Olha aqui, Gump, nada mais de benefícios. O governo não vai mais pagar nada. Agora, está por conta própria.

— Tudo bem — eu disse. — Mas que tal um dinheirinho pra eu voltar pra casa? Estou um pouco duro.

— Esqueça, Gump — disseram. — Tem sorte de não estar em cana por ter acertado a cabeça do funcionário do Senado com a medalha. Fizemos um favor livrando você dessa acusação. Mas a partir de agora, lavamos as mãos.

Assim, tive de deixar o hotel. Como não tinha mala pra fazer, não foi difícil, e apenas saí pra rua. Andei um pouco, passei pela Casa Branca, onde mora o presidente, e pra minha surpresa, tinha um bando de gente lá em frente, usando máscaras de borracha com o rosto do presidente e carregando uns cartazes. Pensei que ele devia ficar feliz por ser tão popular.

17

Apesar de terem dito que não iam me dar dinheiro nenhum, um dos caras me emprestou um dólar antes de eu deixar o hotel. Na primeira oportunidade, telefonei pra casa, pro asilo de pobres onde minha mãe tava, pra ela saber que eu tava bem. Mas uma das freiras disse: — Faz muito tempo que não temos uma Sra. Gump aqui.

Quando perguntei onde ela tava, a freira disse: — Não sei. Ela fugiu com um protestante. — Agradei e desliguei o telefone. De certa forma fiquei um pouco aliviado. Pelo menos mamãe tinha fugido com *alguém* e não tava mais no asilo de pobres. Achei que devia procurar ela, mas pra dizer a verdade, não tava com tanta pressa, porque tão certo como ia chover, ela ia gritar, me passar um sabão e fazer um escarcéu por eu ter saído de casa.

Realmente choveu. Choveu canivetes e achei um toldo onde ficar debaixo até um cara aparecer e me enxotar. Eu tava ensopado e com frio e passava por algum prédio do governo em Washington, quando vi um grande saco de lixo de plástico no meio da calçada. Assim que cheguei perto, o saco se mexeu ligeiramente, como se tivesse alguém dentro!

Parei, depois fui até lá e cutuquei ele um pouco, com o dedo do pé. De repente, o saco deu um pulo de um metro e pouco pra trás e uma voz, que saiu de dentro dele, disse:

— Fique longe de mim, babaca!

— Quem tá aí? — perguntei. E a voz respondeu:

— Esta grade é *minha*, procure outra pra você.

— Do que tá falando? — eu disse.

— Minha grade — a voz disse. — Dá o fora da minha grade!

— Que grade? — perguntei.

De repente, o saco se levantou um pouco e uma cabeça deu uma espiada pra fora e me olhou de través, como se eu fosse algum idiota.

— Você é novo na cidade ou alguma coisa assim? — o cara disse.

— Mais ou menos — respondi. — Só tô tentando sair da chuva.

O cara no saco tinha a expressão triste, era meio careca, não se barbeava há meses, tinha os olhos vermelhos e injetados e tava sem a maior parte dos dentes.

— Bem — ele disse —, neste caso acho que tudo bem por algum tempo. Toma — ele estendeu a mão e me deu outro saco de lixo, que tava dobrado.

— O que faço com isso? — perguntei.

— Abra e se meta dentro, bobalhão. Não disse que queria sair da chuva?

E aí, ele puxou o próprio saco e se cobriu com ele.

Bem, fiz o que ele mandou e, pra ser franco, realmente não foi nada mau.

Tinha um ar quente que subia da grade e que fazia ficarquentinho e gostoso dentro do saco, e protegia da chuva. A gente tava acororado, um do lado do outro, em cima da grade, com os sacos cobrindo a gente e, passou algum tempo, o cara disse pra mim:

— Afinal, como se chama?

— Forrest — eu disse.

— Mesmo? Conheci um cara chamado Forrest. Faz muito tempo.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— Dan — ele disse.

— Dan? *Dan*? Ei, espera um pouco — eu disse.

Tirei o saco de lixo, fui até lá, abri o saco do cara e era ele! Não tinha pernas e tava sentado num carrinho de madeira com rodas de patins embaixo. Devia ter envelhecido uns vinte anos, e mal podia reconhecer ele. Mas era ele. Era o velho tenente Dan!

Depois que saiu do hospital do Exército, Dan foi pra Connecticut tentar retomar o antigo trabalho de professor de história. Mas não tinha vaga pra ensinar história, daí que fizeram ele dar aula de matemática. Ele odiava matemática, e além disso, a sala dessa aula ficava no segundo andar e ele levava um tempão pra subir as escadas, sem pernas nem nada. Além de tudo isso, a mulher dele fugiu com um produtor de TV que morava em Nova York e pediu divórcio alegando “incompatibilidade”.

Ele começou a beber e perdeu o emprego e não fazia nada por enquanto. Ladrões assaltaram a casa dele e levaram tudo que ele tinha e as pernas artificiais que deram pra ele no hospital da Administração dos Veteranos de Guerra eram do tamanho errado. Ele disse que, depois de alguns anos, simplesmente “desistiu”, e deu de viver como um vagabundo. Recebia um dinheirinho todo mês, da pensão de invalidez, mas quase sempre distribuía ele entre os outros vagabundos.

— Não sei não, Forrest — ele disse —, acho que só tô esperando a morte ou coisa assim.

Dan me deu uns trocados e disse pra eu ir na esquina e comprar umas duas garrafas do vinho Red Dagger. Mas eu só comprei uma e usei o dinheiro prum daqueles sanduíches vendidos prontos, porque não tinha comido nada o dia inteiro.

— Bem, companheiro — Dan disse, depois de tragar a metade do vinho —, conte o que tem feito desde que o vi pela última vez.

E contei. Falei sobre ter ido pra China e jogar pingue-pongue, sobre encontrar de novo Jenny Curran e tocar na banda The Cracked Eggs, sobre a manifestação a favor da paz, na qual joguei fora minha medalha e fui em cana.

— Sim, eu me lembro dessa manifestação muito bem. Acho que ainda tava no hospital. Pensei em ir, mas achei que não jogaria fora minhas medalhas. Dá uma olhada aqui. — Desabotoou a jaqueta e dentro, na camisa, tavam todas as medalhas dele, a medalha de sangue, a medalha de bronze por bravura... deviam ser umas dez ou doze medalhas.

— Elas me lembram certas coisas — ele disse. — Não sei bem o quê... com certeza, a guerra, mas isso não é tudo. Sofri uma perda, Forrest, muito maior que a das pernas. A do espírito, da alma se preferir. Agora, ali só tem um espaço vazio: medalhas onde, antes, ficava minha alma.

— Mas e as leis naturais que comandam tudo? — perguntei. — E o “esquema das coisas”, no qual todos nós temos de nos encaixar?

— Foda-se tudo isso — ele disse. — Era só um monte de besteira filosófica.

— Mas desde que você me disse, tenho me guiado por isso. Deixo a “maré” me levar e tento fazer o melhor possível. Fazer a coisa certa.

— Bem, talvez funcione pra você, Forrest. Achava que funcionava pra mim também, mas olhe bem. Apenas *olhe* pra mim — ele disse. — O que sou? Sou um maldito aleijado sem pernas. Um vagabundo. Um bêbado. Um vadio de trinta e cinco anos.

— Podia ser pior — eu disse.

— Oh, mesmo? Como? — ele disse.

E nessa ele me pegou, por isso acabei falando de mim mesmo — de como fui parar no depósito de malucos, como me lançaram num foguete e aterrissei no meio dos canibais, e do Sue e da major Fritch, e dos pigmeus.

— Meu Deus, Forrest. Garoto, você realmente viveu aventuras — Dan disse. — Como pode ser que esteja sentado aqui comigo, sobre as grades e debaixo de um saco de lixo?

— Não sei — eu disse. — Mas não pretendo ficar aqui muito tempo.

— O que pretende?

— Assim que a chuva parar — eu disse —, vou me mandar e procurar a Jenny Curran.

— Onde ela está?

— Não sei — eu disse —, mas vou descobrir.

— Tá parecendo que vai precisar de ajuda — ele disse.

Me virei pra Dan e seus olhos brilhavam por trás da barba. Alguma coisa me dizia que era ele que precisava de ajuda, mas, por mim, tudo bem.

Nessa noite, já que não parava de chover, Dan e eu fomos pra uma espelunca dos missionários, e Dan pagou cinquenta centavos por cada um pra jantar e vinte e cinco pelas camas. A gente podia ter jantado de graça, se tivesse sentado e ficado pra ouvir o sermão, ou coisa assim, mas Dan disse que preferia dormir na chuva do que

gastar nosso valioso tempo ouvindo um pregador da Bíblia falar da sua visão do mundo.

Na manhã seguinte, Dan me emprestou um dólar e achei um telefone público e liguei pra Boston, pro Mose, que era o baterista do The Cracked Eggs. E ele tava mesmo em casa e ficou surpreso pra caramba quando ouviu minha voz.

— Forrest, não acredito! — Mose disse. — A gente tinha dado você como morto!

O The Cracked Eggs, ele disse, tinha acabado. O dinheiro que o sr. Feeblestein tinha prometido foi todo gasto pra pagar as despesas ou coisa parecida, e depois do segundo disco não conseguiram mais contratos. Mose disse que agora as pessoas ouviam um outro tipo de música — Rollin Stoned's ou os Iggles, e coisas assim — e quase todos os caras do The Cracked Eggs tinham ido sei lá pra onde e procurado emprego de verdade.

Mose disse que não sabia de Jenny há muito tempo. Depois que ela tinha ido pra Washington pra manifestação pela paz, na qual eu fui preso, ela voltou pro The Cracked Eggs e ficou com eles alguns meses, mas Mose disse que alguma coisa nela tava diferente. Certa vez, ela caiu em prantos no palco e tiveram de tocar música instrumental até acabar a apresentação. Depois, ela começou a beber vodca e a se atrasar pros shows, e eles iam conversar com ela sobre isso quando ela simplesmente largou tudo e foi embora.

Mose disse que, pessoalmente, achava que aquele comportamento dela tinha alguma coisa a ver comigo, mas que ela nunca tinha falado nada sobre isso. Ela se mudou pra Boston algumas semanas depois, dizendo que ia pra Chicago, e isso foi a última coisa que soube dela em quase cinco anos.

Perguntei se sabia como eu podia chegar até ela, e ele disse que talvez ainda tivesse um número que ela deu pra ele antes de ir embora. Ele largou o telefone e voltou depois de alguns minutos e deu o número pra mim. Fora isso, ele disse: — Não faço a menor idéia.

Falei pra ele se cuidar e que, se um dia eu fosse a Boston, ia passar pra ver ele.

— Ainda toca gaita? — Mose perguntou.

— Sim, às vezes — eu disse.

Peguei outro dólar emprestado do Dan e liguei pra Chicago.

— Jenny Curran? Jenny? — um cara disse. — Ah, sim... me lembro dela. Um tesãozinho. Faz muito tempo.

— Sabe onde ela tá?

— Ela disse que ia pra Indianápolis, quando saiu daqui. Mas quem pode saber? Disse que ia trabalhar na Temperer.

— Onde?

— Temperer, a fábrica de pneus. Fazem pneus pra carros, entende?

Agradei pro cara e fui contar pro Dan.

— Bem — ele disse —, nunca estive em Indianápolis. Ouvi falar que lá é bonito no outono.

Tentamos pegar uma carona pra sair de Washington, mas não demos sorte, por assim dizer. Um cara levou a gente na parte de trás dum caminhão que carregava tijolos até os limites da cidade, mas depois disso, ninguém quis nos pegar. Acho que a gente parecia muito estranho ou sei lá o quê — Dan sentado no seu carrinho e eu, grandalhão, em pé do lado dele. Só sei que Dan perguntou por que a gente não pegava um ônibus já que o dinheiro que tinha dava pra pagar. Pra dizer a verdade, eu me sentia mal

pegando o dinheiro dele, mas também sentia que ele queria ir e que seria bom tirar ele de Washington.

E aí, pegamos um ônibus pra Indianápolis e botei Dan no banco ao meu lado e guardei o carrinho na prateleira em cima. O caminho todo ele ficou bebendo o vinho Red Dagger e falando como o mundo era uma merda de lugar pra se viver. Talvez tivesse razão. Não sei. Afinal, sou apenas um idiota.

O ônibus deixou a gente no meio de Indianápolis e Dan e eu ficamos na rua tentando decidir o que fazer, quando um policial veio e disse: — Não é permitido vadios na rua. — E aí nós andamos. Dan perguntou prum cara onde ficava a Temperer Tire Company e era na periferia da cidade. Aí começamos a andar naquela direção. Um pouco depois, não tinha calçadas e não dava pra Dan empurrar o carrinho, aí, pus ele debaixo de um braço e o carrinho debaixo do outro e continuamos a andar.

Por volta do meio-dia, vimos um cartaz grande que dizia “Temperer Tire Company” e achamos que era esse o lugar. Dan disse que ia esperar do lado de fora e eu entrei. Tinha uma mulher numa mesa e perguntei pra ela se podia ver Jenny Curran. A mulher olhou uma lista e disse que Jenny trabalhava na “recauchutagem”, mas que ninguém podia entrar lá, a não ser que trabalhasse na fábrica. Bem, fiquei ali, tentando decidir o que fazer e a mulher disse: — Olha, querido, em um ou dois minutos vai ter uma pausa pro almoço. Por que não vai pro lado do prédio? Ela deve aparecer. — E foi o que fiz.

Tinha muita gente saindo, e aí vi Jenny, sozinha, cruzar a porta e ir prum lugar debaixo de uma árvore, e pegar um sanduíche num saco de papel. Fui até lá e meio de quatro, já que ela tava sentada no chão, me arrastei até ela e disse: — Este sanduíche tá parecendo muito gostoso. — Ela nem mesmo levantou os olhos. Continuou olhando pra frente e disse: — Forrest, tinha de ser você.

18

Bem, vou dizer uma coisa: este foi o reencontro mais feliz da minha vida. Jenny chorou e me abraçou, e eu também, e todos os outros da recauchutagem ficaram sem entender nada do que tava acontecendo. Jenny disse que acabava o trabalho em mais ou menos três horas e pra eu e Dan irmos até o bar do outro lado da rua tomar uma cerveja ou qualquer outra coisa e esperar, que, depois, ela ia levar a gente pra casa dela.

Fomos pro bar e Dan bebeu um tal vinho Ripple, já que não tinha Red Dagger, e disse que o Ripple era melhor porque tinha um *bouquet* mais agradável.

Tinha outros caras lá, jogando dardos, bebendo e disputando queda-de-braço numa mesa. Um cara grandalhão parecia ser o melhor e, de vez em quando, aparecia alguém que tentava ganhar dele, mas não conseguia. Também apostavam cinco e dez dólares por vez.

Depois de algum tempo, Dan cochichou no meu ouvido: — Forrest, acha que pode ganhar desse grandalhão na queda de braço? — E eu disse não sei, e Dan disse: — Pois bem, aqui tem cinco paus, porque aposto que pode.

Aí, me levantei e disse pro cara: — Se incomoda de eu disputar a queda-de-braço com você?

Ele olhou pra mim, sorrindo, e disse: — Contanto que tenha dinheiro, é bem-vindo.

Então me sentei, cada um pegou na mão do outro, e alguém gritou: — Já! — E a competição começou. O outro cara grunhia e

fazia força, como um cão tentando cagar um caroço de pêsego, mas em uns dez segundos derrubei o braço dele e preendi na mesa e venci ele na queda-de-braço. Todo mundo se juntou em volta da mesa e dizia “ooohh” e “ahh” e eu ouvia Dan gritar e dar vivas.

Bem, o cara não ficou nada feliz, mas me pagou os cinco dólares e levantou da mesa.

— Meu cotovelo escorregou — ele disse —, mas na próxima vez que você vier aqui quero uma revanche, ouviu? — Disse que sim com a cabeça e voltei pra mesa em que Dan tava e dei o dinheiro pra ele.

— Forrest — ele disse —, talvez a gente tenha achado um meio fácil de ganhar uns trocados. — Perguntei se ele podia me dar vinte e cinco centavos pra comprar um ovo de codorna que tava num jarro no balcão, e ele me deu um dólar e disse: — Compre o que quiser, Forrest. Agora arranjam os um meio de ganhar a vida.

Depois do trabalho, Jenny veio ao bar e levou a gente pra casa dela. Tava morando num pequeno apartamento perto da Temperer Tire Company e tinha arrumado ele legal, com coisas como animais empalhados e contas coloridas penduradas na porta do quarto. Fomos numa mercearia e compramos um pouco de frango e Jenny preparou um jantar pra Dan e pra mim, e contei pra ela tudo que tinha me acontecido desde a última vez que a gente tinha se visto.

A maior parte do tempo ela queria saber sobre a major Fritch, mas quando eu disse que ela tinha fugido com um canibal, Jenny ficou mais relaxada. Ela disse que a vida também não tinha sido um mar de rosas pra ela, nesses últimos anos.

Depois de deixar os The Cracked Eggs, foi pra Chicago com uma garota que conheceu no movimento pela paz. Tinham feito manifestações pelas ruas e sido presas uma porção de vezes, e Jenny disse que acabou ficando cansada de se apresentar ao tribunal

e começou a se preocupar por estar formando um longo registro policial.

Só sei que morava numa casa com umas quinze pessoas que não faziam exatamente seu tipo de gente. Não usavam roupa de baixo e ninguém puxava a descarga da privada. Ela e um cara resolveram alugar um apartamento juntos, porque ele também não gostava dali, mas não deu certo.

— Sabe, Forrest — ela disse —, até tentei me apaixonar por ele, mas simplesmente não consegui, porque pensava em você.

Ela tinha escrito pra mãe dela e pedido pra ela entrar em contato com minha mãe e descobrir onde eu tava vivendo, mas a mãe dela respondeu dizendo que nossa casa tinha pegado fogo e que minha mãe vivia num asilo de pobres. Mas na época em que Jenny recebeu a carta, mamãe já tinha fugido com o protestante.

Mas aí, Jenny disse, não tinha dinheiro e soube que tavam contratando gente na fábrica de pneus e, então, foi pra Indianápolis pra conseguir o emprego. Nessa época, ela viu na TV que eu ia ser lançado no espaço, mas não dava tempo dela ir até Houston. Disse que assistiu “horrorizada” quando a espaçonave fez aquele barulhão e achou que eu tinha morrido. Desde então, ela passava o tempo recauchutando pneus.

Peguei ela e abracei e ficamos assim durante algum tempo. Dan rolou pro banheiro e disse que ia mijar. Quando ele tava lá, Jenny perguntou como conseguia fazer, se não precisava de ajuda. E eu disse:

— Não, já vi ele fazer antes. Ele se vira sozinho.

Ela abanou a cabeça e disse: — Isso é o que a guerra do Vietnã nos deu.

Não tinha muito o que discutir quanto a isso. Era um espetáculo triste e lamentável um homem sem pernas ter de mijar no chapéu e depois despejar na privada.

Nós três nos instalamos no pequeno apartamento de Jenny. Ela arrumou um lugar pro Dan num canto da sala, com um pequeno colchão, e mantinha um jarro no banheiro pra que ele se virasse sozinho. Todas as manhãs ela ia pra fábrica de pneus e Dan e eu ficávamos conversando e, depois, a gente descia pro bar perto de onde Jenny trabalhava e esperava ela sair.

Na primeira semana que a gente fez isso, o cara que eu tinha derrotado na queda-de-braço queria uma chance de recuperar os cinco dólares e eu dei. Tentou mais umas três vezes e acabou perdendo uns vinte e cinco dólares, e depois disso nunca mais voltou. Mas sempre havia alguém querendo tentar a sorte e depois de um ou dois meses tinha gente vindo de toda a cidade e de outras cidades também. Dan e eu távamos fazendo uma média de cento e cinquenta, duzentos dólares por semana, o que, tenho de admitir, não era nada mau. O proprietário do bar disse que ia organizar uma competição nacional, com TV e tudo. Mas antes disso acontecer, teve outra coisa que mudou minha vida.

Um dia, entrou um cara no bar usando um terno branco, uma camisa havaiana e um monte de colar de ouro em volta do pescoço. Sentou no balcão, enquanto eu terminava uma queda-de-braço e, depois, veio se sentar na nossa mesa.

— Meu nome é Mike — ele disse —, e ouvi falar de você. Dan perguntou o que ele tinha ouvido e Mike disse:

— Que este cara aí é o mais forte do mundo.

— O quê? — Dan disse.

— Acho que tenho uma idéia de como você pode fazer muito mais grana do que essa mixaria de merda que ganha aqui.

— E qual é? — Dan perguntou.

— Lutar — Mike disse. — Mas não essa coisa mixuruca. Falo de luta de verdade. Num ringue, com milhares de pagantes.

— Lutar contra quem? — Dan perguntou.

— Com qualquer um — Mike disse. — Tem um circuito de lutadores profissionais: O Portento Mascarado, O Incrível Hulk, Georgeous George, O Nojento MacSuíno... basta dizer o nome. Os melhores ganham cem, duzentos mil dólares por ano. A gente inicia o garoto devagar. Ensina alguns golpes, mostra as cordas. Aposto que em pouco tempo ele será uma grande estrela e vai fazer todo mundo ganhar muito dinheiro.

Dan olhou pra mim e disse:

— O que acha, Forrest?

— Não sei — eu disse. — Eu tava pensando em voltar pra casa e começar um negócio de camarão.

— Camarão! — Mike disse. — Ora, garoto, você pode ganhar cinquenta vezes mais fazendo isso que com camarão! Não precisa fazer a vida toda. Apenas alguns anos e estará sólido, com dinheiro no banco, um pé-de-meia.

— Talvez eu deva perguntar a Jenny — eu disse.

— Ouça — Mike disse —, vim oferecer a chance de sua vida. Se não quer, apenas diga não e eu vou embora.

— Não, não — Dan disse e se virou pra mim. — Ouça, Forrest, parte do que ele diz faz sentido. Quer dizer, como vai ganhar o suficiente pra começar o negócio do camarão?

— E vou dizer mais — Mike disse. — Pode até mesmo levar seu amigo. Ele será seu empresário. Na hora que quiser largar tudo, estará livre para largar. O que diz?

Refleti um pouco. Parecia bom, mas geralmente tinha alguma armadilha. Assim mesmo abri a boca e disse a palavra fatal: — Sim.

Bem, foi assim que me tornei um lutador profissional. O escritório de Mike era num ginásio no centro de Indianápolis e

todos os dias eu e Dan pegávamos o ônibus pra lá, pra eu aprender a maneira certa de lutar.

Resumindo, era o seguinte: ninguém devia se machucar, mas parecia que se machucavam.

Me ensinaram tudo que é tipo de coisa — chave de nuca, o avião, tesoura, bate-estacas, chave de braço, e todas essas coisas. Também ensinaram a Dan como gritar com o juiz, pra provocar tumulto.

Jenny não tava muito entusiasmada com o negócio da luta porque dizia que eu podia me machucar e quando eu disse que ninguém se machucava porque era tudo combinado, ela disse: — Então, qual é a graça? — Era uma boa pergunta e eu não podia responder corretamente, mas, afinal, eu tava procurando ganhar algum dinheiro pra gente.

Um dia, tentaram mostrar pra mim uma coisa que chamavam de “barrigada”, na qual eu supostamente me lançaria pelo ar e aterrissaria, de barriga, em cima de alguém, mas, na hora H, ele rolava pro lado. De certa forma eu pus tudo a perder e duas ou três vezes aterrissei direto em cima do cara antes dele ter tempo de sair do caminho. Finalmente, Mike veio até o ringue e disse: — Cristo, Forrest! Você é um idiota ou o quê? Um cara do seu tamanho pode acabar machucando alguém!

E eu disse: — É, eu sou um idiota. — E Mike disse: — O que quer dizer? — E aí Dan disse pro Mike vir com ele um instantinho e explicou alguma coisa pra ele e Mike falou: — Deus do céu! Você tá brincando?

— E Dan abanou a cabeça. Mike olhou pra mim, deu de ombros e disse:

— Bem, acho que é isso aí.

Só sei que depois de mais ou menos uma hora, Mike saiu correndo da sala dele pro ringue onde eu e Dan távamos.

— Já sei! — ele gritou.

— Sabe o quê? — Dan perguntou.

— O nome dele! Temos de dar um nome a Forrest, pra usar no ringue. Acaba de me ocorrer qual será.

— E qual é? — Dan disse.

— O Burro! — Mike disse. — A gente veste ele com uma fralda e põe umas orelhas de burro na cabeça dele. O público vai adorar!

Dan pensou um pouco.

— Não sei — ele disse. — Não gosto do nome. Dá a impressão de que quer gozar com a cara dele.

— É só pro público — Mike disse. — Ele tem de usar algum tipo de chamariz. Todas as grandes estrelas fazem isso. E qual seria melhor que O Burro?

— Por que não chamar ele de O Astronauta? — Dan disse. — Cairia bem. Ele podia usar um capacete de plástico e algumas antenas.

— Já tem um outro com esse nome.

— Continuo não gostando — Dan disse. Olhou pra mim e perguntou: — O que acha, Forrest?

— Realmente não tô nem aí — eu disse.

Bem, foi assim que aconteceu. Depois de todos aqueles meses de treinamento, eu ia fazer meu debut como lutador. Mike apareceu no ginásio um dia antes da grande luta e trouxe uma caixa com o cueiro e as grandes orelhas de burro. Disse pra gente estar no ginásio ao meio-dia do dia seguinte e ele nos levaria pra minha primeira luta que seria em Muncie.

Nessa noite, quando Jenny chegou, fui pro banheiro e pus a fralda e as orelhas de burro e voltei pra sala. Dan tava sentado no

seu carrinho, vendo TV, e Jenny tava lendo um livro. Os dois olharam pra cima quando eu cruzei a porta.

— Forrest, o que é isso? — Jenny disse.

— É a fantasia dele — disse Dan.

— Fica parecendo um bobo com ela — Jenny disse.

— Parece que é pra isso mesmo — Dan disse. — É como se ele tivesse representando numa peça ou coisa assim.

— Mas isso não faz com que deixe de parecer um bobo — disse Jenny. — Não posso acreditar! Vai deixar que vistam você com isso pra aparecer em público?

— É só pra ganhar uma grana — Dan disse.— Já tem um cara chamado O Vegetal que veste couve como sunga e enfia uma melancia oca na cabeça, com dois furinhos no lugar dos olhos, pra ele enxergar. Outro se chama A Fada e tem asas nas costas e carrega uma varinha de condão. O filho da puta deve pesar uns cento e cinquenta quilos. Tinha de ver ele.

— Não me importa o que eles fazem — Jenny disse. — Não gosto nem um pouco disso. Forrest, vá tirar essa roupa.

Fui pro banheiro e tirei a fantasia. Talvez Jenny tivesse razão, eu pensei, mas um cara tem de ganhar a vida. Bem, de qualquer jeito, isso nem chegava aos pés do cara com quem eu ia lutar na noite seguinte em Muncie. Ele se chamava A Bosta, e usava uma meia velha grande no corpo, pintada pra parecer um pedaço de merda. Só Deus sabe o cheiro que ia ter.

19

O negócio em Muncie era o seguinte: eu ia ser derrotado por O Bosta.

Mike me disse isso no caminho pra lá. O Bosta tinha “antiguidade” em relação a mim, portanto devia vencer, e sendo minha primeira aparição era preciso que eu ficasse na posição de perdedor. Mike disse que só tava querendo que eu soubesse como era o começo, de modo que não guardasse ressentimentos.

— Isso é ridículo — Jenny disse —, alguém chamar a si mesmo de O Bosta.

— Provavelmente ele é uma — Dan disse, tentando animá-la.

— Mas não se esqueça, Forrest — Mike disse —, tudo é só um show. Não pode perder o sangue-frio. Ninguém deve se machucar. O Bosta tem de ganhar.

Bem, quando finalmente chegamos em Muncie, a luta ia ser num grande e velho auditório. Já tinha uma acontecendo — O Vegetal lutava contra um cara chamado O Animal. O Animal era peludo como um macaco e usava uma máscara preta nos olhos. A primeira coisa que fez foi arrancar a melancia oca que O Vegetal botava na cabeça e chutar ela pra arquibancada de cima. Depois, agarrou O Vegetal pela cabeça e bateu ela no pau do ringue. Aí, mordeu a mão de O Vegetal. Eu sentia uma certa pena do pobre Vegetal, mas ele tinha lá seus truques também, isto é, baixou a mão até as folhas de couve que usava na sunga e pegou uma coisa parecida com merda e esfregou nos olhos do Animal.

O Animal urrava e cambaleava por todo ringue, esfregando os olhos pra tirar aquela coisa, e O Vegetal veio por trás dele e chutou ele na bunda. Aí, jogou o Animal nas cordas e o prendeu de modo que ele não conseguia se mexer e começou a dar a maior surra no Animal. O público vaiava o Vegetal e jogava copos de papel e esse tipo de coisa nele, e o Vegetal respondia mostrando o dedo médio. Comecei a ficar curioso, pensando como tudo isso ia terminar, mas aí Mike veio até mim e Dan e disse pra gente ir pro vestiário e vestir a fantasia, pois eu ia ser o próximo, contra O Bosta.

Depois de eu vestir a fralda e as orelhas de burro, bateram na porta e perguntaram: — O Burro tá aí? — E Dan disse: — Sim. — E o cara disse: — É a sua vez, venha.— E lá fomos nós.

O Bosta já tava no ringue quando descii o corredor com Dan se empurrando atrás de mim. O Bosta corria em volta do ringue, fazendo caretas pro público e não é que parecia mesmo uma bosta naquela roupa de malha? Bem, mas aí eu subi pro ringue e o juiz nos juntou e disse: — OK, rapazes, quero uma luta limpa. Nada de polegar no olho do outro, golpe abaixo da cintura, mordida, arranhões ou qualquer merda desse tipo. Balancei a cabeça e disse: — ã-hã.— E o Bosta me lançou um olhar feroz.

Quando a campainha soou, eu e o Bosta ficamos girando em volta um do outro e, aí, ele esticou o pé pra me fazer tropeçar, mas errou e agarrei ele pelos ombros e joguei ele nas cordas. Foi quando descobri que tinha besuntado o corpo com uma coisa escorregadia e ficava difícil segurar ele. Tentei agarrar em volta da cintura, mas ele se soltou das minhas mãos como uma enguia. Segurei o braço dele, mas ele se saiu dessa também, e ria e me gozava.

Aí ele veio correndo, pronto pra dar uma cabeçada no meu estômago, mas me afastei e O Bosta saiu voando pelas cordas e aterrissou na primeira fila. Todo mundo assobiava e vaiava ele, mas

ele voltou pro ringue trazendo uma cadeira dobrável. Começou a correr atrás de mim com a cadeira e como eu não tinha com que me defender, dei de fugir. Mas O Bosta me acertou as costas com a cadeira e vou dizer uma coisa: doeu. Tentei tirar a cadeira dele, mas ele bateu na minha cabeça com ela, e eu tava num canto, sem ter onde me esconder. Aí ele me chutou na canela e quando me inclinei pra ver a canela, ele chutou a outra.

Dan tava no lado do ringue gritando pro juiz mandar o Bosta largar a cadeira, mas não adiantou nada. O Bosta me acertou umas quatro ou cinco vezes com a cadeira e me derrubou e subiu em cima de mim, agarrou meu cabelo e começou a bater no chão com minha cabeça. Aí, ele agarrou meu braço e deu de torcer meus dedos. Olhei pro Dan e disse: — Mas que diabos é isso? — E Dan tentou passar pelas cordas, mas Mike se levantou e puxou o Dan pela gola da camisa. Aí, de repente, a campainha soou e consegui ir pro meu canto.

— Ouça — eu disse —, esse cretino tá tentando me matar, batendo na minha cabeça com a cadeira e tudo. Vou ter de fazer alguma coisa.

— O que vai fazer é *perder* — Mike disse. — Ele não vai machucar você, só tá tentando fazer parecer normal.

— Certamente isso não dá *impressão* de normal — eu disse.

— Apenas agüente mais alguns minutos e, depois, deixe que ele imobilize você no chão — Mike disse. — Não se esqueça de que ganhou quinhentos dólares pra vir até aqui e perder e não pra vencer.

— Se ele me acertar de novo com a cadeira, não sei o que vou fazer — eu disse.

Olhei pra platéia e lá tava Jenny com a cara chateada e constrangida. Comecei a achar que aquilo não era a coisa certa a fazer.

Bem, mas de qualquer jeito, a campainha soou de novo e lá fui eu. O Bosta tentou me agarrar pelo cabelo, mas dei um safanão

nele, que saiu rodopiando pras cordas como um pião. Aí peguei ele pela cintura e levantei ele bem alto, mas escorregou da minha mão e caiu de bunda no chão, gemendo e se queixando e esfregando a bunda, e só sei que seu empresário deu pra ele um desses “desentupidores” com aquela coisa de borracha na ponta e ele começou a dar na minha cabeça com ele. Bem, arranquei aquilo da mão dele e quebrei em dois, no meu joelho, e fui pra cima dele. Mas vi Mike ali, abanando a cabeça e, então, deixei O Bosta vir e me aplicar uma chave de braço.

O filho da puta quase quebrou meu braço. Aí, ele me empurrou na lona e deu de bater na minha nuca com o cotovelo. Eu podia ver Mike logo ali, que balançava a cabeça e sorria aprovando. O Bosta me largou e começou a chutar minhas costelas e estômago, e aí pegou de novo a cadeira e bateu com estrondo, umas oito ou nove vezes, na minha cabeça. Finalmente, ele ajoelhou nas minhas costas e eu não podia fazer nada.

Só fiquei ali e ele sentado na minha cabeça. O juiz contou até três e a coisa era pra terminar. O Bosta se levantou, olhou pra mim e cuspiu na minha cara. Foi horrível e eu não sabia o que fazer. Não consegui me controlar e comecei a chorar.

O Bosta deu a volta no ringue todo prosa e, aí, Dan veio rolando pra onde eu tava e começou a enxugar meu rosto com uma toalha e aí só me lembro que Jenny também veio pro ringue e me abraçava e chorava e o público urrava e jogava uns troços no ringue.

— Venha, vamos sair daqui — Dan disse e fiquei em pé e O Bosta me mostrava a língua e fazia caretas.

— Sem dúvida, você tem o nome certo — Jenny disse pro Bosta quando a gente tava saindo do ringue. — Foi vergonhoso.

Ela pode ter dito isso pra nós dois. Nunca, na vida, me senti tão humilhado.

A viagem de volta pra Indianápolis foi constrangedora. Dan e Jenny não falaram nada e eu tava no banco de trás, triste e duro.

— Foi uma representação e tanto, Forrest — Mike disse —, principalmente o choro no final. O público adorou!

— Não foi representação — Dan disse.

— Oh, besteira — disse Mike. — Olha, alguém sempre perde. Vou dizer uma coisa, da próxima vez vou providenciar pra que Forrest ganhe. O que acha?

— Não haverá nenhuma “próxima vez” — Jenny disse.

— Ele ganhou uma boa grana hoje, não ganhou? — Mike disse.

— Quinhentos dólares pra levar uma surra dessa não é tanto — disse Jenny.

— Bem, mas foi sua primeira luta. E digo mais, da próxima vez vou pagar seiscentos.

— Que tal mil e duzentos? — Dan perguntou.

— Novecentos — Mike disse.

— E que tal deixar ele usar uma sunga de praia em vez dessa fralda e dessas orelhas de burro? — Jenny disse.

— Eles adoraram isso — disse Mike. — Faz parte do seu encanto.

— Como se sentiria vestido assim? — Dan disse.

— Não sou um idiota — respondeu Mike.

— Não abra a porra da sua boca pra falar disso — Dan disse.

Bem, Mike cumpriu a palavra. Na outra vez que lutei foi contra um cara chamado de A Mosca Humana. Ele tava vestido numa coisa com um focinho pontudo como a mosca tem e uma máscara com grandes olhos esbugalhados. Eu tinha de ficar jogando ele pelo ringue, depois sentar na cabeça dele e receber meus novecentos dólares. Além disso, todo mundo na platéia aplaudia muito e gritava: — Queremos O Burro! Queremos O Burro! — Não era um mau negócio.

Em seguida, tive de lutar contra A Fada, e até deixaram eu bater com a varinha de condão na cabeça dele. Depois disso, tive de enfrentar uma porção de caras e Dan e eu conseguimos juntar cinco mil dólares pro negócio dos camarões. Mas tem mais uma coisa: eu tava ficando muito popular. As mulheres escreviam pra mim e começaram a vender orelhas de burro iguais às minhas como *souvenirs*. Às vezes, eu subia no ringue e na platéia tinha umas cinquenta ou cem pessoas usando as orelhas de burro, todas batendo palmas, gritando vivas e meu nome. De certa forma, eu me sentia bem com isso, entendem?

Nesse meio tempo, eu e Jenny, a gente se dava muito bem, menos em relação à minha carreira de lutador. Todas as noites, quando ela chegava, a gente preparava o jantar e ela, eu e Dan nos sentávamos na sala e ficávamos planejando como começaríamos o negócio dos camarões. A gente pensava em ir pra Bayou La Batre, de onde era o pobre Bubba, e conseguir um pedaço de pântano em algum lugar no Golfo do México. A gente ia ter de comprar umas malhas de arame e redes, um pequeno barco a remo e alguma comida pros camarões enquanto eles tavam crescendo, e outras coisas mais. Dan disse que a gente tinha de ter um lugar pra morar e comprar comida e essas coisas enquanto esperava dar os primeiros lucros e também precisava ter como levar eles pro mercado. No total, ele achava que ia ser preciso uns cinco mil dólares pra ajeitar tudo no primeiro ano. A partir daí, a gente ia ficar independente.

O problema que eu tinha era com Jenny. Ela disse que a gente já tinha os cinco mil e por quê, então, não arrumávamos

nossas coisas e íamos pra lá? Bem, ela tinha certa razão, mas pra ser totalmente franco, eu inda não tava preparado pra partir.

Sabem, desde que eu tinha jogado contra aqueles patetas debilóides do Nebraska, em Orange Bowl, não me sentia realmente realizando alguma coisa. Talvez um pouquinho nos jogos de pingue-pongue na China Vermelha, mas aquilo só durou algumas semanas. Agora, sabem, todos as noites de sábado eu ia até lá e ouvia eles aplaudirem. E aplaudiam a mim — idiota ou não.

Deviam escutar como gritavam bravo quando venci O Amolador de Ponta Grossa, que entrou no ringue com notas de cem dólares coladas no corpo. Depois, teve o Aterrador Al de Amarillo que segurei com um Boston Crab e ganhei o cinto do campeonato da Divisão do Leste. Depois disso, lutei contra Juno, o Gigante, que pesava duzentos quilos e se vestia com a pele de um leopardo e segurava um bastão de papier-maché.

Mas, um dia, quando Jenny chegou em casa do trabalho, ela disse: — Forrest, precisamos ter uma conversa.

Sáimos e demos uma volta perto de uma enseada e Jenny achou um lugar pra gente sentar, e aí ela disse:

— Forrest, acho que já basta desse negócio de luta.

— O que quer dizer? — perguntei, apesar de saber a resposta.

— Quero dizer que temos quase dez mil dólares, o que é o dobro do que Dan disse que a gente precisava pra começar o negócio do camarão. E fico pensando por que será que você continua a subir lá todas as noites de sábado e a fazer papel de bobo.

— Não faço nenhum papel de bobo — eu disse. — Tenho de pensar nos meus fãs. Sou uma pessoa muito popular. Não posso simplesmente parar e abandonar tudo.

— Bobagem — Jenny disse. — O que chama de “fã” e o que quer dizer com “popular”? Aquela gente é um bando de pirados que paga pra assistir aquela merda toda. Um bando de adultos que

sobem ali de sunga e fingem machucar um ao outro. E seja quem for ouve o público chamá-lo de O Vegetal, O Bosta, e coisas assim. E você chama a si mesmo de O Burro!

— O que tem de errado nisso? — perguntei.

— Como acha que me sinto com o homem que amo sendo conhecido por toda parte como O Burro, e se exibindo toda semana, e também na televisão?!

— Ganhamos um dinheiro extra com a televisão — eu disse.

— Que se foda o dinheiro extra! — Jenny disse. — Não precisamos de dinheiro extra nenhum!

— E existe quem não precise de um dinheiro extra? — eu disse.

— Não precisamos tanto assim — Jenny disse. — Quer dizer, o que quero é achar um lugarzinho tranqüilo pra gente e que você tenha um trabalho respeitável como o negócio dos camarões, pra gente conseguir comprar uma casinha e, quem sabe, com um jardim e um cachorro, ou alguma coisa assim. Talvez, até mesmo, ter filhos. Já tive minha porção de fama no The Cracked Eggs, e isso não me levou a nada. Eu não era feliz. Já estou com quase trinta e cinco anos. Quero me estabelecer...

— Olha — eu disse —, tenho a impressão que sou eu o único que pode dizer se abandono ou não. Não vou fazer isso pra sempre, só até a hora certa.

- Bem, também não vou ficar esperando pra sempre - Jenny disse, mas não acreditei que falasse sério.

20

Depois disso, tive umas duas lutas e, naturalmente, venci ambas. Aí, Mike chamou Dan e a mim na sua sala e disse:

— Olha, nesta semana você lutará com O Professor.

— Quem é ele? — Dan perguntou.

— Veio da Califórnia — Mike disse — e é muito conhecido lá. É o segundo depois do campeão da Divisão do Oeste.

— Por mim, tudo bem — eu disse.

— Mas tem mais uma coisa — Mike disse. — Dessa vez, Forrest, vai ter de perder.

— Perder? — eu disse.

— Perder — Mike disse. — Ouça, tem ganhado todas as semanas há meses. Não acha que deve perder de vez em quando pra manter a popularidade?

— Como assim?

— É simples. As pessoas gostam do coitadinho que é derrotado. Faz com que pareça melhor da próxima vez.

— Não gosto disso — eu disse.

— Quanto vai pagar? — Dan perguntou.

— Dois mil.

— Não gosto disso — eu disse de novo.

— Dois mil é muito dinheiro — Dan disse.

— Continuo não gostando disso.

Mas aceitei o trato.

Jenny andava agindo de maneira um pouco estranha nesses dias, mas achei que eram os nervos ou coisa assim. Aí, um dia, ela veio pra casa e disse:

— Forrest, minha resistência tá chegando ao fim. Por favor não vá até lá.

— Tenho de ir — eu disse. — De qualquer jeito, vou perder.

— Perder? — ela disse.

Expliquei pra ela como Mike tinha me explicado e ela disse:

— Que merda, Forrest! Isso já é demais.

— É a minha vida — eu disse, o que quer que isso significasse. Bem, só sei que um dia depois, Dan voltou de não sei onde e disse que ele e eu tínhamos de levar um papo.

— Forrest, acho que tenho a solução pros nossos problemas. Perguntei qual era.

— Acho — Dan disse — que o melhor é cair fora rapidinho desse negócio. Sei que Jenny não gosta e se vamos começar aquela coisa de camarão, é melhor que seja logo. Mas acho que sei uma maneira de cair fora e lucrar ao mesmo tempo.

— E qual é? — perguntei.

— Andei falando com um cara lá no centro da cidade. Ele é corretor de apostas e andam espalhando que você vai perder de O Professor no sábado.

— E daí? — eu disse.

— E daí se você ganhar?

— Ganhar?

— Acabe com ele.

— Vou ficar mal com Mike — eu disse.

— Que Mike se foda — Dan disse. — Ouça, o negócio é o seguinte. Vamos dizer que a gente pegue os nossos dez mil e aposte em você. A probabilidade é de dois pra um. Aí você acaba com ele e a gente fica com *vinte mil*.

— Mas depois vou ficar enrascado — eu disse.

— A gente pega os vinte e some da cidade — Dan disse. — Sabe o que dá pra fazer com vinte milhas? Dá pra começar o diabo do negócio de camarão e ainda ficar com muita grana pra curtir. De qualquer jeito, acho que já tá na hora de sair dessa coisa de luta romana.

Aí pensei, Dan era o empresário, e Jenny também tinha dito pra eu largar a luta, e vinte milhas não era um mau negócio.

— O que acha? — Dan disse.

— OK — eu disse. — OK.

Chegou o dia da luta com O Professor. Ela ia ser no Fort Wayne e Mike veio buscar a gente e tava buzinando lá fora e perguntei se Jenny tava pronta.

— Não vou — ela disse. — Vou assistir na televisão.

— Mas tem de ir — eu disse e pedi pro Dan explicar pra ela por quê.

Dan explicou o plano pra ela e disse que ela tinha de ir, já que a gente precisava de alguém pra dirigir de volta a Indianápolis depois de eu vencer O Professor.

— Nenhum de nós dois sabe dirigir — ele disse — e vamos precisar ter um carro bem veloz do lado de fora da arena quando a luta acabar pra trazer a gente até aqui pra pegar as vinte milhas com o agente e, aí, dar o fora da cidade rapidinho.

— Bem, não quero ter nada a ver com um negócio desse — Jenny disse.

— Mas são vinte mil! — eu disse.

— Sim, mas é desonesto — ela disse.

— Bem, desonesto é o que ele tem feito o tempo todo — Dan disse —, vencendo e perdendo, tudo planejado antes.

— Não vou fazer isso — Jenny disse. Mike buzinava de novo e Dan disse:

— Bem, temos de ir. A gente te vê na volta, depois que terminar, de um jeito ou de outro.

— Deviam ter vergonha de vocês mesmos — disse Jenny.

— Não vai falar assim quando a gente voltar com vinte mil paus no bolso — Dan disse.

Bem, mas de qualquer jeito, lá fomos nós.

No caminho pro Fort Wayne, não falei muito porque tava meio com vergonha do que ia fazer com Mike. Ele não tinha me tratado tão mal, mas por outro lado, como Dan tinha explicado, eu tinha feito muito dinheiro pra ele também, daí que ia acabar ficando tudo igual.

Chegamos na arena e a primeira luta já tava acontecendo — Juno, o Gigante tava levando a maior surra do A Fada. A seguir ia ter uma luta de socos entre anãs. Fomos pro vestiário e eu pus a

fralda e as orelhas de burro. Dan ligou pra companhia de táxis e providenciou um táxi pra tá lá fora com o motor ligado depois da minha luta.

Bateram na porta e tava na hora de ir. A minha e d'O Professor era a luta especial da noite.

Ele já tava no ringue quando eu apareci. O Professor era um cara pequeno e rijo, com barba, óculos, uma toga preta e um chapéu feito barrete de formatura. Raios me partam se ele não parecia um professor de verdade. Decidi naquela horinha mesmo que ia fazer ele engolir o chapéu.

Bem, subi no ringue e o apresentador disse: — Senhoras e senhores. — Nesse ponto teve uma porção de vaias e, aí, ele disse: — É uma honra termos como principal atração desta noite, disputando o título da Associação de Luta Romana Profissional da América do Norte, dois dos maiores competidores do país: O Professor contra O Burro!

Quando acabou de dizer isso, teve tanta vaia e gritos e palmas que era impossível dizer se o público tava feliz ou com raiva. Mas isso não tinha a menor importância, porque a campanha soou e a luta começou.

O Professor tinha tirado a toga, os óculos e o barrete, e girava em volta de mim, e balançava o dedo como se tivesse me repreendendo. Tentei agarrar ele, mas ele sempre se afastava e continuava a sacudir o dedo. Foi assim por um ou dois minutos e, aí, ele cometeu um erro. Correu pra trás de mim e tentou chutar minha bunda, mas eu agarrei rápido o braço dele e joguei ele nas cordas. Ele pulou das cordas como que atirado por um estilingue e quando passou por mim, eu pus o pé na frente e quase agarrei ele com a manobra Bellybuster, mas ele desviou pro córner e quando olhei pra cima, ele tinha pegado uma régua grande.

Ele batia a régua na palma da mão como se fosse me dar palmadas com ela, mas, em vez disso, quando agarrei ele dessa vez, ele apertou a régua no meu olho como se quisesse afundar ele. E vou dizer uma coisa: doeu. E eu fiquei cambaleando pelo ringue, tentando enxergar de novo, mas aí ele correu pra trás de mim e

botou uma coisa dentro da fralda. Não demorei muito a descobrir o que era — eram formigas! Só Deus sabe onde ele conseguiu elas, mas elas começaram a me morder e eu fiquei na maior sinuca.

Dan tava lá, gritando pra eu acabar logo com ele, mas isso não é nada fácil quando se tem formigas dentro da calça. Só sei que a campainha tocou e que era o fim do assalto. Fui pro meu córner e Dan tentou tirar as formigas.

— Foi um truque sujo — eu disse.

— Acabe logo com ele — Dan disse. — Não dá pra errar.

O Professor veio pro segundo assalto fazendo caretas pra mim. Aí ele chegou perto o bastante pra eu pegar e levantar ele em cima da minha cabeça e começar a fazer o Rodopio do Avião.

Rodopiei ele umas quarenta ou cinquenta vezes até ter certeza de que tava tonto e aí joguei ele com toda minha força por cima das cordas pra arquibancada. Ele foi aterrissar na quinta fila, no colo de uma velha que tava tricotando uma suéter, e ela começou a bater nele com um guarda-chuva.

O problema foi que o Giro do Avião também tinha me afetado. Ficou tudo girando, mas achei que não fazia mal, já que ia parar logo e O Professor tava acabado. Nisso, eu tava enganado.

Tinha quase me recuperado da tontura quando, de repente, alguma coisa me pegou pelos tornozelos. Olhei pra baixo e que um raio me parta se O Professor não tinha voltado pro ringue e trazido com ele o novelo de lã que a velhinha tava tricotando! E amarrou meus pés com ele.

Tentei escapar, mas O Professor girava a lã em volta de mim, me envolvendo com o novelo, como uma múmia. Fiquei logo com os pés e mãos amarradas e não conseguia me mexer. O Professor parou, deu um laço em cima e ficou na minha frente e agradeceu os aplausos, como um mágico quando acaba de fazer uma mágica ou coisa parecida.

Aí, ele foi até o córner dele e pegou um livro grande e velho — parecia um dicionário — veio pra perto e agradeceu de novo. E

aí, bateu o livro com força na minha cabeça. Eu não podia fazer nada. Ele deve ter batido umas dez vezes antes de eu cair. Eu tava impotente e ouvi todo mundo aplaudindo quando O Professor se sentou nos meus ombros e me imprensou no chão — e ganhou a luta.

Mike e Dan vieram pro ringue e desamarraram a lã toda e me ajudaram a levantar.

— Fabuloso! — Mike disse. — Simplesmente fabuloso! Eu não teria planejado melhor!

— Oh, cale-se — Dan disse e virou pra mim. — Bem, que bela situação. Ser enganado por esse O Professor.

Eu não disse nada. Me sentia um desgraçado. Tava tudo perdido. A única coisa certa é que nunca mais eu ia lutar de novo.

A gente não precisava mais fugir de táxi, daí, eu e Dan voltamos com Mike pra Indianápolis. Durante todo o caminho de volta ele veio dizendo como tinha sido fantástico eu ter perdido d'o Professor daquela maneira e como da próxima vez eu ia vencer e ganhar milhares de dólares.

Quando ele estacionou em frente ao apartamento, Mike se virou e deu pro Dan um envelope com os dois mil dólares que me devia pela luta.

— Não aceite — eu disse.

— Como? — Mike perguntou.

— Ouça — eu disse —, tenho de contar uma coisa.

Dan interrompeu.

— O que ele quer dizer é que não vai lutar mais.

— Tá brincando? — Mike disse.

— Não estou — Dan disse.

— E por quê? — Mike perguntou. — Qual é o problema, Forrest? Antes que eu pudesse responder, Dan disse:

— Ele não quer falar disso agora.

— Bem — Mike disse —, eu entendo, acho. Precisam de uma boa noite de sono. Estarei de volta logo de manhã e falaremos sobre isso, OK?

— OK — Dan disse e saímos do carro.

Quando Mike foi embora, eu disse:

— Não devia ter aceitado o dinheiro.

— É tudo que temos agora — ele disse.

Tudo o mais tinha se ido. Só me dei conta de como tinha razão alguns minutos depois.

Subimos pro apartamento e Jenny também tinha desaparecido. Todas as coisas dela tinham sumido, menos alguns lençóis limpos e toalhas, e panelas e coisas assim, que ela tinha deixado pra gente. Na mesa da sala tinha uma carta. Dan foi o primeiro a ver e leu alto pra mim.

“Querido Forrest,

Não agüento mais isso. Tentei conversar com você sobre meus sentimentos, e parece que você não deu importância. Tem uma coisa particularmente ruim no que vai fazer hoje à noite, porque não é honesto e lamento não poder continuar vivendo com você.

Talvez, em parte, a culpa seja minha, pois cheguei numa idade em que preciso me estabelecer. Penso em ter

uma casa e uma família, ir à igreja, e esse tipo de coisa. Conheço você desde o primeiro grau, Forrest — há quase trinta anos — e vi você crescer e ficar forte e bonito. E quando, finalmente, percebi o quanto gostava de você — quando você apareceu em Boston — fui a garota mais feliz do mundo.

Mas, então, você deu de fumar muita droga e ficou com aquelas garotas lá em Provincetown, e mesmo depois disso, senti sua falta e fiquei feliz quando foi a Washington durante a manifestação pela paz só pra me ver.

Mas quando foi lançado pela nave e ficou perdido na selva por quase quatro anos, acho que mudei. Não sou mais tão cheia de esperança quanto era antes, e acho que ficaria satisfeita com apenas uma vida simples em algum lugar. Por isso, agora, devo ir e procurar isso.

Alguma coisa mudou em você também, querido Forrest. Não acho que você tenha culpa disso, pois sempre foi uma pessoa ‘especial’, mas parece que não pensamos mais da mesma maneira.

Choro enquanto escrevo, mas devemos nos separar. Por favor, não tente me encontrar. Desejo todo bem pra você, querido. Adeus.

M
e
u
a
m
o
r
,
J
e
n
n

y
.
”

Dan deu a carta pra mim, mas deixei ela cair no chão e ficar ali, percebendo pela primeira vez na vida o que realmente era ser um idiota.

21

Bem, depois disso, eu era um cretino
desolado.

Nessa noite, Dan e eu ficamos no apartamento, mas na manhã seguinte arrumamos nossas tralhas todas, porque não tinha razão pra ficar mais em Indianápolis. Dan veio pra mim e disse:

— Toma, Forrest, pegue o dinheiro — e mostrou os dois mil dólares que Mike tinha dado pela luta com O Professor.

— Não quero — eu disse.

— Bem, é melhor pegar — Dan disse —, porque é tudo que temos.

— Fique com ele — eu disse.

— Pelo menos, fique com a metade — ele disse. — Ouça, precisa de dinheiro pra viajar. Pra ir onde quer que seja.

— Não vem comigo? — perguntei.

— Receio que não, Forrest — ele disse. — Acho que já causei problemas demais. Não dormi nada esta noite. Fiquei pensando em como consegui convencer você a apostar todo nosso dinheiro e como fiz com que continuasse a lutar quando era evidente que Jenny já tava de saco cheio. E não foi culpa sua ter perdido d'O Professor. Fez o que pôde. Sou o único culpado. Eu não fui nada bom.

— Ora, Dan, também não foi culpa sua — eu disse. — Se eu não tivesse usado aquelas orelhas de burro e acreditado naquela merda toda que diziam sobre mim, não teria me metido nessa sinuca.

— O que quer que seja — Dan disse —, não acho certo continuar seguindo você. Agora, tem outras coisas a fazer. Vá em frente e faça. Me esqueça. Eu não sou bom.

Bem, eu e Dan conversamos durante muito tempo, mas nada convenceu ele, e depois de algum tempo, pegou suas tralhas e ajudei ele a descer a escada, e antes de desaparecer, vi ele descendo a rua se empurrando no carrinho, com todas as suas coisas empilhadas no colo.

Fui pra estação de ônibus e comprei uma passagem pra Mobile. A viagem devia durar dois dias e duas noites, passando por Louisville, Nashville, Birmingham e, então, Mobile. Eu era um idiota desgraçado, sentado ali, enquanto o ônibus rodava.

Passamos por Louisville durante a noite e no dia seguinte paramos em Nashville pra mudar de ônibus. Ia ter de esperar umas três horas, daí resolvi dar uma volta pela cidade. Comprei um sanduíche numa lanchonete, e um copo de chá gelado e descia a rua quando vi um grande letreiro na frente de um hotel que dizia: “Bem-vindo ao Torneio de Xadrez dos Grão-Mestres.”

Isso despertou minha curiosidade, por causa daquele xadrez todo que eu tinha jogado na selva com o Grande Sam. E assim, fui até o hotel. Jogavam no salão de baile e tinha um montão de gente vendo, mas um cartaz dizia: “Inscrição: 5 dólares.” Eu não queria gastar dinheiro, mas olhei um pouco pela porta e, aí, entrei e sentei no saguão sozinho.

Na minha frente, tinha uma cadeira com um velho sentado nela. Ele era todo encarquilhado e tinha cara de mal-humorado. Usava um terno preto com polainas e gravata-borboleta e tinha botado um tabuleiro de xadrez na mesa em frente.

Enquanto fiquei sentado ali, ele mexia de vez em quando numa das peças e comecei a perceber que tava jogando sozinho. Calculei que ainda faltasse uma ou duas horas pro ônibus partir, daí

perguntei pra ele se queria jogar com alguém. Ele apenas olhou pra mim e depois pro tabuleiro e não disse nada.

Um pouco depois, o cara ficou estudando o tabuleiro por mais de meia hora e, aí, moveu o bispo branco por cima do quadrado preto sete, e já tava tirando a mão quando eu disse “com licença”.

O sujeito deu um pulo como se tivesse sentado num prego, e me encarou por cima da mesa.

— Com esse movimento — eu disse —, vai se expor a perder o cavalo e, depois, a rainha, e ficar numa enrascada.

Ele olhou pro tabuleiro, sem tirar a mão do bispo e, aí, trouxe ele de volta e disse: — É possível que tenha razão.

Bem, ele voltou a ficar estudando o tabuleiro e eu pensei que já tava na hora de voltar pro ônibus, mas quando ia me levantar, o homem disse: — Desculpe, mas sua observação foi muito astuta.

Balancei a cabeça e ele disse: — Ouça, é claro que você já jogou, por que não se senta e termina esta partida comigo?

— Não posso — eu disse, porque tinha de pegar o ônibus. Aí, ele apenas balançou a cabeça, fez uma ligeira saudação com a mão, e eu fui pra estação.

Quando cheguei lá, a droga do ônibus já tinha ido e só ia ter outro no dia seguinte. Eu não conseguia mesmo fazer nada direito. Bem, tinha de matar o tempo, daí voltei pro hotel e lá tava o homenzinho que continuava a jogar contra ele mesmo e parecia tá ganhando. Fui até ele e ele olhou pra cima e fez um gesto pra eu sentar. A situação que eu peguei era desanimadora — sem metade dos peões, só um bispo, nenhuma torre e a rainha tava pra ser capturada.

Precisei de mais de uma hora pra conseguir igualar minha posição, e o velho resmungava e abanava a cabeça toda vez que eu melhorava a situação. Finalmente, tentei um gambito na frente dele. Ele aceitou e depois de três movimentos pus ele em xeque.

— Estou perdido — ele disse. — Afinal, quem é você?

Falei meu nome e ele disse: — Não, eu quero dizer onde já jogou? Não estou reconhecendo você.

Quando contei que tinha aprendido na Nova Guiné, ele disse: — Deus do céu! Está dizendo que nunca participou de uma competição regional?

Abanei a cabeça e ele disse: — Bem, não sei se você sabe, mas fui o primeiro grão-mestre internacional, e você acaba de participar de um jogo impossível de ganhar e me aniquilou!

Perguntei por que não tava jogando no salão com os outros e ele disse: — Oh, joguei mais cedo. Estou com quase oitenta anos e há uma espécie de torneio dos mais velhos. A verdadeira glória agora é dos jovens. Seu raciocínio é mais afiado.— Balancei a cabeça, agradei o jogo, me levantei pra ir embora, mas ele disse: — Você já jantou?

Falei que tinha comido um sanduíche há algumas horas e ele disse: — Que tal deixar eu oferecer um jantar? Afinal, me proporcionou um jogo soberbo.

Eu disse que tudo bem e fomos pra sala de jantar do hotel. Era um homem simpático. Seu nome era sr. Tribble.

— Olha — o sr. Tribble disse enquanto a gente jantava —, tenho de jogar mais algumas partidas com você para ter certeza, mas, a menos que o jogo de hoje tenha sido um incrível golpe de sorte, você é provavelmente um dos talentos desconhecidos mais brilhantes do xadrez. Gostaria de patrocinar um ou dois torneios pra você e ver o que acontece.

Contei pra ele que tava voltando pra casa e queria começar o negócio de camarões e tudo, mas ele disse: — Bem, esta pode ser a oportunidade de sua vida, Forrest. Pode ganhar muito dinheiro com este jogo, sabe? — Falou que refletisse sobre isso naquela noite e desse a resposta de manhã. Aí, eu e o sr. Tribble apertamos as mãos e fui embora.

Andei um pouco pela cidade, mas não tinha muito o que ver em Nashville, e acabei sentando num banco no parque. Fiquei pensando — o que não era lá muito fácil pra mim — e vendo o que

ia fazer agora. A maior parte do tempo tava com a cabeça em Jenny e onde ela estaria. Tinha dito pra não procurar ela nem nada, mas em algum lugar, lá no fundo de mim mesmo, eu sentia que ela não tinha me esquecido. Realmente fiz papel de bobo em Indianápolis, e sabia disso. Acho que porque não tinha tentado fazer a coisa certa. E agora, não tinha certeza do que era a coisa certa. Quer dizer, ali tava eu, sem dinheiro quase nenhum, e precisava de algum pra começar o negócio dos camarões e o sr. Tribble tinha dito que eu podia ganhar uma boa nota no circuito de xadrez. Mas parecia que sempre que eu fazia alguma coisa além de voltar pra casa e começar o negócio de camarões, eu me metia em confusão. Daí que lá tava eu de novo pensando no que devia fazer.

Não levei muito tempo pensando, porque logo apareceu um policial que perguntou o que eu tava fazendo.

Respondi que só tava ali sentado pensando, e ele disse que não era permitido ficar sentado e pensando no parque à noite e pra eu ir andando. Desci a rua e o policial me seguiu. Não sabia pra onde ir e, aí, depois de algum tempo, vi um beco e fui até lá e achei um lugar pra sentar e descansar os pés. Não passou nem um minuto e o mesmo policial passou e me viu.

— Muito bem — ele disse —, saia daí. — Quando fui pra rua, ele disse: — O que estava fazendo ali?

Eu disse: — Nada. — e ele disse: — Foi exatamente o que pensei. Está preso por vadiagem.

Bem, ele me levou e me botou em cana. De manhã, disseram que eu podia dar um telefonema, se quisesse. Claro que eu não tinha ninguém pra quem ligar a não ser o sr. Tribble, por isso foi o que fiz. Mais ou menos meia hora depois, ele apareceu na delegacia e me tirou da cadeia.

Aí, ele me ofereceu um grande café da manhã no hotel e disse: — Ouça, por que não me deixa inscrever você no campeonato da próxima semana em Los Angeles? O primeiro prêmio é de dez mil dólares. Pagarei todas as despesas e a gente divide o dinheiro que ganhar. Está me parecendo que precisa de

algum tipo de patrocínio e, para ser franco, eu sentiria um imenso prazer em fazer isso. Serei seu treinador e conselheiro. O que acha?

Eu não tinha muita certeza, mas achei que não ia fazer mal nenhum tentar. E daí eu disse que faria isso por enquanto, até ter o dinheiro suficiente pros camarões. E eu e o sr. Tribble apertamos as mãos e viramos sócios.

Los Angeles era bárbaro. Chegamos uma semana antes e o sr. Tribble passava quase o dia todo me treinando e me preparando, mas, pouco tempo depois, ele simplesmente abanou a cabeça e disse que não tinha sentido me ensinar porque eu já sabia “todos os movimentos do livro”. Aí, o que fizemos foi sair pela cidade.

O sr. Tribble me levou pra Disneylândia e fizemos alguns passeios. Ele conseguiu que a gente fizesse o tour pelo estúdio de cinema. Tinha todo tipo de filme sendo filmado e as pessoas ficavam correndo de um lado pro outro e gritando tomada um, corta, ação, e merdas assim. Um dos filmes era um faroeste e vi um cara se jogar da janela de vidro umas dez vezes, até ele fazer direito.

Bem, mas só sei que a gente tava lá, assistindo aquilo tudo, quando um sujeito veio e disse: — Desculpe, é ator?

Eu disse: — Hã? — E o sr. Tribble disse: — Não. Somos jogadores de xadrez.

E o sujeito disse: — Bem, é uma pena, porque este rapaz parece ideal para um papel no filme que estou fazendo. — E aí ele virou pra mim, sentiu meu braço e disse:

— Nossa! Você é um cara muito forte. Tem certeza de que não atua?

— Representei uma vez — eu disse.

— Verdade? — o cara disse. — Em quê?

— Em *Rei Lear*.

— Maravilha, garoto — ele disse —, é simplesmente maravilhoso.

Tem a carteira da AAC?

— O quê?

— Associação dos Atores de Cinema. Oh, não importa — ele disse.

— Ouça, baby, a gente pode conseguir isso, não tem problema. O que quero saber é: onde estava se escondendo? Quer dizer, olha só pra você! Um tipo perfeito, grande, forte, calado, um novo John Wayne.

— Ele não é John Wayne nenhum — o sr. Tribble disse irritado.

— Ele é um jogador de xadrez de categoria mundial.

— Bem, tanto melhor — o cara disse. — Um tipo *inteligente*, grande, forte, calado. É muito raro.

— Não sou tão inteligente quanto pareço — eu disse, tentando ser franco.

Mas, de qualquer jeito, essa questão não interessava ao cara, pois atores não são tidos como inteligentes *ou* francos, nem nada dessas coisas. Só precisam subir ali e dizer as falas.

— Meu nome é Felder — ele disse — e faço filmes. Quero que faça um teste.

— Ele tem de jogar num torneio de xadrez amanhã — o sr. Tribble disse. — Não tem tempo para atuar e nem fazer testes.

— Bem, podia dar um jeitinho, não? Afinal, talvez seja a oportunidade que estava procurando. Por que não vem junto, Tribble? Faremos um teste com você também.

— Podemos tentar — o sr. Tribble disse. — Agora, vamos, Forrest, temos o que fazer.

— Vejo você depois, baby — o sr. Felder disse. — Não esqueça. E fomos embora.

22

O torneio de xadrez ia ser na manhã seguinte no Hotel Beverly Hills. Eu e o sr. Tribble chegamos cedo e ele me inscreveu pra todos os jogos daquele dia.

Basicamente, não foi muito difícil. Levei uns sete minutos pra vencer o primeiro cara, que era um mestre regional e professor de não sei que colégio, o que, lá no fundo, me fez sentir bem. Afinal eu tinha ganhado de um professor.

O próximo foi um garoto de mais ou menos dezessete anos, e venci ele em menos de meia hora. Ele teve um acesso de fúria e, aí, começou a berrar e chorar e a mãe dele teve de arrastar ele pra fora dali.

Joguei com tudo que é tipo de gente, nesse dia e no outro, mas venci todos muito rápido, o que era um alívio, já que quando jogava com o Grande Sam eu tinha de ficar sentado e não podia nem me levantar pra ir ao banheiro nem nada, porque se me levantasse, ele ia mover as peças pra me passar a perna.

Bem, só sei que a essa altura eu tava nas finais e que tinha um dia de descanso entre os jogos. Voltei pro hotel com o sr. Tribble e encontramos um recado do sr. Felder, o cara do cinema. Dizia o seguinte: “Por favor, ligue para meu escritório esta tarde e se prepare para fazer o teste amanhã de manhã.” E dava um número de telefone.

— Bem, Forrest — o sr. Tribble disse —, não sei o que pensar disso. O que acha?

— Também não sei — eu disse.

Mas pra falar a verdade, era meio emocionante a idéia de estar no cinema. Talvez até mesmo pudesse conhecer a Raquel Welch ou sei lá mais quem.

— Não acho que isso vá fazer algum mal — o sr. Tribble disse. — Acho que devemos ligar e marcar uma entrevista. — Assim, ele ligou pro escritório do sr. Felder e soube quando e onde a gente devia ir e, de repente, ele tampou o fone, e falou pra mim: — Forrest, sabe nadar? — E eu disse: — É, sei. — E ele disse no telefone: — Sim, nada.

Depois que desligou, perguntei por que queriam saber se eu sabia nadar e o sr. Tribble disse que não sabia, mas que a gente com certeza ia descobrir quando chegasse lá.

O estúdio pra onde a gente foi era outro, e encontramos um guarda no portão que nos levou pra onde se fazia o teste. O sr. Felder tava lá, discutindo com uma mulher que parecia mesmo com a Raquel Welch, mas quando ele me viu, virou um sorriso só.

— Ah, Forrest — ele disse —, que bárbaro que veio. Bem, quero que vá por aquela porta para se maquiagem e vestir e, quando tiverem terminado, mandarão você de volta pra cá.

Aí, eu fui e lá tinha duas mulheres e uma delas disse: “OK, tire a roupa”. — Lá ia eu de novo, mas fiz o que mandaram. Quando terminei, a outra mulher me deu aquela massa grande de roupas que pareciam de borracha, com escamas e merdas assim, e pés e mãos palmados, engraçados. Elas mandaram eu vestir e foi preciso nós três pra conseguir me enfiar dentro daquilo, mas, depois de quase uma hora, conseguimos. Aí, apontaram pra onde ficava a Maquiagem e lá mandaram eu sentar numa cadeira e uma mulher e um cara começaram a enfiar com força uma máscara de borracha na minha cabeça e a prender ela na roupa e pintaram as partes que não tavam cobertas. Quando terminaram, disseram pra eu voltar pro local da filmagem.

Mal conseguia andar por causa dos pés palmados e foi difícil abrir a porta com a mão palmada, mas finalmente consegui e, de repente, me vi num lugar ao ar livre, com uma lagoa grande e

tudo que é tipo de bananeiras e aquelas coisas todas tropicais. O sr. Felder tava lá e

quando me viu deu um pulo pra trás e disse: — Fenomenal, baby! Você é perfeito pro papel!

— Qual o papel? — eu perguntei, e ele disse: — Oh, não lhe disseram? Vou refilmar *O monstro da Lagoa Negra*. — Até mesmo um idiota como eu podia adivinhar o papel que ele queria que eu interpretasse.

O sr. Felder fez um sinal pra mulher com quem tava discutindo se aproximar. — Forrest — ele disse —, quero que conheça a Raquel Welch.

Bem, fiquei completamente zozzo! Ali tava ela, num vestido decotado e tudo. — Muito prazer — eu disse através da máscara, mas Raquel Welch virou pro sr. Felder e parecia estar furiosa.

— O que ele disse? Foi alguma coisa sobre muito peito, não foi?

— Não, baby, não — o sr. Felder disse. — Ele só disse que estava feliz em conhecê-la. Não dá para ouvir muito bem por causa da máscara.

Tirei uma das mãos palmadas pra apertar a mão dela, mas ela deu um pulo pra trás e disse: — Arggh! Vamos terminar com essa droga logo.

Bem, de qualquer jeito, o sr. Felder disse que o negócio era o seguinte: Raquel Welch se debatia na água e, aí, desmaiava e eu aparecia por debaixo dela e pegava e carregava ela pra fora d'água. Mas quando ela acordava, me via, se assustava e começava a gritar: — Me bota no chão! Socorro! Estupro! — e todas essas merdas.

Mas o sr. Felder disse pra eu não botar ela no chão, porque tinha uns bandidos atrás da gente; eu devia carregar ela pra dentro da selva.

Bem, tentamos fazer a cena e na primeira vez eu achei que tinha ficado bom e foi realmente excitante segurar Raquel Welch

nos braços, apesar dela tá gritando: Me bota no chão! Socorro, polícia! e assim por diante.

Mas o sr. Felder disse que ainda não tava bom e pra gente repetir. E não ficou bom de novo, daí que repetimos a cena umas dez ou quinze vezes. Nos intervalos, Raquel Welch reclamava irritada e xingava o sr. Felder, mas ele só ficava dizendo: — Lindo, baby, lindo! — e coisas assim.

Mas eu tava começando a ter um problema. Como tava com aquela roupa de monstro há quase cinco horas, e não tinha fecho eclar nem nada pra abrir e mijar, eu tava pra explodir, mas não queria dizer nada a ninguém, porque era um filme de verdade e tudo isso, e eu não queria irritar eles.

Mas eu tinha de fazer *alguma* coisa, e aí eu decidi que na próxima vez que entrasse n'água, ia mijar de roupa mesmo, e o xixi ia escorrer pela minha perna pra dentro da lagoa. Bem, aí o sr. Felder disse: — Ação! — E eu entrei n'água e comecei a mijar. Raquel Welch tava se debatendo e, aí, ela desmaiou e eu mergulhei e peguei e levei pra margem.

Ela acordou e começou a me bater e a berrar: — Socorro! Assassino! Me larga! — e tudo mais, quando de repente, ela parou e disse: — Que cheiro é esse?

O sr. Felder gritou: — Corta! — se levantou e disse: — O que é isso, baby? Isso não está no roteiro.

E a Raquel Welch disse: — Que o roteiro vá a merda! Tem alguma coisa fedendo! — Aí ela olhou pra mim e disse: — Ei, você, seja lá quem for, você fez xixi?

Fiquei com tanta vergonha que não sabia o que fazer. Apenas fiquei ali, parado por um instante, com ela no colo e aí abanei a cabeça e disse: — ã-ãh.

Foi a primeira mentira que eu disse na vida.

— Bem, com certeza alguém fez — ela disse —, pois conheço o cheiro de xixi! E não fui eu! Então, só pode ter sido você! Como ousa mijar em mim, seu grande imbecil! — Aí, ela começou a bater em mim com os punhos e a gritar — Me bota no chão! Fique longe de mim! — e todas essas coisas, mas quando

percebi que ia ter que repetir a cena toda outra vez, levei ela pra selva.

O sr. Felder gritou: — *Ação!* — As câmeras recomeçaram a filmar mais uma vez e a Raquel Welch me batia, me arranhava e gritava como nunca tinha feito. O sr. Felder tava lá atrás gritando: — Isso, baby, isso mesmo! Fantástico! Continue! — Também dava pra ver o sr. Tribble lá atrás, numa cadeira, como que abanando a cabeça e virando a cara.

Bem, quando tinha entrado um pouco na selva, parei e me virei pra ver se o sr. Felder gritava — *Corta!* —, como tinha feito até agora, mas ele tava pulando em volta como um selvagem, fazendo sinal pra gente continuar e gritando: — Perfeito, baby! É exatamente isso que quero! Carregue ela pra selva!

A Raquel Welch continuava a me arranhar e a me bater gritando:

— Fique longe de mim, seu animal vulgar! — e coisas desse tipo, mas eu continuei fazendo o que mandaram.

De repente, ela gritou: — Oh, meu Deus! Minha roupa!

Eu ainda não tinha notado, mas quando olhei pra baixo, que um raio me parta se a roupa dela não tinha ficado presa em algum arbusto e saído toda. Raquel Welch tava nua em pêlo nos meus braços!

Eu parei e disse: — Uh, oh — e ia me virar pra levar ela de volta, mas ela começou a gritar: — Não, não! Idiota! Não posso voltar lá assim!

Perguntei o que queria que eu fizesse e ela disse que a gente tinha de achar um lugar pra se esconder até ela saber o que fazer. E daí que eu tava entrando cada vez mais na selva quando, de repente, saído sei lá de onde, apareceu um objeto grande pelas árvores, balançando na nossa direção num cipó. O objeto passou pela gente uma vez e vi que era algum tipo de macaco, e aí então ele balançou de volta e largou o cipó no nosso pé. Quase caí durinho. Era Sue em pessoa!

A Raquel Welch começou a berrar de novo e Sue tinha me agarrado em volta das pernas e me abraçava. Não sei como me reconheceu naquela roupa de monstro. Talvez, acho, tenha sentido meu cheiro ou coisa assim. Bem, mas só sei que a Raquel Welch disse:

— Conhece esse babuíno?

— Ele não é nenhum babuíno — eu disse. — É um orangotango. Seu nome é Sue.

Ela olhou pra mim de modo estranho e disse:

— Se é macho como pode se chamar Sue?

— É uma longa história — eu disse.

Bem, só sei que a Raquel Welch tentava se cobrir com as mãos, mas Sue sabia o que fazer. Ele pegou umas folhas grandes de uma das bananeiras e deu pra ela que se cobriu, pelo menos, em parte.

Mais tarde fiquei sabendo que a gente tinha atravessado nossa locação na selva e passado pra outra locação, onde tavam fazendo um filme de Tarzã e Sue trabalhava como figurante. Pouco depois de eu ter sido salvo dos pigmeus, na Nova Guiné, caçadores brancos tinham capturado Sue e despachado ele pra algum amestrador em Los Angeles. Desde então, usavam ele em filmes.

Mas de qualquer jeito, a gente não teve tempo de bater papo porque a Raquel Welch começou a gritar e a xingar de novo: — Tem de me levar pra algum lugar onde eu arranje umas roupas! — Bem, eu não sabia onde conseguir roupas na selva, mesmo sendo um *cenário* de filme, por isso segui em frente, torcendo pra que algo acontecesse.

Aconteceu. De repente, demos com uma grande cerca e achei que do outro lado provavelmente teria onde arrumar umas

roupas pra ela. Sue viu uma tábua solta na cerca e levantou ela e deu pra gente atravessar. Mas assim que botei o pé do lado de lá, como não tinha onde pisar, eu e a Raquel desmoronamos de ponta-cabeça pela colina abaixo. Rolamos até o pé da colina e quando olhei em volta, não é que a gente tinha caído direto no acostamento de uma estrada?

— Oh, meu Deus! — Raquel Welch gritou. — Estamos na auto- estrada de Santa Mônica! Olhei pra cima, e lá vinha Sue, descendo a encosta. Finalmente chegou onde a gente tava e nós três ficamos ali. Raquel Welch mexia com as folhas de bananeira pra cima e pra baixo, tentando se cobrir.

— O que vamos fazer? — perguntei. Os carros passavam zunindo, e a gente devia parecer esquisito, mas apesar disso ninguém prestava a menor atenção.

— Você tem de me levar pra algum lugar! — ela berrou. — Tenho de conseguir uma roupa!

— Pra onde? — eu disse.— Pra qualquer lugar! — ela gritou

E então começamos a descer a auto-estrada de Santa Mônica. Depois de algum tempo, a uma certa distância, vimos um grande letreiro, lá em cima da colina, onde tava escrito “HOLLYWOOD” e Raquel Welch disse: — Temos de sair desta maldita estrada e pegar a Rodeo Drive, onde vou poder comprar uma roupa. — Ela tava muito ocupada tentando se cobrir. Toda vez que vinha um carro na nossa direção, ela botava a folha de bananeira na frente e quando vinha de trás, ela passava a folha pra trás, pra cobrir a bunda. Quando vinha carro nas duas direções ao mesmo tempo, era espetacular — parecia uma daquelas danças de leques, ou coisa parecida.

Aí, saímos da auto-estrada e fomos prum grande campo. — Esse macaco vai ter de ficar seguindo a gente? — Raquel Welch disse. — Já parecemos ridículos o bastante sem ele! — Eu não disse nada, mas olhei pra trás e Sue parecia magoado. Ele também nunca tinha visto Raquel Welch antes e acho que seus sentimentos tavam feridos.

Bem, mas só sei que continuamos a andar e ninguém ainda tinha prestado atenção na gente. Finalmente chegamos numa rua movimentada e a Raquel Welch disse: — Meu Deus Todo-Poderoso, é Sunset Boulevard! Como vou explicar estar nua em Sunset Boulevard em plena luz do dia?! — Nisso, dava pra entender ela. De certa forma, eu tava feliz por tá vestido de monstro e assim não ser reconhecido por ninguém, mesmo tando com a Raquel Welch.

Chegamos num sinal e quando ficou verde, nós três atravessamos a rua — Raquel Welch fazendo sua dança dos leques de modo desesperado e sorrindo pras pessoas como se tivesse num palco. — Fui totalmente humilhada! — sibilava pra mim bem baixinho. — Fui ultrajada! Espera só até a gente sair dessa! Vou acabar com você, idiota miserável!

Algumas das pessoas que esperavam nos carros o sinal de abrir começaram a buzinar e a acenar, porque deviam ter reconhecido a Raquel Welch, e quando chegamos no outro lado da rua, viraram na nossa direção e começaram a seguir a gente. Quando chegamos no Wilshire Boulevard a gente tinha atraído uma multidão considerável; as pessoas saíam das casas e das lojas e davam de seguir a gente — parecia o Pied Piper, ou alguém parecido — e a cara da Raquel Welch tava vermelha que nem um pimentão.

— Nunca mais vai conseguir trabalhar nesta cidade! — ela disse pra mim, dando um sorriso pra multidão, mas com os dentes trincados.

Seguimos em frente mais um pouco e, aí, ela disse: — Ah, finalmente, Rodeo Drive. — Olhei pra esquina e realmente vi uma loja de roupas femininas. Dei um tapinha no ombro dela e apontei a loja, mas a Raquel Welch disse: — Arggh!, essa é a Popagallo. Ninguém atualmente ia querer ser visto usando uma roupa da Popagallo.

Daí que andamos um pouco mais e, então, ela disse: — Ali está a Giani's. Eles têm algumas coisas bem bonitas. — E então entramos.

Tinha um vendedor na porta com um pequeno bigode e um terno branco, com um lenço sobressaindo do bolso do paletó, e que olhou pra gente com atenção quando atravessamos a porta.

— Posso ajudá-la, senhora? — perguntou.

— Quero um vestido — a Raquel Welch disse.

— Como gostaria? — disse o cara.

— Qualquer coisa, boboca, não vê o que está acontecendo?

Bem, o vendedor apontou prumas prateleiras e disse que devia ter alguma coisa ali no tamanho dela, e Raquel foi até lá e começou a ver os vestidos.

— E os senhores, em que posso servi-los? — o sujeito falou pra mim e pro Sue.

— Só estamos com ela — disse.

Olhei pra trás e a multidão tava amontoada lá fora, com o nariz achatado na vitrine.

Raquel Welch levou uns oito ou nove vestidos pra cabine e experimentou todos. Depois de algum tempo, ela saiu e disse: — O que acha deste? — Era um vestido meio marrom com uma porção de faixas

e laços e bem decotado.

— Não sei, querida — disse o vendedor —, não me parece muito você. — Aí ela voltou e experimentou um outro e o vendedor disse:

— Oh, maravilhoso! Está maravilhosa!

— Fico com ele — disse Raquel Welch.

— Ótimo. Como prefere pagar? — o vendedor disse.

— O que quer dizer? — ela perguntou.

— Bem, em dinheiro, cheque ou cartão? — ele disse.

— Olha aqui, seu palerma, não vê que não tenho nada disso aqui comigo? Onde acha que eu *colocaria*?

— Por favor, senhora, não sejamos vulgares — o vendedor disse.

— Sou Raquel Welch — ela disse pro homem. — Mandarei alguém com o dinheiro mais tarde.

— Lamento muito — ele disse —, mas não trabalhamos assim.

— Mas eu sou *Raquel Welch!* — ela gritou. — Não está me reconhecendo?

— Ouça, senhora — o homem disse —, a metade das pessoas que vêm aqui diz ser Raquel Welch ou Farrah Fawcett ou Sophia Loren, ou sei lá mais quem. Tem a identidade?

— Identidade! — ela gritou. — Onde acha que eu guardaria a identidade?

— Sem identidade, sem cartão de crédito, sem dinheiro... nada de vestido — o vendedor disse.

— Vou provar quem diabos eu sou! — a Raquel Welch disse e, de repente, puxou pra baixo a parte de cima do vestido. — Quem ia ter uns peitos como estes nesta cidadezinha mixuruca? — ela gritou.

Lá fora, a multidão toda batia na vitrine, gritava e aplaudia. Mas o vendedor apertou um pequeno botão e um cara grandão, que era o segurança, veio e disse: — OK, babacas, estão todos presos. Venham quietinhos e não vai ter problemas.

23

Ali tava eu de novo, na cadeia.

Depois que o segurança tinha apanhado a gente no Giani's, dois carregamentos de policiais vieram gritando, e um tira disse pro vendedor:

— Bem, o que temos aqui?

— Esta aí diz que é Raquel Welch — o vendedor disse. — Chegou aqui vestida de folhas de bananeira e não queria pagar o vestido. Não sei sobre esses dois, mas me parecem bem suspeitos.

— Eu *sou* Raquel Welch! — ela gritou.

— Claro, senhora — o tira disse. — E eu sou Clint Eastwood. Por que não vai com esses dois rapazes simpáticos? — e apontou pra dois tiras.

— E agora — disse o policial olhando pra mim e Sue —, qual é a história de vocês?

— A gente tava num filme — eu disse.

— Por isso está usando essa roupa de monstro? — perguntou.

— Sim, é — eu disse.

— E ele? — falou apontando pro Sue. — Esta é uma fantasia muito realista, se posso dizer assim.

— Não é fantasia — eu disse. — Ele é um orangotango sangue-puro.

— É mesmo? — o tira disse. — Bem, vou dizer uma coisa. Tem um cara lá na delegacia que também faz filmes e que adoraria fazer algumas tomadas de vocês, palhaços. Por isso, venham também e não façam nenhum movimento suspeito.

Só sei que o sr. Tribble teve de ir novamente pagar minha fiança. E o sr. Felder apareceu com um pelotão inteiro de advogados pra soltar a Raquel Welch, que, a essa altura, tava histérica.

— Não perde por esperar! — ela gritou pra mim e soltaram ela. — Quando isso acabar, não vai conseguir trabalho nem como um mísero carregador de lanças!

Quanto a isso, provavelmente, ela tava certa. Minha carreira no cinema parecia ter chegado ao fim.

— É a vida, baby, mas qualquer dia desses eu te chamo pra almoçar — o sr. Felder disse pra mim, quando tava saindo. — Mandaremos alguém buscar a roupa de monstro.

— Vamos — o sr. Tribble disse —, você e eu temos outras coisas pra fazer.

De volta ao hotel, o sr. Tribble, eu e Sue tivemos uma reunião no quarto. O sr. Tribble disse: — Quer dizer, parece que vamos ter de dar um sumiço nele pela escada ou algo assim. É muito difícil viajar com um orangotango. Temos de encarar os fatos.

Eu disse pra ele como me sentia em relação a Sue, como ele tinha salvado minha pele mais de uma vez na selva e tudo mais.

— Bem, acho que entendo seus sentimentos — ele disse — e estou disposto a dar uma chance. Mas ele vai ter de se comportar direito, senão teremos problemas.

— Ele vai se comportar — eu disse e Sue balançava a cabeça e ria como um macaco.

Bem, só sei que no dia seguinte era a grande partida de xadrez entre mim e o Grão-Mestre Internacional Ivan Petrokivitch, também conhecido como Honesto Ivan. O sr. Tribble me levou numa loja de roupas e alugou um *smoking* pra mim, porque ia ser uma coisa muito badalada e cheia de nove-horas. Além disso, o vencedor ia ganhar dez mil dólares e metade disso já me bastava pra começar o negócio de camarão, por isso eu não podia cometer nenhum erro.

Bem, chegamos no salão onde o jogo ia acontecer e tinha mais ou menos oito mil pessoas circulando em volta. O Honesto Ivan já tava sentado na mesa e olhava pra mim de modo penetrante, como se fosse Muhammad Ali ou alguém parecido.

O Honesto Ivan era um russo grande, de testa larga, igualzinha à do monstro Frankenstein e cabelo comprido, anelado e preto, como o de um violinista. Quando eu me sentei, ele resmungou alguma coisa e, aí, outro cara disse: — Vamos começar a partida. — E assim foi.

O Honesto Ivan ficou com as peças brancas e tinha de fazer o primeiro movimento, iniciando com uma coisa chamada de Abertura Ponziani.

Fiz o movimento seguinte, usando a Abertura Reti, e as coisas seguiam tranqüilas. Cada um fez mais uns dois movimentos e, aí, o Honesto Ivan tentou algo conhecido como Gambito Falkbeer movendo o cavalo pra ver se capturava minha torre.

Mas eu percebi e fiz o que se chama de Ardil em Arca de Noé, e capturei seu cavalo. O Honesto Ivan não pareceu muito satisfeito com isso, mas não se perturbou e empregou a Ameaça Tarrasch pra ameaçar meu bispo.

Eu tinha de evitar isso e usei a Defesa Indiana da Rainha, o que forçou ele a usar a Variação Schevenigen, que me levou a utilizar o Benoni Counter.

O Honesto Ivan parecia um pouco frustrado e contorcia os dedos, mordida o lábio inferior e, então, tentou um movimento desesperado — o Ataque do Fígado Frito, ao qual apliquei a Defesa de Alekhine e deixei ele sem ação.

Por um instante parecia que ia dar empate, mas o Honesto Ivan aplicou a Manobra Hoffman e abriu! Olhei pro sr. Tribble e ele deu um meio sorriso e fez com a boca a palavra *agora*, e entendi o que queria dizer.

Bem, tinha alguns golpes que o Grande Sam tinha me ensinado e que não tavam no livro e agora era a hora de usar eles, isto é, a Variação da Panela do Gambito do Coco, na qual eu usava a rainha como isca e obrigava aquele patife a arriscar seu cavalo pra capturar ela.

Infelizmente, não funcionou. O Honesto Ivan deve ter percebido o que tava pra acontecer e pegou minha rainha e eu fiquei numa enrascada! Aí, realizei uma coisa chamada de Manobra da Choupana, na qual avancei minha última torre pruma posição perigosa, pra enganar ele, mas ele não se deixou enganar. Capturou minha torre e meu outro bispo e tava pronto pra liquidar comigo com o Xeque Petroff, quando arrisquei tudo e apliquei a Ameaça Pigméia.

Bem, a Ameaça Pigméia era uma especialidade do Grande Sam e ele tinha me ensinado ela muito bem. Depende muito da surpresa e de usar as outras peças como iscas, mas quando cai vítima dela, o cara tem mais é que pendurar as chuteiras e ir pra casa. Eu torcia e rezava pra que desse certo, senão eu taria liquidado, pois minhas idéias brilhantes tinham terminado.

Bem, o Honesto Ivan resmungou um pouco e pegou seu cavalo pra mover pro quadro oito, o que significava que ia cair na Ameaça Pigméia, e em mais dois movimentos eu poria ele em xeque e ele não ia poder fazer mais nada!

Mas o Honesto Ivan deve ter farejado alguma coisa suspeita, porque moveu essa peça do quadro cinco para o quadro oito e de volta, umas dez vezes, sem nunca tirar a mão de cima dela, o que teria concluído a jogada.

As pessoas tavam tão quietas que não se escutava nem uma mosca e eu tava tão nervoso e excitado que tava a ponto de

explodir. Olhei pro sr. Tribble e ele girava os olhos pra cima como se rezasse e um cara que tinha ido com o Honesto Ivan tava carrancudo e parecia pouco cordial. O Honesto Ivan moveu a peça pro quadro oito mais umas duas vezes, mas sempre botando ela de volta no quadro cinco. Finalmente, parecia que ele ia fazer uma coisa diferente, mas, aí, ele levantou a peça mais uma vez e ficou com ela suspensa sobre o quadro oito. Eu tava com a respiração presa e a sala tava num silêncio tumular. O Honesto Ivan continuava com a peça suspensa e meu

coração batia como um tambor, e, de repente, ele olhou direto nos meus olhos — e não sei o que aconteceu de tão nervoso que eu tava —, mas, sem se esperar, soltei um pum extraordinariamente longo que soou como se alguém tivesse rasgando um lençol ao meio!

O Honesto Ivan fez uma cara de surpresa, largou a peça sem mais nem menos e levantou as mãos e disse: — Arggh! — E começou a abanar o ar e a tossir e prender o nariz. Os caras em volta começaram a se afastar e a resmungar e a tirar os lenços dos bolsos e tudo, e eu fiquei tão vermelho que parecia um tomate.

Mas quando tudo voltou ao normal, olhei pro tabuleiro e que eu me dane se o Honesto Ivan não tinha largado a peça bem em cima do quadro oito. Aí, estendi a mão e capturei ela com meu cavalo e, depois, mais dois dos piões dele e a rainha e, finalmente, o rei — xeque-mate! Ganhei o jogo e os dez mil dólares! A Ameaça Pigmeia tinha dado certo.

Durante esse tempo, o Honesto Ivan gritava e protestava e tudo mais, e, junto com o sujeito que tinha ido com ele, registraram uma queixa contra mim.

O cara responsável pelo torneio folheou o livro de regulamentos até chegar onde dizia: — Nenhum jogador pode agir de modo intencional para distrair o adversário durante o jogo.

O sr. Tribble se levantou e disse: — Bem, não acredito que possam provar que meu amigo tenha feito o que fez *intencionalmente*. Foi algo involuntário.

Aí, o diretor do torneio manuseou o livro mais um pouco e chegou aonde dizia: — Nenhum jogador pode se comportar de

maneira rude ou ofensiva com o adversário.

— Ouçam — o sr. Tribble disse —, nunca ouviram falar da necessidade de peidar? Forrest não teve intenção nenhuma ao fazer isso. Estava sentado há muito tempo.

— Não sei — o diretor do torneio disse —, à primeira vista, penso que devo desclassificá-lo.

— Bem, pelo menos não pode lhe dar uma outra chance? — o sr. Tribble perguntou.

O diretor do torneio coçou o queixo por um minuto. — Bem, talvez

— ele disse —, mas vai ter de se conter porque não podemos tolerar esse tipo de coisa, entende?

E assim, parecia que iam permitir que eu terminasse o jogo, mas, de repente, teve uma confusão no fundo da sala, e as mulheres gritavam e berravam, e, aí, olhei pra cima e lá tava Sue, se balançando na minha direção, pendurado num lustre.

Assim que o lustre ficou em cima de mim, Sue se soltou e caiu direto em cima do tabuleiro, espalhando as peças pra tudo que é lado. O Honesto Ivan caiu pra trás numa cadeira e, nisso, rasgou a roupa de uma mulher gorda que parecia a propaganda de uma joalheria. Ela começou a espernear, a gritar e a dar tapas no nariz do diretor do torneio. Sue pulava e matraqueava, e todo mundo entrou em pânico, se empurrando e tropeçando, e gritando pra chamarem a polícia.

O sr. Tribble me pegou pelo braço e disse: — Vamos dar o fora daqui, Forrest. Você já viu demais a polícia desta cidade.

Isso eu não tinha como negar.

Bem, voltamos pro hotel e o sr. Tribble disse que a gente tinha de fazer outra reunião.

— Forrest — ele disse —, não acredito mais que isso possa dar certo. Pode jogar xadrez muito bem, mas as coisas ficaram muito complicadas. Tudo isso que aconteceu hoje à tarde foi... bem, pra não dizer outra coisa... foi bizarro.

Balancei a cabeça e Sue também tava triste.

— Bem, vou fazer o seguinte. Você é um bom garoto, Forrest, e não posso deixá-lo desamparado aqui, na Califórnia. Por isso vou providenciar pra que você e Sue voltem para o Alabama, ou para onde quer que seja sua terra. Sei que precisa de um pequeno empréstimo para começar o negócio dos camarões, e a parte de seus ganhos, depois de eu deduzir as despesas, é de um pouco menos de cinco mil dólares.

O sr. Tribble me deu um envelope e quando olhei dentro, vi um monte de notas de cem dólares.

— Desejo tudo de bom no seu negócio — ele disse.

O sr. Tribble chamou um táxi por telefone e levou a gente pra estação de trem. Também providenciou pra que Sue fosse no vagão de carga num grande engradado e disse que eu podia voltar, visitar ele, e comer e beber água com ele quando quisesse. Trouxeram o engradado, Sue entrou nele, e o levaram.

— Bem, boa sorte, Forrest — o sr. Tribble disse e apertou minha mão. — Este é o meu cartão. Mande notícias e me conte como as coisas vão indo, certo?

Peguei o cartão e apertei a mão dele de novo e fiquei triste de tá partindo porque o sr. Tribble era realmente um homem muito legal, e eu tinha decepcionado ele. Sentei no meu lugar no trem e olhei pela janela, e o sr. Tribble continuava lá, na plataforma. Quando o trem deu a partida, ele levantou a mão e me acenou, se despedindo.

Lá partia eu de novo, e, nessa noite, minha cabeça se encheu de sonhos — com a volta pra casa da minha mãe, com o pobre Bubba, com o negócio do camarão e, é claro, com Jenny

Curran também. Mais do que tudo no mundo, eu queria não ser o maluco que era.

24

Bem, finalmente, voltei pra casa.

O trem entrou na estação de Mobile mais ou menos às três horas da manhã e desembarcaram o engradado com o Sue e ficamos na plataforma. Só tinha alguns caras varrendo o chão e um rapaz cochilando num banco. Então, eu e Sue fomos pro centro da cidade e achamos um lugar pra dormir num prédio abandonado.

Na manhã seguinte, consegui no cais algumas bananas pro Sue e achei um pequeno bar onde comprei um grande café da manhã, com cereais, ovos com bacon, panquecas e tudo, e, aí, percebi que tinha de fazer *alguma* coisa com a gente e fui pra onde o asilo das Irmãs dos Pobres ficava. No caminho, passamos pela minha casa e não tinha restado nada, a não ser um campo de ervas daninhas e um pouco de madeira queimada. Tive um sentimento muito estranho ao ver isso e, aí, seguimos em frente.

Quando cheguei no asilo de pobres, pedi pro Sue esperar no pátio, pra não assustar as freiras e entrei e perguntei pela minha mãe.

A madre superiora foi muito simpática e disse que não sabia onde tava minha mãe. Só sabia que ela tinha fugido com um protestante e que eu devia perguntar pelo parque aonde ela costumava ir à tarde com outras senhoras. Aí, peguei o Sue e fomos pra lá.

Tinha umas senhoras sentadas nos bancos e fui até uma delas e disse quem eu era e ela olhou pro Sue e disse: — Eu já devia ter imaginado.

Mas, aí, ela disse que tinha ouvido falar que mamãe tava trabalhando numa tinturaria, no outro lado da cidade, como passadeira

de calças. Então, eu e Sue fomos procurar ela e quando chegamos lá tava ela, a pobre mamãe, suando sobre uma calça.

Quando me viu, largou tudo e se atirou nos meus braços. Tava chorando e torcendo as mãos e fungando como sempre. Minha boa mãe.

— Oh, Forrest — ela disse —, finalmente veio pra casa. Não passou um dia que eu não pensasse em você e chorava toda noite, desde que você foi embora. — Isso não me surpreendeu e perguntei sobre o protestante.

— Aquele gambá desprezível — mamãe disse. — Eu não devia ter caído nessa e fugido com um protestante. Nem passou um mês e ele me descartou por uma menina de dezesseis anos. Ele tinha quase sessenta. Vou dizer uma coisa, Forrest, os protestantes não têm princípios morais.

Nesse instante, uma voz lá de dentro da tinturaria perguntou: “Gladys, você deixou o ferro sobre alguma calça?”

— Oh, meu Deus! — mamãe gritou e correu lá pra dentro. Logo uma coluna de fumaça escura atravessou a janela e as pessoas dentro da tinturaria gritavam e xingavam e depois só me lembro da mamãe sendo arrastada pra fora por um cara grandão, feio e careca, que gritava e empurrava ela.

— Saia! Saia! — ele gritava. — Isso foi a gota d’água! Foi a última calça que você queimou!

Mamãe tava aos prantos e fui até o cara e disse:

— Acho que é melhor tirar as mãos da minha mãe.

— Quem diabos é você? — ele perguntou.

— Forrest Gump — respondi.

— Pois então, dê o fora daqui você também — ele disse — e leve sua mãe junto, porque ela não trabalha mais aqui!

— É melhor parar de falar assim com a minha mãe — eu disse.

— Mesmo? — ele respondeu. — E o que vai fazer se eu não parar? Aí, eu mostrei pra ele.

Primeiro, agarrei e levantei ele. Depois, carreguei pra onde tavam lavando todas aquelas roupas, uma máquina de lavar enorme que usavam pra colchas e tapetes, abri ela e botei ele dentro, fechei bem a tampa e girei o botão pra “Liga”. A última vez que vi ele, tava entrando no “Enxaguar”.

Mamãe gritava e enxugava os olhos com um lenço. Ela disse:

— Oh, Forrest, agora perdi mesmo o emprego!

— Não se preocupe, mamãe — falei pra ela. — Vai ficar tudo bem, porque tenho um plano.

— Como pode ter um plano, Forrest? — ela disse. — Você é um idiota. Como um pobre idiota pode ter um plano?

— Espere e verá — eu disse.

De qualquer maneira, fiquei feliz por começar com o pé direito no primeiro dia na minha terra.

Saímos de lá e fomos pra pensão em que mamãe vivia. Apresentei ela ao Sue e ela disse que ficava contente por eu finalmente ter *algum* amigo, mesmo sendo um macaco.

Bem, só sei que eu e mamãe jantamos na pensão e ela conseguiu na cozinha uma laranja pro Sue e, depois, eu e Sue fomos pra rodoviária e pegamos um ônibus pra Bayou La Batre, onde moravam os parentes de Bubba. Tão real quanto a chuva, a última imagem que tive da mamãe, quando partimos, foi ela na porta da pensão, enxugando os olhos e soluçando. Mas eu tinha

deixado a metade dos cinco mil dólares pra ajudar ela a pagar o aluguel até eu me estabelecer. Assim, não me senti tão mal.

Só sei que quando o ônibus chegou em Bayou La Batre não tivemos problemas pra achar a casa do Bubba. Era umas oito horas da noite e bati na porta. Pouco depois um homem apareceu e perguntou o que eu queria. Falei pra ele quem eu era e que tinha conhecido o Bubba quando jogava futebol e no Exército, e ele ficou um pouco nervoso, mas me convidou pra entrar. Eu tinha dito pro Sue ficar lá fora, no quintal, e não se mostrar pra eles, já que, provavelmente, nunca teriam visto algo como ele por ali.

Bem, era o pai de Bubba e ele me ofereceu uma taça de sorvete e começou a me fazer uma porção de perguntas. Queria saber sobre Bubba, sobre como ele foi morto e tudo mais. E contei tudo que sabia.

Finalmente, ele disse:

— Tem uma coisa em que tenho pensado nesses anos todos, Forrest. Por que acha que Bubba morreu?

— Porque atiraram nele — eu disse.

— Não foi isso que eu quis dizer — falou. — O que quis dizer foi por quê? Por que a gente estava lá?

Pensei um pouco e disse:

— Bem, a gente tava tentando fazer a coisa certa, acho. A gente apenas fazia o que mandavam.

— Acha que valeu a pena? — ele disse. — O que fizemos? Todos aqueles garotos serem mortos daquela maneira?

— Olha, eu sou apenas um idiota, entende? — eu disse. — Mas se quer realmente minha opinião, acho que foi uma merda.

O pai de Bubba balançou a cabeça.

— É o que acho — ele disse.

Mas aí eu falei pra ele por que tinha ido pra lá. Conteí do plano meu e do Bubba de abrir um negócio de camarões, de como conheci o amarelo quando tava no hospital, e de como ele me mostrou como criar camarão. Ele foi ficando interessado e me fazia uma porção de perguntas quando, de repente, foi um cacarejar danado lá no quintal.

— Tem alguma coisa querendo pegar minhas galinhas! — gritou o pai do Bubba e foi pegar uma arma atrás da porta e saiu pra varanda.

— Tem mais uma coisa que devo contar — eu disse. E falei sobre o Sue estar lá, só que não vimos nem sombra dele.

O pai do Bubba foi pros fundos da casa e pegou uma lanterna e iluminou o quintal e, debaixo de uma grande árvore, vimos um bode dando patadas no chão. Ele iluminou pra cima, na árvore, e lá tava o pobre Sue, num galho, morrendo de medo.

— Esse bode sempre faz isso — disse o pai do Bubba. — Saia daí! — ele gritou e jogou um graveto no bode. Depois que o bode se foi, Sue desceu e deixamos ele do lado da casa.

— O que é essa coisa? — o pai do Bubba perguntou.

— Um orangotango — respondi.

— Parece um gorila, não?

— Um pouco — eu disse —, mas não é.

Bem, só sei que o pai do Bubba disse que a gente podia dormir lá nessa noite e, de manhã, ele ia com a gente procurar um lugar pra começar o negócio. Tinha uma brisa gostosa soprando do igarapé e dava pra ouvir as rãs e os grilos, e até mesmo o barulho de um peixe saltando. Era um lugar bonito e tranqüilo, e decidi nesse momento que, ali, não me meteria em confusão.

Na manhã seguinte, levantamos bem cedinho e o pai do Bubba preparou um grande café da manhã com salsicha feita em casa, ovos frescos, biscoitos e melado. Depois, levou eu e o Sue prum pequeno barco que impeliu, com uma vara, igarapé abaixo. Tava tudo calmo e tinha um pouco de neblina sobre a água. De vez em quando, um pássaro grande levantava vôo do pântano.

— Bem — o pai do Bubba disse —, é aqui que a corrente salgada entra — e apontou prum braço de rio que corria pro pântano. Tem muitos tanques grandes lá, e se eu fosse fazer o que você planejou, esse seria o lugar.

Levou o barco pro charco. — Olha ali — ele disse —, tem um pedaço de terra elevado, e daqui dá pra ver o telhado de um barraco lá em cima.

“Ali, vivia o velho Tom LeFarge, mas ele morreu há uns quatro ou cinco anos e ninguém ocupou a choupana. Se quiser, pode arrumá-la um pouco e ficar lá. Da última vez que passei por ali, tinha uns dois velhos barcos a remos na margem. Provavelmente não valem nada, mas se calafetá-los, devem flutuar.”

Penetramos mais no charco e ele disse: — O velho Tom costumava colocar umas pranchas sobre o pântano até os tanques. Pescava e caçava patos ali. Talvez você pudesse fazer o mesmo.

Bem, vou dizer uma coisa: parecia o ideal. O pai do Bubba disse que o tempo todo os camarões se reproduziam nesses charcos e igarapés e que não teria nenhum problema recolher um monte deles numa rede pra começar o negócio. Outra coisa que ele disse foi que, nessa experiência, um camarão comia forragem, o que era Ótimo já que era barato.

O principal a fazer era bloquear os tanques com redes e ajeitar a pequena cabana pra poder morar nela, comprar algum suprimento, como manteiga de amendoim, geléia e pão, e esse tipo de merda. Aí, a gente ia tá pronto pra começar a criar camarão.

Começamos nesse dia mesmo. O pai do Bubba me levou de volta pra casa, fomos pra cidade e compramos os suprimentos. Disse que a gente podia usar o barco dele até o nosso ficar pronto e eu e Sue passamos nossa primeira noite na cabana. Choveu um pouco e o teto vazou pra danar, mas não me importei. No dia seguinte, consertei.

Levou quase um mês pra eu aprontar as coisas — fazendo a cabana mais bonita, consertando os barcos, colocando as tábuas no pântano, preparando a rede em volta dos tanques. Finalmente, chegou o dia em que a gente tava pronto pra pegar alguns camarões. Eu tinha comprado uma rede pra camarão e eu e o Sue saímos de barco e passamos quase o dia todo arrastando ela por ali. Nessa noite, uns vinte e cinco quilos de camarões caíram na malha e nós jogamos eles dentro dos tanques. Eles estalavam e nadavam em volta, dançavam na superfície da água. Era mesmo um local adorável.

Na manhã seguinte, compramos duzentos e cinquenta quilos de forragem e lançamos cinquenta quilos no tanque pros camarões comerem e na tarde seguinte, tratamos de botar uma rede no outro tanque. Trabalhamos nisso todo o verão, outono, inverno e primavera. A essa altura, a gente tinha quatro tanques funcionando, e tudo parecia perfeito. A noite, eu sentava na varanda da cabana, e tocava gaita. No sábado à noite, ia à cidade e comprava um engradado com seis cervejas e eu e Sue ficávamos bêbados. Finalmente, tinha a sensação de pertencer a um lugar, e fazia um trabalho honesto. Imaginei que quando vendesse a primeira leva de camarões talvez pudesse procurar a Jenny e ver se ela ainda tava com raiva de mim.

25

Era um belo dia de junho quando percebi que tava na hora de fazer a primeira colheita de camarões. Eu e Sue nos levantamos com o sol, descemos até o tanque e arrastamos uma rede até que ela ficou presa em alguma coisa. Sue tentou soltar ela, depois eu tentei, e aí tentamos os dois juntos e, finalmente, vimos que a rede não tava presa — tava simplesmente tão cheia de camarões que a gente não conseguia puxar ela!

A noitinha a gente tinha pego uns cento e cinquenta quilos de camarões, e passamos a noite classificando eles por tamanho. Na manhã seguinte, botamos os camarões nos cestos e levamos pro nosso pequeno barco a remo. Eles pesavam tanto que quase viramos no caminho pra Bayou La Batre.

Lá tinha um frigorífero pra peixes e frutos do mar, e Sue e eu carregamos os camarões do cais até o local da pesagem. Depois de somar e calcular tudo, recebemos um cheque de oitocentos e sessenta e cinco dólares! Foi o primeiro dinheiro honesto que eu tinha ganho desde que tinha tocado gaita na banda The Cracked Eggs.

Todos os dias, por quase duas semanas, Sue e eu recolhemos os camarões e levamos eles pro frigorífero. Quando, finalmente, isso acabou, a gente tinha feito o total de nove mil e setecentos dólares e vinte e seis centavos. O negócio era um sucesso!

Bem, vou dizer uma coisa: foi uma ocasião muito feliz. Levamos um grande cesto de camarões pro pai do Bubba, e ele

ficou realmente feliz e disse que tava orgulhoso de nós e que gostaria que Bubba tivesse ali também. Aí, eu e Sue pegamos um ônibus pra Mobile, pra celebrar.

A primeira coisa que fiz foi ver minha mãe na pensão, e quando contei pra ela sobre o dinheiro e tudo mais, ela de novo ficou aflita. — Oh, Forrest — ela disse —, estou tão orgulhosa de você, se saindo tão bem mesmo sendo um retardado.

Bem, de qualquer modo falei pra mamãe do meu plano de no ano seguinte ter três vezes mais tanques de camarões e de precisar de alguém que ficasse de olho no dinheiro e cuidasse das despesas e tudo mais, e perguntei se ela não queria fazer isso.

— Está dizendo que eu tenho de me mudar pra Bayou La Batre?

— mamãe disse. — Não acontece nada lá. O que eu ia fazer?

— Contar dinheiro — eu disse.

Depois disso, eu e Sue fomos pro centro e oferecemos pra nós mesmos uma grande refeição. Fui até o cais e comprei uma grande penca de bananas pro Sue e, pra mim, o maior bife que pude encontrar, com purê de batatas, ervilhas e tudo que eu tinha direito. Aí, decidi tomar uma cerveja em algum lugar. Assim que chegava num velho boteco escuro, perto do porto, escutei xingamentos e gritos, e mesmo passados tantos anos, reconheci aquela voz. Enfiei a cabeça pela porta, e só podia ser ele — o velho Curtis da Universidade!

Curtis ficou muito feliz por me ver, me chamou de babaca, veado e filho da mãe, e de todas as coisas gentis de que se lembrou. Contou como jogou futebol profissional no Washington Redskins depois que deixou a Universidade, mas teve de renunciar a seus direitos depois de, numa festa, morder a bunda da mulher do dono do time. Jogou nuns dois outros times durante alguns anos, mas, depois disso, conseguiu um emprego no cais, como estivador, o que condizia, segundo ele, com a educação que tinha recebido na Universidade.

Só sei que ele me ofereceu algumas cervejas e que conversamos sobre os velhos tempos. Disse que o Snake tinha jogado como *quarterback* no Green Bay Packers até ser pego bebendo um litro de uma vodca polonesa durante o intervalo do primeiro tempo no jogo com os Minnesota Vikings. Aí, Snake foi jogar no New York Giants até que tentou a jogada Estátua da Liberdade, no terceiro quarto do jogo com o Rams. O técnico do Giants disse que ninguém fazia essa jogada em jogo profissional desde mil novecentos e trinta e um, e que Snake não tinha nada que tentar ela agora. Mas, na verdade, como Curtis disse, não tinha jogada Estátua da Liberdade nenhuma. Segundo ele, Snake tava tão desligado e drogado que quando correu pra fazer um arremesso, se esqueceu completamente de lançar a bola, e o ponta esquerda percebeu o que tava acontecendo, correu atrás dele e tirou a bola. Bem, mas o Curtis disse que agora o Snake era o técnico assistente de um time mirim em algum lugar da Georgia.

Depois de algumas cervejas, tive uma idéia e contei pro Curtis.

— O que acha de trabalhar pra mim? — perguntei.

Curtis praguejou e berrou, mas depois de um ou dois minutos, imaginei que tivesse tentando me perguntar o que eu queria que ele fizesse, e aí contei sobre os camarões e que a gente queria expandir o negócio. Ele praguejou e berrou mais um pouco, mas o ponto central do que dizia era “sim”.

Assim, nesse verão, outono e primavera trabalhamos duro, eu, Sue, mãe e Curtis — também dei um emprego pro pai do Bubba. Nesse ano, a gente ganhou quase trinta mil dólares, e o negócio crescia cada vez mais. As coisas não podiam tá melhor. Mãe quase não chorava mais, e, um dia, a gente viu o Curtis sorrir, se bem que parou e recomeçou a praguejar assim que notou

que a gente tava olhando. Mas, pra mim, nem tudo era tão bom, pois eu pensava muito na Jenny e no que teria acontecido com ela.

Certo dia, resolvi fazer alguma coisa em relação a isso. Era um domingo e me vesti e peguei um ônibus pra Mobile, e fui até a casa da mãe de Jenny. Ela tava sentada lá dentro, vendo TV, quando bati na porta.

Quando eu disse quem era, ela disse: — Forrest Gump!
Nem posso acreditar. Entre!

Bem, ficamos um pouco ali e ela perguntou sobre mamãe e sobre o que eu tava fazendo e tudo mais, e, finalmente, perguntei sobre

Jenny.

— Oh, na verdade não tenho recebido muitas notícias ultimamente — a sra. Curran disse. — Acho que estão morando em algum lugar na Carolina do Norte.

— Ela mora com um amigo ou algo assim? — perguntei.

— Oh, você ainda não sabe, Forrest? — ela disse. — Jenny se casou.

— Casou? — eu disse.

— Foi há uns dois anos. Ela vivia em Indiana e foi pra Washington. Só me lembro de ter recebido um cartão-postal dizendo que tinha se casado e que iam morar na Carolina do Norte ou sei lá onde. Quer que diga a ela alguma coisa, se a gente se falar?

— Não — eu disse. — Pode dizer apenas que desejo boa sorte a ela.

— Direi, com certeza — a sra. Curran disse. — Fico feliz por ter vindo me ver.

Não sei, acho que devia tá preparado pra esse tipo de notícia, mas não tava.

Sentia o coração batendo, minhas mãos ficaram frias e úmidas e só consegui pensar em ir pra algum lugar onde me enroscar, como tinha feito quando Bubba foi morto. E foi o que fiz. Descobri uns arbustos nos fundos de um quintal e engatinhei até lá e me enrolei como uma bola. Acho que até mesmo comecei a chupar o dedo, o que não fazia há muito tempo, já que mamãe sempre dizia que era um sinal evidente de que a pessoa era uma idiota, a não ser que fosse bebê. Bem, não sei quanto tempo fiquei ali. Acho que mais de um dia e meio.

Não culpei a Jenny, ela tinha feito o que devia fazer. Afinal, sou um idiota, e apesar de muita gente dizer que casou com um idiota, não têm a menor idéia de como seria se casassem com um de verdade. Acho que de maneira geral eu só tava sentindo pena de mim mesmo porque tinha chegado aonde *acreditava* que Jenny e eu chegaríamos juntos um dia. E por isso quando a mãe dela me disse que ela tinha se casado, foi

como se uma parte minha morresse e nunca mais fosse reviver, pois casar não é como fugir. Casar é um negócio muito sério. Às vezes, durante a noite, eu chorava, mas não adiantava muito.

Já era final de tarde quando engatinhei pra fora do arbusto e voltei pra Bayou La Batre. Não contei pra ninguém o que tinha acontecido, porque achei que não traria nada de bom. Tinha algum trabalho pra fazer em volta dos tanques — emendar redes e coisas assim — e fui pra lá e fiz. Quando terminei, já tava escuro e tomei uma decisão: vou entrar de cabeça no negócio de camarões e trabalhar até me esfolar. É tudo que posso fazer.

E assim foi.

Nesse ano, ganhamos setenta e cinco mil dólares, fora as despesas, e o negócio tava ficando tão grande que precisei contratar mais pessoas pra me ajudar. Uma delas foi Snake, o *quarterback* da

Universidade. Ele não tava muito satisfeito com o trabalho no time mirim de futebol e, aí, pus ele pra trabalhar com o Curtis e serem os responsáveis pela dragagem e escoamento da água. Depois, descobri que o técnico Fellers, do colégio, tinha se aposentado e também dei um emprego pra ele e mais os dois gorilas que também tinham se aposentado, pra trabalharem nos barcos e cais.

Os jornais logo ficaram sabendo o que tava acontecendo e mandaram um repórter pra me entrevistar e fazer uma matéria do tipo “garoto da região se dá bem”. Foi publicada no domingo seguinte, com uma foto minha, da mamãe e de Sue. A manchete dizia: “Comprovado Idiota Encontra seu Futuro em Inusitado Experimento Marinho.”

Só sei que pouco depois mamãe disse que era preciso ter alguém pra ajudar ela na parte da contabilidade e pra orientar financeiramente, pois a gente tava fazendo muito dinheiro. Pensei sobre isso e, aí, decidi entrar em contato com o sr. Tribble, porque ele tinha ganhado um monte de dinheiro em negócios antes de se aposentar. Ficou encantado por eu telefonar, ele disse, e ia pegar o próximo avião pra cá.

Uma semana depois de ter chegado, o sr. Tribble disse que a gente tinha de sentar e conversar.

— Forrest — ele disse —, o que você fez aqui é surpreendente, mas chegou a um ponto em que precisa iniciar algum planejamento financeiro sério.

Perguntei o que era isso e ele disse: — Investimentos! Diversificação! Olha, pelo que vi, no próximo ano fiscal terá lucros de cerca de cento e noventa mil dólares. No outro ano, serão quase de um quarto de milhão. Com um lucro desse ou reinveste o dinheiro ou o IR vai tributar você. O reinvestimento é o cerne do negócio americano!

E, aí, foi o que a gente fez.

O sr. Tribble se encarregou de tudo e formamos corporações aliadas. Uma era a “Companhia de Crustáceos Gump”. A outra se

chamava “Caranguejos Recheados Sue Inc.” e a outra era “Lagostim Étouffé da Mamãe Ltda.”.

Bem, o quarto de milhão virou meio milhão, depois um milhão, e assim por diante, até quatro anos depois, quando se tornou um negócio de cinco milhões de dólares ao ano. A gente tinha quase trezentos empregados, inclusive O Bosta e O Vegetal, cujos dias de luta tinham acabado. Eles carregavam os engradados pro armazém. Fizemos de tudo pra encontrar o Dan, mas ele tinha sumido sem deixar rastro. Encontramos o velho Mike, o promotor das lutas, e ele ficou sendo o relações públicas e encarregado da publicidade. Aceitando a sugestão do sr. Tribble, Mike contratou a Raquel Welch pra fazer alguns anúncios da gente na televisão — aparecia vestida de caranguejo, dançava e dizia: — Nunca comeram caranguejo se não experimentaram os do Sue!

Bem, a verdade é que as coisas tavam indo muito bem. A gente tinha uma frota de caminhões frigoríficos e uma frota de barcos de camarão, ostra e peixe. Tinha o nosso próprio frigorífico, um prédio administrativo e tinha investido pesado em propriedades como condomínios e shopping centers, e em acordos pra venda de óleo e gasolina. Contratamos o professor Quackenbush — o professor de inglês de Harvard que tinha sido despedido por molestar uma aluna — como cozinheiro no negócio de recheio da mamãe. Também contratamos o coronel Gooch, que tinha sido expulso do Exército depois do tour da minha Medalha de Honra. O sr. Tribble pôs ele como responsável pelas “atividades secretas”.

Mamãe mandou construir uma casa grande porque disse que não era certo um executivo como eu viver numa choupana. Disse que o Sue podia ficar ali e vigiar as coisas. Agora, todos os dias eu tinha de usar terno e carregar uma maleta como um advogado. Tinha de ir a reuniões a toda hora e ouvir um monte de merda que parecia conversa de pigmeu, e as pessoas me chamavam de “senhor Gump” e tudo. Em Mobile, me entregaram as chaves da cidade e pediram que fizesse parte do quadro de diretores do hospital e da orquestra sinfônica.

E aí, um dia, vieram umas pessoas ao escritório e disseram que queriam que eu me candidatasse ao Senado dos Estados Unidos.

— Você é inteiramente natural — um dos caras disse. Ele vestia terno e fumava um grande charuto. — Uma ex-estrela do futebol do Urso Bryant, um herói da guerra, um astronauta famoso e o confidente dos presidentes, o que mais pode-se querer? — ele perguntou. Seu nome era sr. Claxton.

— Olha — eu disse —, eu sou apenas um idiota. Não sei nada de política.

— Então, se encaixará perfeitamente! — o sr. Claxton disse. — Precisamos de homens como você. Você é perfeito! Ouça o que estou dizendo, é perfeito!

Não gostei dessa idéia, não mais do que todas as outras que as pessoas tiveram pra mim. As idéias dos outros geralmente me metiam em dificuldades. Mas quando contei pra mamãe, ela ficou toda prosa, com os olhos cheios de lágrimas e disse que essa era a resposta dos seus sonhos de ver seu menino ser um senador dos Estados Unidos.

Bem, chegou o dia em que iam anunciar a minha candidatura. O sr. Claxton e os outros alugaram o auditório em Mobile e me carregaram pro palco em frente de um público que pagou cinquenta

centavos pra ouvir aquela merda toda. Começaram com uma porção de discursos longos, de tirar o fôlego, e aí chegou a minha vez.

— Companheiros americanos — comecei. O sr. Claxton e os outros tinham escrito um discurso pra eu ler, e, depois, a audiência fazia perguntas. Câmeras de TV de um lado pro outro, flashes disparavam e repórteres rabiscavam nos seus caderninhos. Li o discurso todo que não era muito comprido e que não fazia muito sentido. Mas o que sei eu? Sou apenas um idiota.

Quando terminei de falar, uma jornalista se levantou e olhou pro seu bloquinho.

— Atualmente estamos à beira de um desastre nuclear — ela disse —, a economia está na bancarrota, a nação é insultada no mundo inteiro, a ilegalidade predomina em nossas cidades, pessoas morrem de fome diariamente, a religião desapareceu dos lares, a ganância e avareza se propagam por toda parte, os fazendeiros estão falindo, estrangeiros estão invadindo o país e tirando nosso trabalho, os sindicatos são corruptos, bebês morrem nos guetos, os impostos são injustos, as escolas estão caóticas e a fome, peste e guerra pairam sobre nós como nuvens. Em vista disso tudo, senhor Gump — ela perguntou —, na sua opinião, qual seria a questão mais urgente no momento? — O lugar tava tão silencioso que não se ouvia nem uma mosca.

— Preciso mijar — eu disse.

Quando ouviu isso, a multidão ficou fora de si! As pessoas começaram a gritar, a dar vivas, a aplaudir e a agitar as mãos no ar. No fundo da sala, alguém começou a repetir uma frase e logo o auditório todo acompanhou.

— PRECISAMOS MIJAR! PRECISAMOS MIJAR! PRECISAMOS MIJAR! — gritavam.

Minha mãe tinha ficado sentada atrás de mim no palco. Ela se levantou e me afastou do microfone.

— Devia se envergonhar! — ela disse. — Falar assim em público!

— Não, não! — o sr. Claxton disse. — É perfeito! Eles adoraram. Será o slogan da campanha.

— O quê? — mamãe perguntou e os olhos dela se apertaram até ficarem como duas contas pequeninas.

— *Precisamos Mijar!* — o sr. Claxton disse. — Escute! Ninguém nunca tinha conseguido uma relação assim com as pessoas comuns!

Mas mamãe não queria saber de nada disso.

— Quem já viu usar um slogan desse numa campanha! — ela disse. — É vulgar e repugnante. Além do mais, o que significa?

— É um símbolo — o sr. Claxton disse. — Pense apenas nos cartazes e anúncios que se pode criar. Os anúncios na televisão e no rádio. É um golpe de gênio, é isso que é. *Precisamos Mijar* é o símbolo da liberação da opressão do governo, da expulsão de tudo que está errado neste país... Significa frustração e alívio iminente!

— O quê? — mamãe perguntou desconfiada. — Perdeu o juízo?

— Forrest — o sr. Claxton disse —, está a caminho de Washington.

E parecia que tava mesmo. A campanha ia muito bem e “Precisamos Mijar” virou a máxima do momento. As pessoas gritavam isso nas ruas e de dentro dos carros e ônibus. Na televisão e nos jornais, os comentaristas e articulistas gastavam um tempão tentando explicar o que isso significava. Pregadores, nos púlpitos, bradavam essas palavras e as crianças cantavam elas na escola. Tava começando a parecer que eu ia vencer a eleição e, de fato, o candidato adversário ficou tão desesperado que elaborou seu próprio slogan “Também Preciso Mijar” e espalhou ele pelo estado todo.

Aí, tudo foi por água abaixo, como eu temia que fosse.

A história do “Preciso Mijar” chamou a atenção da mídia nacional e logo o *Washington Post* e o *New York Times* mandaram repórteres investigar e examinar o assunto. Me fizeram um monte de perguntas e pareciam muito simpáticos e cordiais, mas aí eles voltaram e começaram a cavar meu passado. Um dia, as matérias apareceram na primeira página de todos os jornais do país. “Candidato ao Senado Tem a Carreira Investigada”, diziam as manchetes.

Primeiro, escreveram que fui reprovado e desligado da Universidade no primeiro ano. Depois, desencavaram aquela história de Jenny e eu quando os tiras me levaram do cinema. Em seguida, foi a foto de eu mostrando o traseiro pro presidente Johnson no Rose Garden. Pesquisaram a época em Boston em que toquei com The Cracked Eggs e citaram pessoas dizendo que eu tinha fumado maconha e também mencionavam “um possível incêndio premeditado” na Universidade de Harvard.

E o pior: descobriram as acusações por eu ter jogado a medalha no Capitólio e que tinha sido condenado a ser internado num hospício. Além disso, souberam tudo sobre a minha carreira de lutador e que eu era chamado de O Burro. Levantaram até a foto de eu sendo amarrado pelo O Professor. No final, citavam várias “fontes anônimas” que diziam que eu tinha me envolvido num “escândalo sexual em Hollywood com uma atriz muito conhecida”.

E foi assim. O sr. Claxton entrou correndo no quartel-general da campanha gritando: — Estamos arruinados! Fomos apunhalados pelas costas! — e merdas assim. Mas tinha acabado tudo. Eu não tinha outra escolha a não ser abandonar a disputa. No dia seguinte, mamãe, eu e o sr. Tribble tivemos uma conversa.

— Forrest — o sr. Tribble disse —, acho que seria melhor você se afastar por um tempo.

Eu sabia que ele tava certo. E além disso, tinha outras coisas que não saíam da minha cabeça há muito tempo, apesar de eu nunca ter falado sobre elas antes.

Quando o negócio do camarão começou, eu gostava do trabalho, de levantar na alvorada e ir pros tanques, colocar as redes, recolher os camarões e tudo isso, de eu e Sue sentados na porta da cabana de pescador, à noite, quando eu tocava gaita, e me embebedar com as cervejas aos sábados.

Agora, não tinha nada disso. Eu ia a tudo que é tipo de jantar, onde era servida uma comida com a aparência misteriosa e as mulheres

usavam brincos enormes e essas merdas todas. O telefone não parava de tocar o dia todo, com as pessoas querendo me perguntar

sobre tudo que existe no mundo. Teria sido ainda pior no Senado. Como tava, eu já não tinha mais tempo pra mim mesmo e, de alguma forma, as coisas passavam sem que eu percebesse.

Além do mais, olhava no espelho e via rugas no meu rosto, meu cabelo começava a ficar grisalho e não tinha mais tanta energia quanto antes. Sabia que as coisas avançavam com o negócio, mas quanto a mim, eu me sentia rodopiando no mesmo lugar. Ficava pensando, pra que tudo aquilo? Há muito tempo, eu e Bubba tivemos um plano que era melhor do que a gente imaginava, mas e daí? Eu me divertia muito mais quando jogava contra aqueles palermas do Nebraska, no Orange Bowl, ou solava com a gaita em Boston, com os The Cracked Eggs, ou então, assistindo *The Beverly hillbillies* com o presidente Johnson.

E acho que Jenny Curran tem a ver com isso, mas como não se pode fazer nada a respeito, devo esquecer.

Mas de qualquer jeito, me dei conta que tinha de me afastar. Mamãe chorava soluçando, e enxugava os olhos com o lenço, como eu imaginei que fosse fazer, mas o sr. Tribble entendia perfeitamente.

— Por que não diz pra todo mundo que vai tirar umas férias longas? — ele disse. — E é claro que a sua parte no negócio estará aqui sempre que quiser.

E foi isso que fiz. Certa manhã, alguns dias depois, peguei um dinheiro, joguei umas poucas coisas numa mochila e desci até a indústria. Disse adeus à mamãe e ao sr. Tribble e depois apertei a mão de todo mundo — Mike, o professor Quackenbush, O Bosta, O Vegetal, Snake, o técnico Fellers e seus gorilas, o pai de Bubba e todo o resto.

Aí fui pra choupana e vi o Sue.

— O que vai fazer? — perguntei.

Sue segurou firme minha mão e pegou minha bolsa e carregou pra fora. Entramos no barco e remamos pra Bayou La Batre, e pegamos o ônibus pra Mobile. A mulher que vendia as

passagens disse: — Para onde? — Eu dei de ombros e ela disse: —
Por que não vai pra

Savannah? Estive lá uma vez e é uma bonita cidade.

E aí, foi isso que a gente fez.

26

Saltamos do ônibus em Savannah, e chovia a cântaros. Sue e eu ficamos na estação e eu comprei um café que levei pra debaixo de uma marquise e fiquei pensando no que ia fazer a seguir.

Na verdade, eu não tinha nenhum plano, por isso, depois de acabar o café, peguei a gaita e comecei a tocar. Toquei umas duas músicas e não é que um cara que passava jogou vinte e cinco centavos dentro do copinho de café? Toquei mais algumas músicas e, depois de um tempo, o copinho tava quase cheio de moedas.

Parou de chover e eu e o Sue saímos e pouco depois chegamos num parque no meio da cidade. Sentei num banco e toquei um pouco mais e as pessoas começaram a jogar moedas de cinco, dez e vinte centavos no copinho. Aí, Sue pegou o copinho e quando as pessoas passavam, ele ia até elas. No final do dia, a gente tinha ganho uns cinco dólares.

Nessa noite, dormimos no parque, num banco, e era uma noite bonita, clara, com estrelas e lua. De manhã, tomamos café e toquei a gaita de novo quando as pessoas começaram a sair pro trabalho. Ganhamos oito paus nesse dia e nove no outro, e, no final da semana, a gente tinha ganhado legal, levando em conta as circunstâncias. Depois do fim de semana, achei uma lojinha de música e fui até lá pra ver se encontrava outra gaita em sol, porque tocar sempre em dó tava ficando monótono. Num canto, tinha um cara vendendo um teclado usado. Parecia muito com o teclado que o George tocava no The Cracked Eggs, e no qual tinha me ensinado alguns acordes.

Perguntei quanto ele queria e o cara disse duzentos dólares, mas que me faria um desconto. Assim, comprei o teclado e o cara até improvisou um suporte pra que eu também pudesse tocar a gaita. Isso aumentou definitivamente nossa popularidade. No final da semana seguinte, a gente tava ganhando quase dez paus por dia e, aí, voltei à loja de música e comprei uma bateria usada. Depois de praticar por alguns dias, consegui tocar a bateria muito bem. Joguei fora o copinho de café e comprei um bonito copo de lata pro Sue passar em volta e a gente ia muito bem. Eu tocava tudo, de *The night they drove ole Dixie down a Swing lo, sweet chariot*, e achei uma pensão que aceitava o Sue e que servia café da manhã e jantar.

Certa manhã, Sue e eu távamos indo pro parque quando começou a chover outra vez. Savannah tem uma coisa: chove a cântaros dia sim, dia não. A gente tava descendo a rua em frente de um prédio de escritórios quando, de repente, vi uma coisa que me parecia vagamente familiar.

Tinha um homem de terno com um guarda-chuva, na calçada, e ele tava bem em frente a um grande saco plástico de lixo. Tinha alguém no saco de lixo, se protegendo da chuva, e só dava pra ver as mãos pra fora, lustrando os sapatos do homem. Atravessei a rua e olhei mais de perto e, podem acreditar, só vi as rodinhas de um daqueles carrinhos de boneca também pra fora do saco. Fiquei tão feliz que tava a ponto de explodir, e fui pra perto e tirei o saco de lixo e era Dan em pessoa, lustrando sapatos pra ganhar a vida!

— Me devolve o saco, seu paspalho — Dan disse. — Vou ficar ensopado — e, aí, ele viu o Sue. — Então, finalmente se casou, hã?

— É *ele* — eu disse. — Lembra de quando fui pro espaço?

— Vai lustrar meu sapato ou não? — o cara de terno disse.

— Cai fora — Dan disse — antes que faça a sola em pedaços. E o cara foi embora.

— O que faz aqui, Dan? — perguntei.

— O que parece que faço? — ele disse. — Virei comunista.

— Comunista como aqueles que a gente combateu na guerra?
— perguntei.

— Não — ele disse. — Aqueles eram comunistas amarelos.
Eu sou um comunista de verdade: Marx, Lenin, Trotsky. Todas essas besteiradas.

— Então, pra que tá engraxando sapatos? — eu disse.

— Para envergonhar os lacaios imperialistas — respondeu.
— Vejo a coisa da seguinte maneira: quem tem o sapato engraxado não vale nem uma merda, daí que quanto mais sapatos eu engraxar, mais deles enviarei pro inferno.

— Já que tá dizendo — falei.

Aí, Dan jogou fora o trapo e empurrou o carrinho pra debaixo do toldo, pra sair da chuva.

— Ora, Forrest, não sou nenhum maldito comunista — ele disse.

— De qualquer modo, não iam querer alguém como eu, desse jeito.

— Claro que iam, Dan — eu disse. — Você sempre disse que eu podia ser e fazer o que quisesse. Daí que você também pode.

— Ainda acredita nessa merda? — perguntou.

— Vi a Raquel Welch nuinha em pêlo — eu disse.

— Mesmo? — Dan disse. — E como é?

Bem, depois disso, Dan, Sue e eu nos juntamos. Dan não quis ficar na pensão, por isso dormiu lá fora, no saco de lixo. “Constrói um caráter” era como ele justificava isso. Ele contou o que tinha feito desde que tinha saído de Indianápolis. Primeiro, perdeu todo o dinheiro que tinha ganhado nas lutas em corridas de cachorros, e o que sobrou ele bebeu. Aí, conseguiu um emprego numa oficina mecânica, pra trabalhar debaixo dos carros, já que era fácil pra ele com aquele carrinho e tudo, mas disse que ficou cansado de óleo e graxa pingando nele o tempo todo. — Posso ser um pernetá, um vagabundo bêbado — disse —, mas nunca fui uma bola de sebo.

Depois, ele foi pra Washington, onde tava tendo a inauguração de um monumento pra nós, que fomos pra guerra do Vietnã. Quando viram ele e descobriram quem era, pediram que fizesse um discurso.

Mas ele tinha bebido demais numa recepção e esqueceu o que ia dizer. Daí que roubou a Bíblia do hotel onde tinham posto ele e, quando chegou a vez dele falar, leu o livro do Gênesis inteiro e ia acrescentar alguns trechos do Números quando desligaram o microfone e tiraram ele dali. Depois disso, tentou pedir esmolas, mas parou porque era muito “indigno”.

Contei pra ele de ter jogado xadrez com o sr. Tribble, o sucesso do negócio com os camarões e a candidatura ao Senado, mas ele parecia mais interessado na Raquel Welch.

— Acha que os peitos dela são de verdade? — perguntou.

A gente tava em Savannah há mais ou menos um mês, acho, e ia tudo bem. Eu atuava na minha banda de um homem só e o Sue coletava o dinheiro e Dan lustrava sapatos das pessoas que assistiam. Um dia, veio um cara de um jornal e tirou fotos da gente e publicou elas na primeira página.

“Párias em Parque Público”, era a legenda.

Certa tarde, eu tava lá tocando e pensando em ir até Charleston, quando notei um menino bem em frente da bateria, olhando pra mim.

Eu tava tocando *Ridin on the city of New Orleans*, mas o garotinho não tirava os olhos de mim, sem rir nem nada, mas tinha uma coisa nos olhos dele que brilhava e me fazia lembrar de uma maneira estranha alguma coisa. Aí então, olhei pra cima, e ali, de pé, um pouco afastada daquela gente toda, tinha uma mulher. Quando vi, quase desmaiei.

Era Jenny Curran.

Tava com rolos na cabeça e parecia um pouco mais velha e cansada, mas era a Jenny. Fiquei tão surpreso, que tirei uma nota triste da gaita por engano, mas acabei a música e Jenny veio e pegou o garotinho pela mão.

Os olhos dela tavam brilhando e ela disse:

— Oh, Forrest, sabia que era você quando ouvi a gaita. Ninguém toca gaita como você.

— O que tá fazendo aqui? — perguntei.

— Agora, moramos aqui — ela disse. — Donald é assistente do gerente de vendas de uma firma que faz telhas. Estamos aqui há uns três anos.

Como eu tinha parado de tocar, as pessoas foram embora e Jenny se sentou no banco perto de mim. O garotinho brincava com o Sue que começou a fazer gracinhas pro menino rir.

— Como passou a fazer uma banda de um homem só? — Jenny perguntou. — Mamãe me escreveu contando que você tinha começado um grande negócio de camarões em Bayou La Batre e estava milionário.

— É uma longa história — eu disse.

— Você não se meteu em confusão de novo, se meteu, Forrest?
— ela disse.

— Não, dessa vez não — eu disse. — E você? Está bem?

— Oh, acho que sim — ela disse. — Acho que consegui o que queria.

— E seu filho? — perguntei.

— É — ela disse. — Não é uma gracinha?

— É, sim — eu disse.— Qual é o nome dele?

— Forrest.

— Forrest? — eu disse. — Deu o meu nome?

— Tinha de dar — ela disse, como que pra ela mesma. —
Afinal, ele é metade seu.

— Metade o quê?

— Ele é seu filho, Forrest.

— Meu o quê?

— Seu filho. É o pequeno Forrest.

Olhei em volta e lá tava ele, rindo e batendo palmas porque agora o Sue plantava bananeira.

— Devia ter contado a você — Jenny disse —, mas quando saí de Indianápolis, eu estava grávida, entende? Não queria dizer nada, não sei por quê. Eu sentia como... bem, ali estava você chamando a si mesmo

de O Burro e aquela coisa toda e eu ia ter o bebê. Eu estava preocupada, bem... não sabia como ele ia ser.

— Quer dizer, se ia ser um idiota?

— Sim, mais ou menos — ela disse. — Mas olha, Forrest, está vendo? Ele não é de jeito nenhum um idiota! É inteligente como quê. Só tirou “A” no ano passado. Dá pra acreditar?

— Tem certeza de que é meu filho? — perguntei.

— Não há a menor dúvida — ela disse. — Ele quer ser jogador de futebol quando crescer. Ou astronauta.

Olhei de novo pro menininho e era um garoto forte e bonito. Os olhos eram claros e parecia que não tinha medo de nada. Ele e Sue jogavam o jogo-da-velha no chão de terra.

— Bem — eu disse —, e o seu... quer dizer...

— Donald? — Jenny disse. — Bem, ele não sabe sobre você. Conheci ele depois de deixar Indianápolis. Minha barriga crescia e eu não sabia o que fazer. Ele é gentil e bom. Cuida bem de mim e do pequeno Forrest. Temos uma casa e dois carros, e todo sábado ele leva a gente pra algum lugar, como a praia ou o campo. Aos domingos, vamos à missa e Donald está economizando para poder pagar a faculdade do pequeno Forrest e tudo.

— Posso ver ele, quer dizer, só por um minutinho? — perguntei.

— Claro — Jenny disse, e chamou o garotinho.

— Forrest — ela disse —, quero que conheça outro Forrest. Ele é um velho amigo meu, e é por causa dele que você se chama assim.

O garotinho veio e se sentou perto de mim e disse:

— O seu macaco é muito engraçado.

— É um orangotango — eu disse. — O nome dele é Sue.

— Como pode se chamar Sue se é ele?

Nesse instante, soube que meu filho não era nenhum idiota.

— Sua mãe disse que quando crescer quer ser jogador de futebol, ou astronauta — eu disse.

— Isso mesmo — ele disse. — Sabe alguma coisa sobre futebol ou astronautas?

— Sei — eu disse — um pouco, mas talvez seja melhor perguntar pro seu pai sobre isso. Estou certo de que ele sabe mais do que eu.

Aí ele me abraçou. Não foi muito apertado, mas foi o suficiente. — Quero brincar com o Sue mais um pouco — ele disse, e deu um pulo do banco. Sue bolou um jogo em que o pequeno Forrest jogava uma moeda no copo de lata e ele agarrava ela no ar.

Jenny veio pra perto de mim e suspirou e bateu de leve na minha perna.

— Às vezes, não consigo acreditar — ela disse. — A gente se conhece faz quase trinta anos, desde o primeiro grau.

O sol brilhava através das árvores, batendo bem no rosto de Jenny, e pode ser que tivesse uma lágrima nos olhos dela, mas que não aparecia, e ainda assim tava ali. Talvez fosse uma pulsação — não sei dizer o que era realmente, mesmo sabendo que tava ali.

— Simplesmente não consigo acreditar, só isso — ela disse. E aí se inclinou e deu um beijo na minha testa.

— O que é isso? — perguntei.

— Idiotas — Jenny disse e seus lábios tremiam. — Quem não é idiota?

E então foi embora. Se levantou, pegou o pequeno Forrest e levou ele pela mão.

Sue veio e se sentou na minha frente e traçou um jogo-da-velha no chão. Pus um X no quadradinho superior à direita e o Sue

pôs um O no meio, e, naquela mesma hora, vi que ninguém ia ganhar.

Bem, depois disso fiz algumas coisas. Primeiro, liguei pro sr. Tribble e disse que do que eu tinha direito no negócio dos camarões que desse 10% pra minha mãe e 10% pro pai do Bubba e que o resto fosse enviado a Jenny, pro pequeno Forrest.

Depois do jantar, passei a noite pensando, embora eu não seja particularmente bom nisso. Bem, mas pensava no seguinte: tinha encontrado Jenny de novo depois de tanto tempo. E ela tinha tido o nosso filho e quem sabe as coisas se ajeitavam.

Mas quanto mais pensava, mais entendia que não ia dar certo. Além disso, não achava que era por eu ser um idiota, que tudo seria mais fácil. Não, simplesmente eram coisas que aconteciam. Era como às vezes aconteciam. E além do mais, depois de pesar tudo, achei que o garoto estaria melhor com Jenny e o marido, que davam pra ele um lar e boa educação, e não com um pai com um cérebro tão pequeno.

Bem, alguns dias depois, eu, Sue e Dan partimos. Fomos pra Charleston, depois Richmond, Atlanta, Chattanooga, Memphis, Nashville e, finalmente, Nova Orleans.

Em Nova Orleans não dão a mínima pro que você faz, e nós três passamos o melhor tempo de nossa vida, jogando na Jackson Square e observando as outras pessoas esquisitas.

Comprei uma bicicleta com dois bagageiros laterais, pro Sue e pro Dan, e todo domingo pedalo até o rio, sentamos na margem e pescamos. Jenny escreve mais ou menos uma vez por mês e envia fotos do pequeno Forrest. A última mostrava ele vestido com o uniforme do time mirim de futebol. Tem uma garota que é garçonete de uma das boates de striptease e, de vez em quando, a gente sai junto. O nome dela é Wanda. Muitas vezes, eu,

Sue e Dan só ficamos andando pelo Bairro Francês e, acreditem, lá tem umas outras pessoas esquisitas além da gente. Parecem saídas da Revolução Russa ou coisa parecida.

Um dia, veio um cara do jornal local que queria fazer uma matéria comigo porque eu era a melhor banda de um homem só que ele tinha escutado. Começou a fazer perguntas sobre a minha vida e, aí, eu contei toda a minha história. Mas mesmo antes de eu terminar, ele foi embora; disse que não podia publicar nada daquilo porque ninguém ia acreditar.

Mas vou dizer uma coisa: às vezes, à noite, quando olho pras estrelas e vejo aquele céu todo lá em cima, não achem que não fico recordando. Ainda tenho sonhos como todo mundo, e muitas vezes penso em como as coisas podiam ser. E aí, de repente, tenho quarenta, cinquenta, sessenta anos, entendem?

Bem, mas e daí? Posso ser um idiota, mas na maior parte do tempo tentei fazer a coisa certa. E sonhos são apenas sonhos, não são? Assim, independente de qualquer outra coisa que pudesse ter acontecido, acho que posso olhar pra trás e dizer que, pelo menos, não levei uma vida monótona.

Entendem o que quero dizer?



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

{1} Gíria que significa “doidões”, “porras-loucas”. (N. da T.)

{2} *O rei Lear*, William Shakespeare. Trad. Millôr Fernandes. LPM Editores, Rio Grande do Sul, 1981.